



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
UNIDADE DE ITABAIANA**



MARI GERALDA D'AVILA CARDOSO

**A LEITURA DIALÓGICA COM RESSIGNIFICAÇÃO VALORADA DO LIVRO E
DO FILME *SHREK* NA SALA DE AULA**

**ITABAIANA – SE
2024**

MARI GERALDA D'AVILA CARDOSO

**A LEITURA DIALÓGICA COM RESSIGNIFICAÇÃO VALORADA DO LIVRO E
DO FILME *SHREK* NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Estudos da linguagem e práticas sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR
ALBERTO CARVALHO – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C268l Cardoso, Mari Geralda D'avila.

A leitura dialógica com ressignificação valorada do livro e do filme Shrek na sala de aula/ Mari Geralda D'avila Cardoso; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2024.
176 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2024.

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Conto de fadas. I. Silva, José Ricardo Carvalho. (orient.). II. Título.

CDU 028.4

MARI GERALDA D'AVILA CARDOSO

**A LEITURA DIALÓGICA COM RESSIGNIFICAÇÃO VALORADA DO LIVRO E
DO FILME *SHREK* NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
Profissional em Letras em Rede – PROFLETRAS
– Unidade de Itabaiana, da Universidade Federal
de Sergipe, como requisito para atender à atividade
de Defesa à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof. Dr. César Costa Vitorino
Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Profa. Dra. Marcia Regina Curado Pereira Mariano
Universidade Federal de Sergipe – UFS.

ITABAIANA – SE
2024

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai de infinita misericórdia, por ter me concedido a oportunidade de vivenciar esta experiência enriquecedora;

Às minhas amadas filhas, Roberta e Olga Helena, pelo carinho, incentivo e apoio aos meus estudos;

A minha amiga Sanadia Gama dos Santos, Doutora em Letras/ UEM e professora da Universidade Estadual de Alagoas, pelo incentivo a participar da seleção do PROFLETRAS e por ter acreditado na minha capacidade;

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, pelo carinho, atenção constante, paciência, pela orientação magnífica e dedicação a todo instante, pelo incentivo para avançar cada vez mais, pela possibilidade de construir este trabalho;

Ao Prof. Dr. Carlos Magno, por todo o apoio durante o curso, e a todos os professores da Turma 8 do PROFLETRAS, que nos possibilitaram novos conhecimentos para utilizar em sala de aula;

À secretária do PROFLETRAS-ITA, Carmen, pela atenção e dedicação;

A minha colega Mônica, pela parceria no PROFLETRAS;

A minha amiga Carmen Pimentel, Mestra em Educação/ UFS, pelo apoio, incentivo e carinho nesta minha jornada;

A todos os colegas de curso, pelo companheirismo, especialmente, as *Bakhtinianas* Ana Célia e Graça, que embora não tenhamos nos conhecido pessoalmente, conhecemo-nos virtualmente, e assim, através do apoio, da palavra de incentivo, fomos fortalecidas para prosseguirmos nossas pesquisas;

Aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, que aceitaram participar da pesquisa por amor ao conhecimento e por gostarem de desafios;

À CAPES, agência de fomento do programa PROFLETRAS;

A todos que participaram de uma forma ou de outra, a minha profunda gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as possibilidades de leitura ética e discursiva na escola, focando em atividades de compreensão ativa do livro *Shrek*, de William Steig, publicado em 1990, e sua primeira adaptação cinematográfica, dirigida por Andrew Adamson e Vicky Jenson, em 2001, pelo estúdio de animação Dream World. O estudo faz uso das categorias sátira, paródia, grotesco e sublime, que sustentam a proposta de análise da carnavalização em Bakhtin. Ao aplicar as categorias de análise na leitura dialógica de *Shrek*, pretende-se observar como as diferentes vozes dessas criações artístico-literárias (autor, personagens, vozes sociais) entram em diálogo com os contos de fadas tradicionais e a visão de mundo da sociedade contemporânea. A pesquisa analisa a aplicação de uma proposta didática de percurso de leitura literária com ressignificação valorada desenvolvida de Carvalho (2021, 2023, 2024), a fim de explorar as capacidades de produção de sentido no plano ético-estético-discursivo em uma classe do 9º ano do Ensino Fundamental. Nossa hipótese central é a de que os procedimentos de compreensão de atividades de leitura dialógica em uma perspectiva ético-estilística-discursiva possuem um papel significativo na formação do leitor, oferecendo possibilidades de mediação didática em sala de aula que ajudam a problematizar a construção de sentido dos enunciados e ampliar a capacidade crítica do aluno. Sendo assim, esta pesquisa, situada no campo da Linguística Aplicada, realiza um estudo de caso que explora a leitura com ressignificação valorada de *Shrek*, tanto em sua forma literária quanto cinematográfica, em oposição aos valores preconizados pelos contos de fadas tradicionais. Sob o enfoque da compreensão responsiva e responsável, os participantes da pesquisa contrastam os valores tradicionais dos contos de fadas com os valores assumidos pelas obras analisadas por meio de procedimentos de leitura ético-discursivos. Por esse caminho, a pesquisa apresenta e analisa, em uma situação empírica, a aplicação do trabalho de leitura dialógica em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II de um colégio estadual situado na cidade de Aracaju, Sergipe. Nesta pesquisa, são exploradas as categorias da carnavalização delineadas por Bakhtin (2011) em uma oficina de leitura dialógica, tendo como produto um caderno pedagógico que fornece subsídios teórico-práticos para propostas de leitura que sigam o mesmo parâmetro.

Palavras-chave: *Shrek*; leitura; carnavalização; ressignificação valorada; compreensão ativa.

ABSTRACT

This research investigates the possibilities of ethical and discursive reading in schools, focusing on active comprehension activities of the book *Shrek*, by William Steig, published in 1990, and its first film adaptation, directed by Andrew Adamson and Vicky Jenson, in 2001, by the animation studio Dream World. The study makes use of the categories satire, parody, grotesque and sublime, which support Bakhtin's proposed analysis of carnivalization. By applying the categories of analysis to the dialogical reading of *Shrek*, we intend to observe how the different voices of these artistic-literary creations (author, characters, social voices) enter dialogue with traditional fairy tales and the worldview of contemporary society. This research analyzes the application of a didactic proposal for a literary reading path with valued resignification developed by Carvalho (2021, 2023, 2024), in order to explore the capacities for producing meaning in the ethical-aesthetic-discursive plane in a 9th grade elementary school class. Our central hypothesis is that the procedures for understanding dialogic reading activities from an ethical-stylistic-discursive perspective have a significant role in the formation of the reader, offering possibilities of didactic mediation in the classroom that help to problematize the construction of meaning in statements and expand the student's critical ability. Therefore, this research, within the field of Applied Linguistics, carries out a case study that explores the valued reinterpretation of *Shrek*, both in its literary and cinematographic form, in opposition to the values advocated by traditional fairy tales. From the perspective of responsive and responsible understanding, the research participants contrast the traditional values of fairy tales with the values assumed by the works analyzed through ethical-discursive reading procedures. In this way, the research presents and analyzes, in an empirical situation, the application of dialogic reading work in a 9th grade class of Elementary School II at a state school located in the city of Aracaju, Sergipe. In this research, the categories of carnivalization outlined by Bakhtin (2011) are explored in a dialogic reading workshop, having as a product a pedagogical notebook that provides theoretical and practical support for reading proposals that follow the same parameter.

Keywords: *Shrek* Reading; carnivalization; valued resignification; active comprehension.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cena do filme <i>Shrek</i> onde o Biscoito de Gengibre é torturado pelo Lord Farquaad.....	22
Figura 2: Capa do livro de William Steig	29
Figura 3: Cartaz do filme <i>Shrek</i>	35
Figura 4: Livro dos filmes: <i>Shrek</i> e <i>Branca de Neve</i>	44
Figura 5: Shrek saindo do banheiro.....	46
Figura 6: Lord Farquaad e chefe executivo da Walt Disney.....	50
Figura 7: Chegada ao castelo onde está aprisionada a princesa Fiona.....	52
Figura 8: Cena do filme <i>Shrek</i> , quando o burro encontra o dragão (paródia de Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau, Cupido)	53
Figura 9: Cena do filme – <i>Shrek</i> quando encontra a princesa Fiona (paródia da Bela Adormecida)	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Começo da história no livro de William Steig.....	30
Quadro 2: Shrek e a bruxa.....	31
Quadro 3: Shrek se encontra com a princesa pela primeira vez.....	32
Quadro 4: Contraste ético-discursivo dos paradigmas tradicionais e emergentes.....	38
Quadro 5: Shrek narra a história de uma princesa aprisionada por um dragão	45
Quadro 6: Os personagens dos contos de fadas estão sendo presos.....	47
Quadro 7: Encontro do burro com o dragão.....	53
Quadro 8: Shrek encontra Fiona pela primeira vez	54
Quadro 9: Shrek entra na igreja	57
Quadro 10: Conceitos de carnavalização, paródia, sátira, grotesco e sublime.....	63
Quadro 11: Questão sobre expectativas tradicionais de beleza e respostas dos alunos	66
Quadro 12: Questão de interpretação sobre final feliz nos contos.....	67
Quadro 13: Poema carnavalizado da Aluna E	75
Quadro 14: Conto produzido pela aluna C em formato de cordel.....	78
Quadro 15: Conto produzido pelo Aluno B	81
Quadro 16: Reflexão do Aluno B sobre o conto que produziu (transcrição).....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Perguntas de pesquisa.....	16
1.3 Objetivos.....	16
1.3.1 Objetivo geral.....	16
1.3.2 Objetivos específicos.....	16
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	18
2.1 A teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin.....	18
2.2 A paródia.....	24
2.3 A sátira menipeia.....	25
2.4 Conhecendo um pouco mais os valores na narrativa de <i>Shrek</i>	28
3 METODOLOGIA.....	41
3.1 Análise de dados da carnavalização na obra <i>Shrek</i>	44
3.1.1 Análise das interações nas aulas de compreensão sociocognitiva e axiológica.....	61
3.1.2 Análise do livro na sala de aula.....	65
3.1.3 Comparação entre as versões de <i>Shrek</i> (livro e filme) e sua relação com contos de fadas tradicionais.....	70
3.1.4 A compreensão responsiva e a produção artístico-literária dos alunos.....	73
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE PESQUISA.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
ANEXO A – Termo de Confidencialidade.....	95
ANEXO B – Termo de Compromisso para Coleta de Dados em Arquivos.....	96
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	97
ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	98
ANEXO E – Poemas produzidos pelos alunos.....	99
ANEXO F – Contos produzidos pelos alunos.....	104

1 INTRODUÇÃO

Promover a leitura crítica e ético-discursiva do texto artístico-literário corresponde a um desafio para os professores, exigindo destes ampla reflexão teórica e prática sobre o processo de planejamento e mediação nas aulas de leitura dos textos produzidos nessa esfera social. A tradição dos livros didáticos oferece análises superficiais de trechos e não fomenta uma compreensão das implicações axiológicas e ideológicas na leitura dos textos artístico-literários.

Em conjunção aos materiais didáticos, as práticas tradicionais de ensino muitas vezes não exploram os textos em seu contexto histórico, cultural e social. Isso pode tornar difícil para os alunos a compreensão do processo de significação de uma obra. As abordagens tradicionais muitas vezes não incentivam os alunos a ressignificar valores por meio da leitura com base na sua vivência e na sua experiência. Adicionalmente, a falta de contexto histórico, cultural e social nas propostas de leitura do texto artístico-literário no ensino tradicional, pode impedir os alunos de captar impressões apreciativas acerca dos enunciados. As abordagens que se centram somente nos elementos estruturais fixos e regulares do texto não incentivam os alunos a reinterpretar valores com base em suas experiências pessoais, limitando a capacidade deles em desafiar e reavaliar os valores apresentados em obras literárias. Bakhtin (2003) enfatiza a importância da compreensão ativa, sugerindo que a leitura envolve colocar um texto em seu contexto, explorar as motivações dos falantes e entender as relações dialógicas à luz do ambiente histórico, cultural e social. Em seus estudos, o autor (2003) defende que a produção de uma leitura crítica e dialógica envolve o ato de compreensão ativa a partir das relações dialógicas. Para o estudioso,

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível (Bakhtin, 2003, p. 88).

Compreender ativamente um texto requer colocá-lo em contexto para produzir sentido aos enunciados que estabelecem relações com outros enunciados. Sendo assim, a leitura é muito mais que o reconhecimento dos conteúdos presentes no texto; significa

explorar as motivações dos agentes que interagem em uma interação verbal e os efeitos das relações dialógicas, considerando o contexto histórico, cultural e social em que está inserido o texto. Podemos dizer que o leitor ativo não se limita apenas ao significado trivial das palavras, mas avalia os valores subjacentes ao discurso e as atitudes do agente de linguagem em relação às vozes que compõem uma construção estética, tornando a leitura um processo dialógico que envolve reflexão crítica com base nas suas experiências culturais, sociais e existenciais. Essa abordagem de leitura não apenas enriquece a compreensão do texto, como também amplia a visão de mundo do leitor.

Observamos que as pesquisas no campo da leitura que se limitam à descrição etnográfica não deixam claro a compreensão do objeto de análise da criação estética e as suas especificidades no plano do planejamento das aulas e da mediação pedagógica. Segundo Carvalho (2024), não há ainda uma proposta teórico-metodológica específica sobre os conteúdos e o enfoque de como trabalhar com a leitura do texto artístico-literário na escola sob abordagem discursiva relacionando as questões estilísticas na construção estética com a vinculação ao plano da valoração dos enunciados em relações dialógicas. Tal como Bakhtin (2011), o autor referido procura vincular na atividade de compreensão dos textos na sala de aula, forma, conteúdo e materialidade linguístico-estilística a partir do posicionamento dos agentes de linguagem que enunciam. Sendo assim, defendemos uma proposta de leitura com ressignificação valorada na qual os enunciados são observados nas relações dialógicas, exigindo do leitor também um posicionamento ético-discursivo diante dos conflitos em sua relação com o mundo da vida¹ em que está situado.

Nesta pesquisa, observamos como obras artístico-literárias contemporâneas dialogam com os contos de fadas tradicionais. A escolha do livro *Shrek* (1990), de William Steig, e do filme *Shrek* (2001), tem como preocupação observar o movimento das relações dialógicas das obras contemporâneas com os contos de fadas por meio da carnavalização, observando o modo como são desconstruídos artisticamente estereótipos que a sociedade promoveu por meio de um discurso preconceituoso no que se refere, principalmente, à aparência. Em vez de reproduzir os padrões convencionais, a obra apresenta como protagonista um ogro e uma princesa que não se encaixam nos moldes

¹ O conceito de “mundo da vida” foi criado pelo filósofo alemão Edmund Husserl, que se refere à experiência imediata e pré-reflexiva do mundo, ou seja, ao modo como o mundo é vivido antes de ser interpretado ou analisado de maneira filosófica ou científica. Esse conceito foi especialmente enfatizado por Husserl em sua última fase, quando ele buscava compreender as estruturas fundamentais da experiência humana e como a realidade é vivida de forma direta e não filtrada pela reflexão filosófica (MELO, 2020).

tradicionais, convocando os leitores a refletir sobre o valor da aparência e a essência dos seres em suas relações de convivência.

No livro, Shrek é um protagonista anti-herói, feio e antissocial que se destaca como um herói fora dos padrões dos contos de fadas clássicos. A narrativa valoriza a essência do indivíduo, destacando que a beleza externa não define o valor de uma pessoa. Além disso, as cenas exploram imagens grotescas, incluindo elementos como flatulência, deformidades e diálogos sarcásticos, que rompem com o tom idealizado encontrado em contos de fadas tradicionais. Essa obra literária proporciona uma ressignificação valorada, incentivando os leitores a apreciar a diversidade e questionar os comportamentos idealizados pelas convenções sociais reproduzidos pelos contos de fadas.

O filme *Shrek* expande ainda mais essa visão ao adaptar a história para o cinema. Ele desafia os estereótipos tradicionais dos contos de fadas, mostrando que personagens considerados “monstruosos” podem ser, na verdade, heróis que buscam aceitação em sociedades preconceituosas. O filme explora temas profundos, como abandono, solidão e superação, permitindo que crianças e adultos se identifiquem com os personagens. Além disso, por meio da jornada do herói Shrek, o filme promove valores como o amor verdadeiro, a importância de olhar além das aparências e a celebração da união para enfrentar os desafios.

Ambas as versões de *Shrek* desafiam os valores tradicionais presentes nos contos de fadas, oferecendo uma abordagem ético-discursiva que promove a reflexão sobre questões sociais, a aceitação da diversidade e a importância de se questionar normas estabelecidas. Isso torna a obra relevante não apenas como entretenimento, mas também como uma ferramenta valiosa para a educação, incentivando uma leitura crítica e reflexiva.

Aquele que lê a obra escrita e depois a vê na tela do cinema pode estabelecer diferenças e semelhanças discursivas nas relações dialógicas com os contos de fadas tradicionais. As imagens na tela do cinema podem proporcionar novos ângulos sobre os conteúdos afetivos e axiológicos apresentados pelo autor-criador. Nessa perspectiva, o diálogo entre expressões artísticas pode ser um importante aliado para colocar o aluno em contato com a leitura do texto e sua relação com o mundo da vida. Nesse sentido, podemos perceber que um texto e sua construção discursiva se fundamenta em várias vozes que respondem a enunciados advindos de épocas e lugares sociais distintos, cabendo ao leitor captar como cada participante do diálogo se comporta na interlocução diante das relações sociais, ideologias e posicionamentos axiológicos.

Em diálogo com as duas narrativas em estudo, encontram-se os contos de fadas, que têm uma longa tradição na literatura, difundindo valores da cultura cristã-burguesa. A sociedade passou por processos de transformação ao longo do tempo, e diferentes vozes culturais, sociais e históricas retomam os antigos discursos. Inicialmente, muitos contos de fadas surgiram em contextos que refletiam os valores da sociedade burguesa, enfatizando valores distintos, tais como a busca pela riqueza como símbolo de sucesso, a ascensão social como objetivo máximo, a importância da aparência e a aceitação dos discursos das autoridades na sociedade.

Além disso, os contos de fadas clássicos têm sido conhecidos por apresentar uma visão maniqueísta do mundo, nos quais os personagens e eventos são muitas vezes retratados de forma muito simplista, divididos entre o bem e o mal absoluto. Nesses contos tradicionais, os heróis são geralmente representados como virtuosos, belos e corajosos, enquanto os vilões são retratados como feios, cruéis e desprovidos de qualquer virtude.

Essa visão maniqueísta serviu, durante muito tempo, para transmitir valores morais destinados a ensinar às crianças lições de comportamento certo e errado. No entanto, essa abordagem também sofre limitações, uma vez que não permite a exploração da complexidade moral e dos matizes éticos presentes na vida real. Além disso, essa idealização dos personagens reforça estereótipos e padrões rígidos de comportamento.

Observamos que a literatura contemporânea vem inserindo obras como *Shrek*, que desafiam a visão maniqueísta dos contos de fadas, criando personagens mais complexos, ambíguos e humanos. Essa proposta estética reflete uma compreensão mais realista e matizada da natureza humana e dos dilemas éticos enfrentados. As histórias contemporâneas permitem uma exploração mais profunda dos personagens, seus motivos e dilemas morais, convidando os leitores a refletir sobre questões éticas de maneira mais crítica e informada. Sendo assim, à medida que a sociedade e a cultura se transformam, as vozes que constituem os contos de fadas também mudam. Novas interpretações e versões dessas histórias começam a questionar e subverter discursos e atitudes alicerçados no passado.

O exame do processo de resignificação dos valores na literatura contemporânea é um terreno fértil no plano do conteúdo, da forma e da matéria linguística. Por meio de uma escrita inovadora, esses escritores desafiam as convenções literárias tradicionais, explorando a prosa poética, a narrativa fragmentada e a combinação criativa de texto e imagem. Essa abordagem visa criar uma experiência de leitura única, levando os leitores

para além dos limites do que é considerado convencional, estimulando a reflexão sobre como a linguagem pode ser moldada e reinventada.

Por esse caminho, autores e cineastas dos filmes de animação dão voz a personagens que não se encaixavam nos padrões de beleza, status social ou papéis de gênero, desafiando assim os valores sedimentados na aparência e enaltecendo a essência humana. Com o fazer artístico-literário ampliado, abre-se espaço para o saber crítico e sensível, que tem a potencialidade de humanizar e compreender a realidade. Assim, como preconizam os estudos de Bakhtin em uma abordagem dialógica, Souza (2013, p. 11) menciona que,

No processo de releitura a que vem sendo submetido o gênero conto de fadas, percebemos que o principal dispositivo de atuação é a paródia. Esta reorganiza os elementos principais da estrutura do gênero do texto de partida (processo de recorte) para inseri-los num outro discurso e linguagem, de modo a produzir um estranhamento, uma vez que, nessa passagem, há a inserção de outros elementos que atualizam a expressão e o conteúdo dos contos.

Nesse contexto, é possível perceber que a prática da releitura de contos de fadas pode ser vista como um diálogo cultural em andamento entre diferentes épocas e perspectivas. Autores contemporâneos revisam e reinterpretam os contos clássicos, inserindo elementos que refletem as preocupações e os valores de suas próprias épocas. Isso cria uma conexão entre o passado e o presente, permitindo a ressignificação valorada das histórias.

1.1 Justificativa

A pesquisa proposta apresenta desafios a serem examinados no contexto da educação e da análise crítica de narrativas contemporâneas. O objetivo geral de avaliar a experiência de leitura com ressignificação valorada, utilizando o livro *Shrek* e seu filme correspondente, reflete a necessidade de examinar como as novas abordagens literárias podem contribuir para o desenvolvimento da criticidade e do senso estético dos alunos. Isso nos leva a considerar como as estratégias de leitura e análise, com base na percepção da paródia e da sátira menipeia, podem ser eficazes no contexto de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

Voltaremos nossa atenção para a comparação entre o livro e o filme, destacando as semelhanças e diferenças em relação aos valores dos contos de fadas tradicionais. Além

disso, investigar o uso da paródia e da sátira menipeia nas narrativas, especialmente em relação a questões sociais, estéticas e filosóficas, oferece uma oportunidade única de explorar como essas ferramentas literárias podem ser empregadas para questionar e criticar a sociedade e os valores preestabelecidos. Além disso, a pesquisa busca desvendar como a compreensão ativa dos alunos pode ser promovida por meio dessas estratégias de ressignificação valorada, levando em conta a carnavalização presente na paródia e os 14 aspectos distintivos da sátira menipeia.

1.2 Perguntas de pesquisa

- Em que medida a proposta de leitura com ressignificação valorada contribui para a organização do trabalho didático de formação do leitor do texto artístico-literário, a partir da experiência de leitura com compreensão ativa de *Shrek*?
- Como os participantes, por meio da mediação do professor, ressignificam os valores dos contos de fadas tradicionais e das versões de *Shrek* diante das propostas de leitura na sala de aula?
- Que relações críticas entre os valores dos contos de fadas, da história de *Shrek* e os eventos do mundo real os participantes realizaram durante as aulas de leitura?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Avaliar de que forma o desenvolvimento de uma proposta de leitura com ressignificação valorada do livro *Shrek* e do filme correspondente, contribui para o desenvolvimento da criticidade e do senso estético dos leitores/espectadores em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

1.3.2 Objetivos específicos

- Observar as relações dialógicas entre o livro *Shrek* e o filme, em confronto com os valores dos contos de fadas tradicionais;

- Examinar como as narrativas no livro e na versão cinematográfica de *Shrek* fazem uso da paródia, da sátira e do grotesco por meio da carnavalização para criticar questões sociais, estéticas e filosóficas que são abordadas nas versões lidas;
- Analisar os procedimentos de leitura com ressignificação valorada, destacando os elementos da carnavalização no livro e no filme *Shrek*;
- Descrever a experiência de leitura com ressignificação valorada do livro *Shrek* e do filme, tomando como base a percepção de paródia, sátira e grotesco no desenvolvimento da criticidade e do senso estético dos leitores/espectadores em uma classe do 9º ano.

Neste estudo de caso, exploramos a experiência de leitura com ressignificação valorada do livro *Shrek* e do filme em uma turma do 9º ano. O foco recai na identificação da paródia e da sátira menipeia na história de *Shrek* e como isso motiva os alunos a uma análise crítica dos temas e dos personagens. Além disso, examinamos como os estudantes percebem a ressignificação dos valores dos contos de fadas tradicionais por meio da narrativa de *Shrek* e como estabelecem relações críticas com os valores da história e eventos do mundo real durante as aulas de leitura. Para coletar dados, utilizamos uma abordagem qualitativa, empregando discussões em sala de aula e examinando o impacto da leitura de *Shrek* na formação crítica e estética dos alunos.

Ao final da pesquisa, apresentamos um caderno pedagógico a ser compartilhado com outros educadores interessados em abordar a leitura artístico-literária de maneira crítica, focada nas relações dialógicas. Dessa forma, o alcance da pesquisa permite que mais professores possam pensar sobre mediações pedagógicas que incentivem a leitura com compreensão ativa de textos artístico-literários.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLISE DO FILME E LIVRO DE *SHREK*

A carnavalização é uma categoria analítica fundamental na teoria literária de Mikhail Bakhtin, na medida em que representa uma abordagem dialógica para compreender a dinâmica da cultura, da linguagem e da criação artístico-literária. Originada no contexto das festividades carnavalescas, a carnavalização não é apenas uma subversão das normas sociais, mas também uma oportunidade de reavaliar e explorar os valores culturais e sociais do ponto de vista estético e axiológico. A compreensão do processo da carnavalização desempenha um papel crucial na análise das criações artístico-literárias, como o conto e o filme *Shrek*.

Nesse contexto, a paródia emerge como um elemento inseparável da carnavalização, pois encontra sua expressão orgânica nos gêneros que satirizam e ironizam discursos sacralizados. Na Antiguidade, a paródia estava intrinsecamente ligada à cosmovisão carnavalesca, criando um “mundo às avessas”, que não era apenas uma negação simplista do parodiado, mas sim uma forma ambivalente de recriação e renovação através do riso e da inversão de papéis. A sátira menipeia, por sua vez, surge como um gênero literário profundamente enraizado no folclore carnavalesco, influenciando diversas épocas e contribuindo para a evolução da prosa literária e do romance europeu.

A carnavalização e a sátira menipeia, presentes no texto literário *Shrek* e na adaptação cinematográfica, ganham destaque nesta pesquisa. Ao reinterpretarem os contos de fadas tradicionais por meio da paródia, essas obras subvertem as convenções sociais e desafiam as normas culturais, proporcionando uma oportunidade de ressignificação valorada e a compreensão ativa responsável e responsiva dos leitores em formação.

Abordamos, nesta seção, os aspectos da carnavalização e da sátira menipeia presentes em *Shrek*, analisando como esses elementos contribuem para uma leitura com ressignificação valorada e como o filme se encaixa na tradição de obras carnavalizadas que desafiam as normas e os valores preexistentes.

2.1 A teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin

A escolha dos elementos da teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin para analisar *Shrek* pode contribuir muito com o trabalho de apreciação estética do leitor em

sala de aula. A teoria da carnavalização de Bakhtin (1987, 2011) oferece uma lente analítica valiosa para compreender as relações dialógicas quando se observa a diversidade intencional de vozes, misturando o vulgar, o sublime e diferentes estilos de linguagem em um projeto estético de criação artístico-literária. Essa abordagem não apenas enriquece a análise crítica da obra, como também contribui para a formação de leitores atentos e reflexivos sobre as representações inscritas no texto e os posicionamentos dos personagens diante dos valores e de conflitos éticos. Muitos desses conflitos fazem parte da vida dos alunos e da sociedade de maneira geral.

Bakhtin desenvolveu a teoria da carnavalização a fim de compreender a profunda ligação do carnaval com a cultura popular, a vida e a criação literária. No senso comum, a palavra “carnaval” tem uma relação particular com o riso e com a alegria; todavia, na concepção bakhtiniana, esse fenômeno aponta para um processo de criticidade quanto aos valores consagrados nos planos social, cultural e estético. A literatura carnavalizada intercala os gêneros do discurso, mistura o vulgar e o sublime, provoca uma mistura de estilos, de dialetos, de jargões, construindo, assim, uma diversidade intencional de vozes. Nesse sentido, “A literatura carnavalizada é ambivalente, pois nela não há a denúncia negativa de caráter moral ou sociopolítico que opera apenas no plano da negação” (Pokulat, 2012, p. 54).

A obra, para ser considerada carnavalizada, precisa, através do riso, desconsagrar e relativizar as verdades preestabelecidas. O conto e o filme *Shrek* se inserem na perspectiva de uma obra carnavalizada porque, ao fazerem a releitura dos contos de fadas tradicionais, apresentam como personagem principal um ogro no lugar do prototípico príncipe. Além disso, exploram o grotesco com cenas que trazem o baixo corporal. Dessa forma,

O riso tem o extraordinário poder de aproximar o objeto, ele o coloca na zona do contato direto, onde se pode apalpá-lo sem cerimônia por todos os lados, revirá-lo, virá-lo do avesso, examiná-lo de alto a baixo, quebrar o seu envoltório externo, penetrar nas suas entranhas, duvidar dele, estendê-lo, desmembrá-lo, desmascará-lo, desnudá-lo, examiná-lo e experimentá-lo à vontade. O riso destrói o temor e a veneração para com o objeto e o mundo, coloca-o em contato familiar e, com isto, prepara-o para uma investigação absolutamente livre (Stam, 1998, p. 413-414).

Bakhtin (2011) explana como os gêneros se formaram e se desenvolveram. Explica que foi na Antiguidade Clássica e depois na fase do Helenismo que o gênero sério-cômico se formou e se desenvolveu, e, embora tenham surgido vários gêneros, eles

mantiveram em seu interior a mesma fonte original criadora. Como exemplo do gênero sério-cômico, os antigos incluíam:

Os mimos de Sófron, o “diálogo de Sócrates” (como gênero específico), a primeira Memorialística (Íon de Quio, Crítias), os panfletos, toda a poesia bucólica, a “sátira minipeia” (como gênero específico) e alguns outros gêneros. Dificilmente poderíamos situar os limites precisos e estáveis desse campo de sério-cômico. Mas os antigos percebiam nitidamente a originalidade essencial desse campo e o colocavam em oposição aos gêneros sérios, como a epopeia, a tragédia, a história, a retórica clássica, etc. (Bakhtin, 2011, p. 121).

Então, o que distingue o gênero sério-cômico dos gêneros considerados sérios é o fato de aquele estar ligado às características do folclore carnavalesco, e, como o autor esclarece, o sério-cômico é originário do folclore carnavalesco de tradição oral. Nesse sentido, para Bakhtin (2011, p. 122), a cosmovisão carnavalesca é

[...] dotada de uma poderosa força vivificante e transformadora e de uma vitalidade indestrutível. Por isto, aqueles gêneros que guardam até mesmo a relação mais distante com as tradições do sério-cômico conservam, mesmo em nossos dias, o fermento carnavalesco que os distingue acentuadamente entre outros gêneros. Tais gêneros sempre apresentam uma marca especial pela qual podemos identificá-los. Um ouvido sensível sempre adivinha as repercussões, mesmo as mais distantes, da cosmovisão carnavalesca.

Chamaremos literatura carnavalizada à literatura que, direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores, sofreu a influência de diferentes modalidades de folclore carnavalesco (antigo ou medieval). Todo o campo do sério-cômico constitui o primeiro exemplo desse tipo de literatura. Para nós, o problema da carnavalização da literatura é uma das importantíssimas questões de poética histórica, predominantemente de poética dos gêneros.

Dessa forma, Bakhtin (2011) aborda as três peculiaridades fundamentais que integram o gênero sério-cômico. A primeira peculiaridade faz referência à realidade, ao que é atual e vivo. Assim, no gênero sério-cômico, as personagens históricas antigas, os heróis míticos, são atuantes, falam, se expressam de forma familiar e estão atualizadas com a realidade circundante e inacabada.

A segunda peculiaridade se refere à experiência, à fantasia livre e ao tratamento crítico da lenda, o que revolucionará a imagem literária que se tem até então da lenda. E a terceira peculiaridade, de acordo com Bakhtin, trata das vozes e dos estilos do gênero sério-cômico.

De acordo com Bakhtin (2011), o gênero sério-cômico é um campo da tradição literária dos tempos antigos que influenciou e contribuiu para a evolução da prosa literária e do romance de linha europeia, por isso o gênero romanesco tem em sua estrutura as raízes épica, retórica e carnavalesca. E sobre as raízes do surgimento da menipeia, Bakhtin (2011, p. 128) esclarece que não se pode afirmar que a menipeia tenha sido genuinamente formada a partir da desintegração do “diálogo socrático” (gênero de natureza dialógica, com base carnavalesco-popular) porque “as raízes dela remontam diretamente ao folclore carnavalesco cuja influência determinante é ainda mais considerável aqui que no ‘diálogo socrático’”. Então, o gênero sério-cômico desenvolverá no romance os traços carnavalescos.

Quando Bakhtin (2011) passa a tratar sobre a carnavalização da literatura, ele coloca o carnaval em si, a festividade carnavalesca com todos os seus ritos e formas, como algo complexo e interessante na história da cultura dos povos. E o eixo temático sobre o qual irá se debruçar é a particularidade do gênero literário em si, e não a festa do carnaval, porque não é acontecimento literário. “O carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas [...] Essa linguagem exprime de maneira diversificada [...] uma cosmovisão carnavalesca (porém complexa), que lhe penetra todas as formas” (Bakhtin, 2011, p. 139) e poderá ser transportada para a linguagem da literatura, fenômeno esse de transposição da linguagem que o autor denomina carnavalização da literatura.

Essa carnavalização está expressa nas diversas vozes que aparecem no filme *Shrek*. Cada personagem assume um posicionamento ético-valorativo. Por exemplo, quando o Biscoito é forçado a contar o paradeiro dos personagens dos contos de fadas tradicionais pelo Lorde Farquaad, ele os defende e quase morre por isso.

Figura 1: Cena do filme *Shrek* onde o Biscoito de Gengibre é torturado pelo Lord Farquaad.



Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=sdyn4CxREBg> >

Nessa cena, o Biscoito de Gengibre assume um posicionamento ético-valorativo de coragem e lealdade aos seus amigos dos contos de fadas tradicionais. Ele se recusa a trair seus amigos, mesmo sob ameaças, demonstrando um forte senso de integridade moral. Sua disposição para enfrentar a adversidade, incluindo a quase morte (simbolizada pelo mergulho em leite), reflete valores como amizade, solidariedade e fidelidade. Por outro lado, Lorde Farquaad representa um posicionamento ético-valorativo oposto. Ele está disposto a fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos egoístas, incluindo a ameaça e a violência contra o Biscoito de Gengibre. Sua atitude indiferente em relação à dor do Biscoito e o uso do membro quebrado como uma espécie de brincadeira grotesca mostram sua falta de compaixão e seu desprezo pelos direitos e pelo bem-estar dos outros.

Essa cena pode ser usada como ponto de partida para discussões em sala de aula sobre temas éticos, como lealdade, coragem, egoísmo, compaixão e justiça. Os alunos podem ser incentivados a refletir sobre as ações dos personagens e como essas ações refletem seus valores e motivações. Além disso, essa cena ilustra como o filme *Shrek* utiliza a carnavalização e o humor para questionar e subverter as convenções dos contos de fadas tradicionais, provocando reflexões críticas sobre questões éticas e morais.

Para Bakhtin (2011), o carnaval não separa os participantes, todos participam de forma ativa, não há proibição, não há etiqueta, não há nenhuma restrição. Vive-se, no dizer de Bakhtin, uma vida às avessas, uma vida carnavalesca, vive-se em um mundo invertido. O autor aponta algumas categorias relacionadas à cosmovisão carnavalesca. A

primeira categoria carnavalesca é a liberdade de contato familiar entre as pessoas, em que não há mais distância, não há barreira hierárquica separando os homens. A segunda categoria é a “excentricidade”, em que as pessoas estão livres e podem expressar o seu lado oculto. A terceira categoria é a familiarização, em que as antíteses vão se aproximar: o tolo com o sábio, o profano com o sagrado, o insignificante com o grande, o baixo com o elevado. A quarta categoria é a profanação, e nela vão aparecer as indecências, os sacrilégios, as paródias de alguns trechos da Bíblia e de textos sagrados. Essas categorias, ao longo do tempo, foram sendo introduzidas na literatura, principalmente para a prosa romanescas, e se manifestaram mais claramente na menipeia.

De acordo com Bakhtin (2011), a imagem do carnaval mais transposta para a literatura é a do destronamento do rei, mas, por serem a coroação e o destronamento uma correspondência biunívoca, por estarem ligados e por serem inseparáveis, um não ocorre sem o outro, são ambivalentes desde que se iniciam. Primeiro ocorre a coroação e depois o destronamento.

Outro elemento caracterizador do carnaval, para Bakhtin (2011), é a ambivalência que se manifesta no riso. O Sol, considerado deus supremo, era ridicularizado, assim como outros deuses, na intenção de provocar que eles se renovassem. Era como também procuravam resolver as situações consideradas sérias e não se podia resolver, então o riso era a arma empregada para que houvesse a renovação, a libertação. “Na Idade Média, sob a cobertura da liberdade legalizada do riso, era possível a paródia sacra, ou seja, a paródia dos textos e rituais sagrados” (Bakhtin, 2011, p. 145).

Sobre o local em que ocorrem as ações carnavalescas, Bakhtin (2011) menciona que aconteciam nas ruas e nas praças públicas. Para o autor, a praça era simbolicamente o espaço em que todos podem participar, sem distinção, sem hierarquias. As festividades carnavalescas preenchiam a vida das grandes massas mais populares dos tempos antigos. Nesse sentido, o homem medieval tinha quase que duas vidas, uma oficial, subordinada à norma hierárquica; e outra carnavalesca, pública e livre, com risos e profanações diante do sagrado e da cultura oficial. Bakhtin (2011, p. 154) esclarece que o carnaval e a cosmovisão carnavalesca uniram

[...] os elementos do diálogo filosófico, da aventura e do fantástico [...]. A carnavalesização ajudou constantemente a remover barreiras de toda espécie entre os gêneros [...] destruindo o desconhecimento mútuo, aproximando os elementos dispersos.

Assim, o carnaval atua como um catalisador, promovendo a fusão de múltiplos elementos e gêneros literários, enriquecendo as formulações da expressão literária.

2.2 A paródia

De acordo com Bakhtin (2011), na Antiguidade a paródia era uma prática disseminada e aplicada em diversos contextos, incluindo o drama satírico, que era uma forma cômica que parodiava a trilogia trágica. Essa prática não era uma negação vazia, mas sim uma maneira de revitalizar e renovar por meio do humor e da inversão de papéis. Tudo, na visão carnavalesca, podia ser parodiado, pois a morte e a renovação eram elementos essenciais do ciclo da vida. Em Roma, por exemplo, a paródia era uma parte integrante de rituais tanto fúnebres quanto triunfais, ambos revestidos de características carnavalescas.

Na visão de Bakhtin (2011), a paródia é um componente essencial da “sátira menipeia” e dos gêneros carnavalizados, estando intrinsecamente ligada à cosmovisão carnavalesca da Antiguidade. Ela é caracterizada pela criação de um “duplo destronante”, ou seja, uma versão invertida e crítica do que é parodiado, que transforma o mundo “às avessas”. Esse processo torna a paródia ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que ridiculariza e subverte, ela também renova e ressuscita o objeto parodiado, revelando seu potencial para novas interpretações. Diferente dos gêneros “puros” como a epopeia ou a tragédia, a paródia é própria dos gêneros carnavalizados, que se baseiam na inversão e na relativização de valores. Na Antiguidade, a paródia não era apenas uma crítica negativa, mas sim uma forma de reinterpretação cômica que renovava a realidade. Por exemplo, o drama satírico foi originalmente concebido como uma paródia das trilogias trágicas que o precediam, mostrando que mesmo a tragédia tinha seu lado cômico e rebaixado.

A paródia carnavalesca também estava presente em rituais romanos, como no riso fúnebre e no triunfo, ambos dotados de uma ambiguidade cômica e de renovação simbólica. A prática de parodiar era um “sistema de espelhos deformantes”, onde diferentes aspectos da vida eram distorcidos de forma exagerada e grotesca, revelando, por meio do riso, a complexidade e a multiplicidade das verdades. Assim, a paródia não se limita a uma simples negação ou zombaria; ela é uma ferramenta poderosa para a renovação cultural e crítica, ao transformar e reinterpretar aquilo que inicialmente poderia parecer imutável ou sagrado. A paródia, nesse contexto, funciona como um sistema de espelhos deformantes, em que diferentes imagens e ideias refletem umas nas outras de

maneiras variadas e, por vezes, distorcidas. Essa distorção e inversão provocam questionamentos das normas estabelecidas, gerando o riso e a quebra de expectativa. Em suma, a paródia se consolida como uma ferramenta poderosa para a expressão da cosmovisão carnavalesca, em que a inversão e a renovação são celebradas como parte essencial da vida e da cultura.

Bakhtin (2011) diz que a paródia tem estrutura ambivalente, estando vinculada à morte e à renovação da cultura e dos valores sociais. A paródia é uma forma literária que envolve a imitação ou a recriação de uma obra ou um estilo existente, muitas vezes com o propósito de satirizar, subverter ou criticar a obra original. Ela possui uma natureza ambivalente porque, por um lado, está ligada à morte da obra original, uma vez que a paródia muitas vezes desmonta e transforma elementos da obra original de maneira humorística, destronando os personagens consagrados. Por outro lado, a paródia também está relacionada à renovação, pois traz uma perspectiva atualizada e inovadora em torno da obra fonte, questionando e desafiando seus valores.

2.3 A sátira menipeia

A sátira menipeia, como destacado por Bakhtin (2011), é uma forma literária que se originou no folclore carnavalesco e continuou a evoluir ao longo da história literária. Sua natureza flexível e mutável a torna uma ferramenta poderosa para promover a leitura com ressignificação valorada, especialmente quando aplicada ao estudo de obras como *Shrek* e outros textos que desafiam convenções e normas sociais.

A sátira menipeia frequentemente envolve uma crítica contundente da sociedade, suas instituições e seus valores. Isso incentiva os leitores a questionar e refletir sobre as normas e estruturas sociais presentes no mundo da vida e na criação estética. O uso do humor por meio da sátira menipeia torna a crítica social mais acessível e envolvente para os leitores. O riso pode desmascarar a hipocrisia e abrir espaço para uma discussão mais aberta e franca sobre questões éticas e morais relativas ao comportamento e ao discurso de um sujeito, uma classe ou uma sociedade. Em *Shrek*, por exemplo, a sátira é direcionada a convenções de contos de fadas, destacando estereótipos e expectativas em relação à beleza, ao poder e ao status.

De acordo com Bakhtin (2011), a origem da sátira menipeia está ligada ao folclore carnavalesco, recebendo um formato clássico do filósofo cínico Menipo de Gádara no século II a.C. Ele combinou elementos do cinismo, da filosofia estoica e da sátira em suas

obras escritas, criando um estilo que desafiava a seriedade das convenções literárias e filosóficas da época. As sátiras menipeias influenciaram a literatura cristã antiga e bizantina em diferentes variantes.

[...] sob diversas denominações de gênero, ela continuou a desenvolver-se também nas épocas posteriores: na Idade Média, nas épocas do Renascimento e da Reforma e na Idade Moderna. Em essência, sua evolução continua até hoje (tanto com uma nítida consciência do gênero quanto sem ela). Esse gênero carnavalizado, extraordinariamente flexível e mutável como Proteu, capaz de penetrar em outros gêneros, teve uma importância enorme, até hoje ainda insuficientemente apreciada, no desenvolvimento das literaturas europeias. A “sátira menipeia” tornou-se um dos principais veículos e portadores da cosmovisão carnavalesca na literatura até os nossos dias (Bakhtin, 2011, p. 129).

Bakhtin (2011) aponta 14 particularidades fundamentais do gênero sátira menipeia, apresentando os seguintes aspectos: elemento cômico central; libertação dos limites histórico-memorialísticos; fantasia em serviço da verdade; naturalismo do submundo e do elevado e do baixo; visão globalizante; estrutura tripla; perspectiva não convencional; exploração de estados psicológicos e morais; cenas de escândalos; quebra das normas; presença de oxímoros; utopia social; variedade de gêneros; união de discurso prosaico e versificado. Dessa forma, localizamos na história de *Shrek* as 14 características da sátira menipeia no corpo da narrativa cinematográfica:

Elemento cômico central: a comédia é o cerne da história de *Shrek*. O filme faz uso extensivo do humor, seja através de diálogos sarcásticos, de situações hilárias ou de personagens excêntricos. O riso e o humor desempenham um papel fundamental na crítica social e filosófica do filme.

Libertação dos limites histórico-memorialísticos: *Shrek* transcende os limites das histórias de contos de fadas tradicionais. Ele não está vinculado a lendas específicas e não segue estritamente as regras de verossimilhança encontradas em contos de fadas clássicos. Isso permite que a narrativa explore de forma mais livre e criativa as questões éticas e sociais.

Fantasia a serviço da verdade: a fantasia desempenha um papel essencial em *Shrek*. O filme usa elementos fantásticos, como ogros, dragões e magia, para explorar verdades filosóficas e sociais. Por exemplo, a transformação noturna de Fiona em uma ogra é uma metáfora que levanta questões sobre a verdadeira identidade e a aceitação pessoal.

Naturalismo do submundo e do elevado e do baixo: *Shrek* não hesita em explorar temas considerados baixos e sombrios, como a rejeição e o preconceito enfrentados pelo protagonista por causa de sua aparência. Além disso, o filme contrasta elementos do “elevado” (princesas, castelos) com elementos do “baixo” (flatulência, humor irreverente), para criar humor e crítica.

Visão globalizante: *Shrek* adota uma visão global do mundo de contos de fadas e das questões filosóficas relacionadas a ele. A história não se limita a uma perspectiva única e explora uma ampla gama de temas, incluindo amor verdadeiro, aparência versus essência e estereótipos.

Estrutura tripla: *Shrek* segue uma estrutura tripla, à medida que a ação se desloca entre diferentes lugares, como o pântano de Shrek, o castelo de Farquaad e a torre onde Fiona está presa. Isso adiciona uma dimensão simbólica à narrativa, representando diferentes aspectos da jornada dos personagens.

Perspectiva não convencional: *Shrek* oferece uma perspectiva não convencional sobre o mundo de contos de fadas, desafiando normas e convenções narrativas. A relação de Shrek com Fiona, por exemplo, subverte as expectativas tradicionais dos contos de fadas.

Exploração de estados psicológicos e morais: os personagens de *Shrek*, como Shrek e Fiona, têm estados psicológicos e morais complexos. Eles enfrentam dilemas morais, preconceitos e questões de identidade que contribuem para a profundidade da narrativa.

Cenas de escândalos: o filme apresenta cenas de escândalos que expõem a hipocrisia e a corrupção em diferentes níveis da sociedade de contos de fadas, incluindo a busca de Lorde Farquaad por uma princesa para se tornar rei.

Quebra das normas: *Shrek* quebra as normas tradicionais dos contos de fadas em várias ocasiões, desde a aparência do protagonista até as reviravoltas na história, desafiando as expectativas do público.

Presença de oxímoros: *Shrek* faz uso de oxímoros, como a “princesa ogra”, para destacar as contradições e os absurdos em sua narrativa, questionando estereótipos dos contos de fadas.

Utopia social: a história culmina numa espécie de “utopia social”, em que os personagens que não se encaixam nos estereótipos tradicionais de beleza e status encontram aceitação e amor verdadeiro.

Variedade de gêneros: *Shrek* incorpora uma variedade de gêneros literários, incluindo comédia, romance, aventura e fantasia, criando uma narrativa multifacetada.

União de discurso prosaico e versificado: embora *Shrek* seja um filme animado predominantemente em prosa, ele também inclui elementos versificados, como músicas que acrescentam camadas de significado à história.

Em resumo, a paródia e a sátira menipeia são ferramentas poderosas para aprofundar a leitura crítica dos alunos, pois os textos, ao desafiar as normas, promovem a reflexão sobre valores e ideias, estimulam a criatividade e inspiram debates significativos. Esses elementos não apenas tornam a leitura mais envolvente, mas também capacitam os alunos para perceber o olhar crítico do autor-criador inscrito em sua obra. Toda visão crítica apresentada em um texto é uma resposta a outros discursos e enunciados. Nesse sentido, nas atividades de leitura com ressignificação valorada, é preciso conceber os enunciados com ecos e reverberação para outros enunciados de forma responsiva.

Todo enunciado deve ser visto como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (Bakhtin, 2016, p. 57).

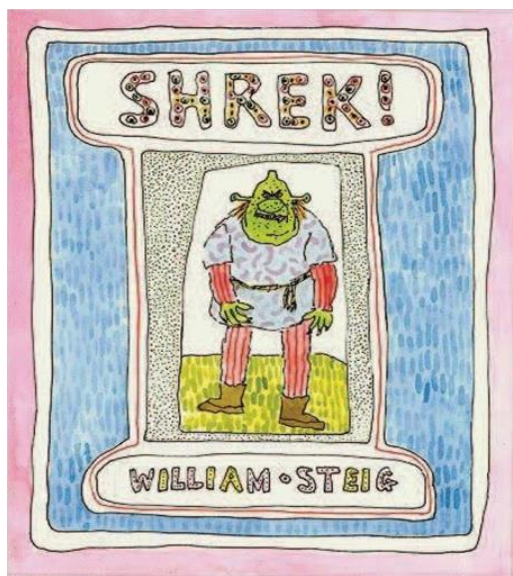
Observamos, nesse contexto, como a leitura com ressignificação valorada, especialmente quando aplicamos os princípios da sátira menipeia, nos convida a uma experiência de leitura literária de texto de humor, com foco nas relações dialógicas entre os gêneros discursivos. Destacamos, nesse trabalho de leitura crítica, a observação do caráter subversivo e reflexivo sobre os conteúdos abordados, a construção estética e o modo como os objetos do discurso são valorados. Por meio da leitura com ressignificação valorada de base bakhtiniana, propomos atividades para desenvolver habilidades de leitura que buscam uma análise discursiva.

2.4 Conhecendo um pouco mais os valores na narrativa de *Shrek*

Para trabalharmos a leitura de forma crítica e reflexiva, elegemos a história de *Shrek*, que foi escrita no formato de livro, sendo, posteriormente, adaptada para o cinema. Sobre a obra no formato de livro, que apresenta muitas diferenças em relação ao filme, podemos dizer que *Shrek* (1990), de William Steig, é uma obra que se destaca pela sua paródia dos contos de fadas tradicionais, desafiando as expectativas do leitor ao

apresentar um protagonista feio e antissocial, além de uma princesa igualmente feia. A narrativa valoriza a individualidade, celebrando a ideia de que a beleza está nos olhos de quem vê e que as aparências externas não devem definir o valor de uma pessoa. Através do uso extensivo de humor, incluindo elementos como flatulência e diálogos sarcásticos, a obra rompe com o tom sério frequentemente encontrado em contos de fadas, enquanto critica os estereótipos de beleza e as expectativas sociais que os rodeiam, promovendo a aceitação da diversidade como um valor fundamental.

Figura 2: Capa do livro de William Steig



Fonte: Steig (2001).

O livro conta a história de um ogro horrendamente feio e malcheiroso. Ele foi abandonado por seus pais e embarca em uma jornada pelo mundo, causando destruição e medo por onde passa devido à sua aparência e ao seu comportamento repulsivo. Ele encontra uma bruxa que prevê seu futuro: derrotar um cavaleiro e se casar com uma princesa ainda mais feia do que ele. Shrek parte em busca desse destino e encontra um burro falante, que o leva até o castelo onde a princesa, Fiona, está trancada. Depois de superar vários desafios, Shrek e Fiona se apaixonam, revelando que são verdadeiramente feitos um para o outro. Eles se casam e vivem uma vida de assustar a todos que cruzam seu caminho.

Essa é uma história de conto de fadas que quebra os estereótipos tradicionais de beleza e felicidade, destacando o valor da aceitação de si mesmo e do amor verdadeiro. Shrek, apesar de sua aparência assustadora, encontra a felicidade ao lado de alguém que o ama pelo que ele é por dentro. O conto satiriza os contos de fadas tradicionais e oferece

uma reviravolta única no gênero, celebrando a diferença e a autoaceitação. No final, Shrek e Fiona vivem felizes para sempre, desafiando os padrões convencionais de beleza e felicidade.

O valor central dessa narrativa é a celebração da diferença e a aceitação de si mesmo e dos outros apesar das imperfeições. Shrek, sendo uma criatura feia e assustadora, não se encaixa nos padrões tradicionais de beleza, mas, ao longo da história, encontra aceitação e amor, especialmente na princesa Fiona, que também tem sua própria forma de feiura devido a um feitiço. A mensagem principal é que a verdadeira beleza está na individualidade e na aceitação mútua.

Os valores periféricos incluem elementos como o humor irreverente, a subversão das convenções dos contos de fadas tradicionais e a ideia de que o amor pode surgir em situações inesperadas. Além disso, a história também satiriza elementos dos contos de fadas, como a jornada do herói, o papel do vilão, a busca pela princesa e a noção de um “final feliz”. Essa subversão e paródia tornam a narrativa única e divertida, desafiando as expectativas do público em relação aos contos de fadas convencionais.

Quadro 1: Começo da história no livro de William Steig

A mãe era feíssima, o pai era feíssimo, mas *Shrek* era muito mais feio que os dois juntos. Quando aprendeu a andar, *Shrek* já era capaz de cuspir fogo a cem metros de distância e soprar fumaça pelas duas orelhas. Só de olhar, ele fazia os jacarés se esconderem de medo. Se uma cobra bancasse a boba e o mordesse, ela entrava imediatamente em convulsão e morria.

Um dia os pais de *Shrek* trocaram más ideias e resolveram que estava na hora de o queridinho deles cair no mundo e fazer sua dose de maldade. Puseram-no então para fora de casa com um bom pontapé no traseiro. Foi a primeira vez que *Shrek* saiu do buraco negro em que fora criado.

E lá se foi *Shrek* pela estrada, soltando seus gases horríveis. Adorava ver as flores murcharem e as árvores se vergarem a sua passagem.

A escolha deliberada de William Steig de começar a história de Shrek sem a tradicional expressão “Era uma vez” desempenha um papel fundamental na construção da singularidade e da subversão que caracterizam esse conto. Ao fazer isso, o autor imediatamente sinaliza aos leitores que estão prestes a entrar em um mundo onde as convenções dos contos de fadas tradicionais serão desafiadas. Essa decisão não apenas quebra as expectativas do leitor, mas também estabelece o tom irreverente e humorístico da narrativa, convidando-o a questionar as normas preestabelecidas. Assim, a ausência de

“Era uma vez” funciona como um convite para uma jornada narrativa única, que se afasta das fórmulas tradicionais, resultando em uma experiência de leitura diferenciada.

Nesse trecho da narrativa, podemos observar a presença marcante da carnavalização, que é uma característica distintiva do conto *Shrek*. A linguagem empregada é deliberadamente irreverente e até mesmo escatológica, com a representação de flatulências de Shrek e sua alegria em ver as flores murcharem e as árvores se dobrarem, tudo isso sendo contraposto ao cenário típico de contos de fadas. O conteúdo valorativo é desafiador, pois subverte a ideia tradicional de contos de fadas como histórias repletas de beleza e moral. Em vez disso, enfatiza o grotesco e o humor irreverente, questionando e zombando das convenções do gênero. A bruxa cozinhando morcegos em um caldeirão de terebintina e tartaruga, com sua canção grotesca, é um exemplo claro dessa carnavalização, transformando elementos familiares dos contos de fadas em algo estranho e cômico.

Para trabalhar a leitura com ressignificação valorada, explorando a sátira e a paródia nesse texto em uma aula, é fundamental começar destacando a escolha dos enunciados do autor para contar a história por meio de inversões. Em seguida, é possível discutir como o texto utiliza elementos satíricos e paródicos para desafiar as convenções dos contos de fadas, enfocando especialmente o personagem principal, Shrek, e sua natureza grotesca. Os alunos podem ser incentivados a identificar exemplos da sátira e da paródia ao longo do texto, como a descrição das habilidades repulsivas de Shrek e o encontro com a bruxa que cozinha morcegos em um caldeirão.

Quadro 2: Shrek e a bruxa

No meio de um mato escuro, deu com uma bruxa. Ela estava cozinhando morcegos num caldo de terebintina e tartaruga e cantava enquanto mexia:

“É assim que eu preparo os meus morceguinhos:

Eu pego uns morcegos e tempero, de manhã cedinho;

Em fogo bem lento refogo os morcegos no meu caldeirão.

E fico mexendo até virar gosma.

Até parecer um nojento pirão”.

“Que fedor delicioso!”, salivou *Shrek*. Apesar de ser uma grande especialista em horrores, só de olhar para *Shrek* a bruxa caiu dura no chão.

Quando ela voltou a si, *Shrek* pediu: “Diga o meu futuro, dona, que eu lhe dou alguns dos meus piolhos raríssimos”.

“Está feito!”, grasnou a bruxa. “Presta bem atenção:
Sou bruxa, velha adivinha, teu futuro vou contar.
Um burro vai te levar a um cavaleiro feroz
Que num sangrento combate tu vais derrotar.
Então irás te casar com alguém de feiura atroz,
Bem mais feia que tu: a princesa do lugar!
Pé de pato, mangalô, ouça o que vou te dizer.

Nesse trecho da narrativa de *Shrek*, observamos uma intensa carnavalização por meio da descrição da bruxa e de suas ações. A linguagem utilizada é deliberadamente grotesca, transformando a bruxa em uma figura que é ao mesmo tempo repugnante e cômica. A cena da bruxa cozinhando morcegos em um caldo de terebintina e tartaruga é uma paródia das clássicas cenas de bruxas em caldeirões em contos de fadas tradicionais, mas aqui é levada a extremos de excentricidade e repugnância. A bruxa também é caracterizada como uma “grande especialista em horrores”, reforçando o aspecto satírico dessa cena.

A reação de Shrek à cena, expressando seu desejo pelo “fedor delicioso”, adiciona um elemento de humor negro à narrativa. A reviravolta em que a bruxa desmaia ao ver Shrek, em vez de ficar aterrorizado com a bruxa, subverte as expectativas e reforça a natureza irreverente da história. Além disso, a bruxa prevê o futuro de Shrek de maneira igualmente grotesca, destacando a ideia de que o destino dele envolve derrotar um cavaleiro feroz e se casar com uma princesa ainda mais feia do que ele. Essa previsão é carnavalizada ao extremo, pois desafia a noção convencional de “final feliz” dos contos de fadas, como veremos a seguir.

Quadro 3: Shrek se encontra com a princesa pela primeira vez

Shrek estava na Sala dos Espelhos! “Eles todos são eu!”, admirou-se. “**TODOS SÃO EU!**” Olhou-se nos espelhos, cheio de uma raivosa autoestima, feliz por ser exatamente como sempre tinha sido.

Entrou no salão e sua bocarra beicuda se escancarou. Bem ali, diante dele, estava a princesa mais horrorosa de todo planeta.

“Apfelstrudel”, *Shrek* suspirou.

“Mangalô”, a princesa cacarejou.

Disse *Shrek*:

“Tuas verrugas cascudas, tuas espinhas sebatas,

Me encantam mais que as poças mais lamacentas”.

Disse a princesa:

“Tua cabeça pontuda e teu nariz melequento

Me enfeitiçam mais que o sapo mais purulento”.

Disse *Shrek*:

“Oh, que horrorosa tu és

Com os teus lábios azuis,

Teus olhos inchados

Parecem cheios de pus!

Tu já sabes que te amo

E sabes até porquê,

É que não há neste mundo

Princesa mais feia que vosmecê!”

Disse a princesa:

“Teu nariz é peludo

Como tu és bexiguento!

A nossa história tem tudo

Pra acabar em casamento!”

Shrek sapecou uma mordida no nariz dela. Ela tascou-lhe um beliscão na orelha. E os dois se engalfinharam num abraço de quebrar ossos. Não há dúvida: nasceram um para o outro, como fumaça e o fogo.

Trataram então de se casar o mais depressa possível E viveram horríveis para sempre, apavorando todos os que tinham o azar de encontrá-los.

Fonte: Steig (2001).

O final do livro *Shrek* é uma reviravolta que subverte as expectativas dos contos de fadas tradicionais: Shrek se encontra na Sala dos Espelhos, onde vê inúmeras versões distorcidas de si mesmo refletidas. Essa cena é significativa porque representa a aceitação de Shrek de sua verdadeira identidade, incluindo todas as características que o tornam diferente e até mesmo “feio” em comparação com os padrões tradicionais de beleza dos contos de fadas.

Shrek percebe que todos aqueles reflexos distorcidos são ele mesmo e abraça sua singularidade com uma mistura de raiva e autoestima. Isso é uma virada interessante, pois muitas histórias de contos de fadas tradicionais se concentram na ideia de que o herói ou a heroína deve se transformar ou se encaixar em um molde específico para alcançar a

felicidade. Em contraste, Shrek encontra a felicidade ao aceitar quem ele é de verdade. Temos aqui uma discussão de cunho filosófico.

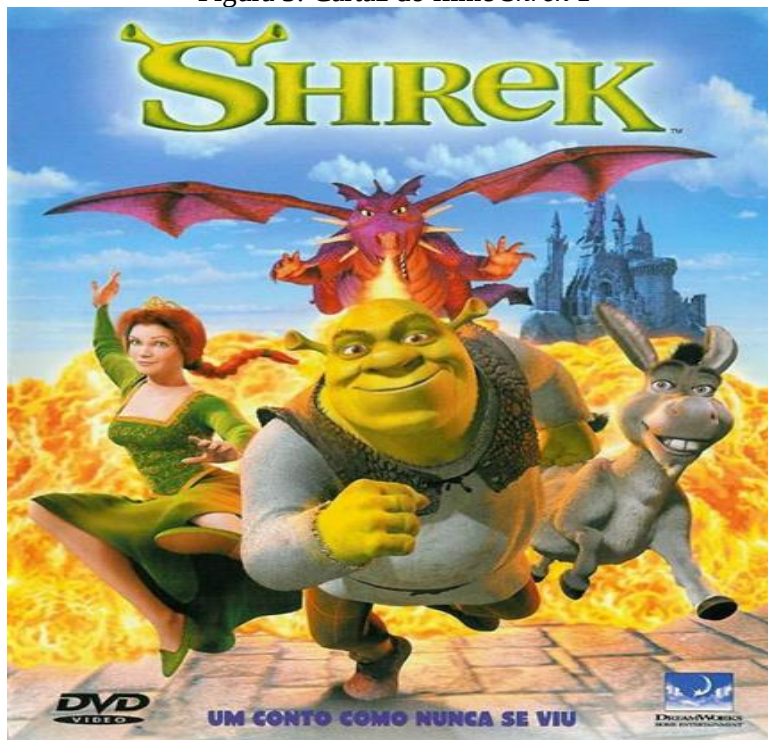
Quando Shrek encontra a princesa, que é descrita como a mais “horrorosa” do planeta, ocorre um diálogo que é tanto engraçado quanto afetuoso. Eles trocam elogios zombeteiros sobre suas características físicas “feias”, destacando como se sentem atraídos um pelo outro por causa de sua aparência única e imperfeita. Esse diálogo é uma paródia dos típicos encontros de amor nos contos de fadas, em que a beleza é valorizada acima de tudo.

O confronto físico entre Shrek e a princesa, incluindo uma mordida no nariz dela e um beliscão na orelha dele, é uma representação do amor peculiar e “feio” que eles compartilham. A mensagem subjacente é que o amor verdadeiro não depende da aparência física, mas da aceitação mútua e do entendimento.

O final irônico, em que eles se casam e vivem “horrivelmente para sempre”, destaca a subversão contínua das convenções dos contos de fadas tradicionais. Em vez de viverem um “felizes para sempre” convencional, eles optam por viver felizes sendo eles mesmos, ainda que isso signifique assustar as pessoas ao redor.

Algumas pesquisas têm apresentado questões relevantes sobre os aspectos ideológicos e axiológicos acerca dessa narrativa. Silva (2014), pensando em uma proposta de leitura para a Educação Infantil, caracteriza a história de *Shrek* como uma jornada tradicional de contos de fadas, mas com reviravoltas modernas. Ao longo do caminho, ele encontra um burro falante, que, ao contrário das expectativas, não teme Shrek devido à sua aparência, ensinando lições sobre aceitação e amizade.

O conto desafia os estereótipos comuns, usando personagens como o dragão para demonstrar que a aparência externa não determina o caráter de ninguém. Esse tema é especialmente relevante para crianças, visto que ensina sobre autoaceitação e a importância de olhar além das aparências. Além disso, os problemas enfrentados por Shrek, como abandono e isolamento, são universais, permitindo que crianças de diferentes contextos se identifiquem com ele. Ao desconstruir e reimaginar contos de fadas tradicionais, tanto Steig quanto Adamson oferecem uma crítica à sociedade capitalista e seus padrões estabelecidos. Mais importante ainda, *Shrek* fornece um recurso valioso para a Educação Infantil, promovendo a autoestima, a aceitação e a capacidade de superar adversidades.

Figura 3: Cartaz do filme *Shrek 1*

Fonte: <https://br.web.img2.acsta.net/medias/nmedia/18/91/54/04/20150812.jpg>.

Sobre a versão cinematográfica, Cristo (2017) se dedica, em sua tese, a explorar a tetralogia *Shrek* da Dream Works sob a lente da Análise de Discurso. A pesquisa investiga especificamente o discurso sobre a “diferença”, dando especial atenção aos personagens que desafiam os estereótipos idealizados dos contos tradicionais. Notavelmente, o estudo destaca como personagens considerados “monstruosos” como Shrek e Fiona, são retratados como heróis na tetralogia, provocando reflexões sobre a representação de normalidade e anormalidade nas sociedades que valorizam o padrão de beleza europeu.

Já Silva (2014) investiga a influência da literatura infantil e das adaptações cinematográficas de contos de fadas na educação das crianças, utilizando o conto moderno *Shrek* como principal referência. O trabalho foca em como *Shrek*, ao tratar de temas humanos profundos, como abandono, solidão e superação de problemas, permite que as crianças se identifiquem com os personagens principais, contribuindo positivamente para sua educação. A pesquisa envolve uma análise teórica rigorosa sobre literatura infantil, cinema, contos de fadas e suas relações com a Educação. O conto *Shrek* é destacado como uma paródia dos contos de fadas tradicionais, apresentando personagens de uma maneira invertida e explorando a compreensão do papel dos indivíduos na sociedade.

O filme *Shrek* é um excelente exemplo de ressignificação valorada, pois subverte e atualiza os contos de fadas tradicionais, trazendo um amplo debate sobre questões sociais enfrentadas no mundo da vida contemporânea. O filme utiliza a paródia como dispositivo principal para criar humor e crítica social. *Shrek* atualiza temas dos contos de fadas para se adequar aos valores e questões contemporâneos. Por exemplo, aborda questões de autoaceitação, diversidade e inclusão, desafiando a ideia de que apenas a beleza física é valorizada. O filme também desconstrói personagens tradicionais dos contos de fadas, demonstrando que a literatura pode ser adaptada e reinterpretada de maneira criativa.

No filme *Shrek*, ocorre a inserção de elementos cômicos, que causam riso e também estranhamento, destoando dos contos de fadas tradicionais, que trazem um príncipe encantado que salva uma donzela em perigo, príncipe esse educado, fino, galante. Podemos ver a história do personagem Shrek sob a ótica da jornada do herói. Produzida pelo estúdio de animação Dream Works, a narrativa segue uma jornada do herói que se desenvolve de maneira conjunta entre Shrek e Fiona. Se analisarmos as ações como uma jornada, conforme Campbell (1997), poderemos considerar a seguinte trajetória do herói:

Mundo comum: no início da história, Shrek é apresentado como um ogro solitário que vive em seu pântano, um lugar isolado e tranquilo para ele. Fiona, por outro lado, está presa em uma torre como uma princesa em perigo, esperando ser resgatada.

Chamado à aventura: o chamado à aventura ocorre quando Shrek é confrontado com a invasão de criaturas de contos de fadas em seu pântano, ordenada por Lorde Farquaad, que deseja ser o rei do local ao casar-se com a princesa Fiona. O ogro então decide ir ao castelo de Farquaad para resolver a situação e recuperar sua solidão no pântano.

Recusa do chamado: inicialmente, Shrek não deseja a companhia de ninguém e reluta em se envolver com as criaturas e em resgatar Fiona. Ele prefere a solidão que conhece.

Encontro com o mentor: Burro, o companheiro falante que se junta a Shrek em sua jornada, desempenha o papel de mentor, incentivando o herói a cumprir sua jornada.

Travessia do primeiro limiar: Shrek e Burro chegam ao castelo de Farquaad e aceitam a missão de resgatar Fiona. Isso marca a entrada deles em um mundo desconhecido e desafiador.

Testes, aliados e inimigos: durante a jornada, Shrek e Fiona encontram vários desafios, como enfrentar Monsieur Hood e seu bando. Também descobrem que têm muito em comum, o que cria um vínculo entre eles. Farquaad se apresenta como o principal antagonista.

Aproximação da caverna profunda: quando Shrek e Fiona param para descansar no moinho de vento, a narrativa se aprofunda ao explorar a transformação noturna de Fiona, revelando seu segredo.

Provação suprema: ocorre quando Shrek interrompe o casamento de Fiona com Farquaad, revelando seu amor por ela. Isso desencadeia uma sequência de eventos, culminando na transformação de Fiona em sua forma de ogra.

Recompensa: a recompensa é a aceitação mútua de Shrek e Fiona em suas formas de ogro, provando que o amor verdadeiro vai além das aparências. Eles se casam e vivem felizes no pântano.

Retorno com o elixir: o filme termina com Shrek e Fiona partindo para a lua de mel, celebrando seu amor, enquanto seus amigos e aliados cantam alegremente.

A narrativa de *Shrek* é uma jornada do herói que transcende os estereótipos tradicionais dos contos de fadas. Shrek não é um herói convencional, e Fiona não é uma princesa passiva à espera de resgate. Ambos passam por transformações e desafios ao longo da história, culminando em um final que celebra o amor verdadeiro e a aceitação de quem são. Essa abordagem inovadora da narrativa de contos de fadas é uma das razões pelas quais *Shrek* se destaca como um filme que desafia e subverte as convenções do gênero, enquanto mantém os elementos essenciais da jornada do herói.

Carvalho (2021), pensando em procedimentos didáticos para um trabalho de leitura que gere reflexões ético-discursivas e estilísticas, busca a superação de uma leitura focada apenas no reconhecimento das ideias apresentadas no texto. Para tanto, evidencia que toda leitura é um processo de ressignificação valorada em que se observam os discursos do narrador, dos personagens e as vozes sociais, estabelecendo relações dialógicas. Essas relações são analisadas diante do contexto de interação, possibilitando que o leitor, perante os acontecimentos, os enunciados e as posições dos agentes de linguagem, aprecie esteticamente, avalie e assuma posicionamentos valorativos. Isso envolve a promoção da leitura de obras literárias em diversas disciplinas, não apenas em língua portuguesa.

A literatura sempre esteve presente na história dos povos, quer através da tradição oral, quer através da escrita; cada povo repassou suas tradições, sua cultura, seus

ensinamentos, transmitindo valores. A seguir, apresentaremos um quadro de Coelho (2000), no qual observamos o contraste ético-discursivo dos paradigmas tradicionais e emergentes, evidenciando perspectivas socioculturais que influenciam a literatura infantojuvenil, bem como nossa sociedade como um todo.

Quadro 4: Contraste ético-discursivo dos paradigmas tradicionais e emergentes

PARADIGMAS TRADICIONAIS	PARADIGMAS EMERGENTES
O individualismo e suas verdades (ou certezas) absolutas são a base do sistema. Na sociedade tradicional (cristã, liberal, burguesa, pragmática, progressista, capitalista, patriarcal), tudo <i>parte do indivíduo</i> e nele se sustenta. O ideal perseguido é realizar o <i>ser</i> através do <i>fazer</i> , que o levará ao <i>ter</i> . Embora guiado por ideais generosos (que visavam ao bem da coletividade), na prática, o individualismo competitivo que era a base do sistema acabou por se transformar no poder absoluto das minorias privilegiadas.	A individualidade consciente de si e de sua responsabilidade em relação ao <i>outro</i> . Espírito solidário, consciente de que o <i>indivíduo</i> é parte essencial do <i>todo</i> (humanidade, sociedade, natureza), pelo qual cada um é visceralmente responsável.
Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). Tal dogmatismo acabou por transformar a <i>autoridade em autoritarismo</i> .	Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável. Consciência da relatividade dos valores e ideais criados pelos homens; descoberta de que a transformação contínua é uma das leis da vida.
Sistema social baseado na <i>hierarquia de classes</i> , segundo sua maior ou menor fortuna; <i>sistema familiar</i> baseado na autoridade do homem; <i>sistema religioso</i> centrado na ideia de Deus criador. Sociedade fundada em certezas absolutas.	Sistema social das antigas hierarquias em desagregação; <i>sistema familiar</i> em fase de transformação devido ao desequilíbrio das relações homem-mulher; sistemas religiosos em fase de reestruturação; ecumenismo vs fundamentalismo; ateísmo vs fanatismo etc. Sociedade, em geral, desorientada pela perda das antigas certezas e pela proliferação de novas “verdades” que logo se desgastam e são substituídas por outras. Sociedade alimentada pelo “espetáculo” da vida virtual.
Sistema moral baseado em valores dogmáticos, de base religiosa: o sentido último da vida é de natureza transcendente (prêmio ou castigo ao comportamento humano, após a morte: céu para os bons e inferno para os maus). <i>Moral sexófoba</i> , forjada pela interdição ao sexo, que é um dos fundamentos da civilização cristã, desde que o Concílio de Trento (século XVI) estigmatizou o sexo como pecado.	Moral “virtual”, resultante da ausência de um centro sagrado (que o Positivismo destruiu) ou de padrão aferidor do certo e do errado. Na prática hodierna, predomínio do comportamento vale-tudo (segundo “modelos” oferecidos pela televisão e pelos multimeios de comunicação), comportamento dependente dos fins imediatos a serem alcançados. Perdeu-se o sentido último da vida. <i>Moral sexófila</i> , forjada pela supervalorização do sexo como suprema liberação do ser. Sexofilia, que vem sendo o grande instrumento de liberação (ou degradação?) feminina e, ao mesmo tempo, porta aberta para os vícios e para a violência

	dominantes na sociedade. No âmbito da “nova consciência” que se forma, impõem-se a <i>moral da responsabilidade</i> e a <i>ética da solidariedade</i> , pelas quais a consciência individual busca equilíbrio em meio à relação dos valores em transformação.
Racismo. Valorização das etnias “brancas” do Oriente sobre as demais (negra, indígena, asiática) ou a de certas etnias que tentam destruir outras por razões religiosas, fundamentalistas (árabes e judeus, russos e chechenos etc.	Antirracismo (reconhecimento dos direitos humanos universais) em luta constante contra os “racismos” de toda natureza que explodem em violência pelo mundo.
Racionalismo é a base do sistema. Tudo é explicado em suas causas e natureza por meio de uma única via de acesso à verdade: a via do racionalismo científico, que, para compreender o universo, compartimentou-o em campos ou disciplinas independentes e incomunicáveis, com limites bem definidos (Galileu, Descartes, Newton). Valorização para além do visível.	Irracionalismo (no sentido da visão oposta à do racionalismo tradicional). As descobertas da Física, Química e Biologia no século XX produziram uma revolução conceitual drástica: do reino das certezas absolutas de ontem fomos jogados ao reino das incertezas dos <i>quanta</i> e da relatividade (Max Planck, Einstein, Bohr). Rompem-se os limites entre as disciplinas, e uma nova lógica se impõe: a da <i>transdisciplinaridade</i> , o inter-relacionamento de disciplinas através de determinado esquema cognitivo (“temas transversais”). Valorização da <i>intuição</i> ou da <i>inteligência emocional</i> como possíveis vias de acesso ao conhecimento das coisas para além das aparências sensíveis.
A linguagem literária é mimética; procura <i>representar</i> a realidade em foco e dela ser testemunha. Sua criação pelos poetas ou escritores em geral obedece a “modelos” a serem imitados ou recriados. A palavra escrita é entendida como <i>índice</i> ou <i>signo</i> de verdade investida de uma autoridade indiscutível. É o tempo do <i>magister dixit</i> . Não pode haver dúvidas sobre o que a “autoridade” dizia ou escrevia. É o tempo do “narrador onisciente”, seguro acerca das verdades do universo que sua narração desvenda.	A linguagem literária assume a si como <i>invenção</i> . Diante das incertezas inerentes ao real, os antigos cânones faliram, a palavra poética ou narrativa se torna <i>questionadora</i> das realidades; e, por outro lado, descobre-se <i>criadora</i> ou instauradora de um novo real: linguagem de questionamento e descoberta, para a qual todo experimentalismo é permitido. Tal como Deus, que, no início dos tempos, pela palavra criou o mundo (“Deus disse: Faça-se a luz, e a luz se fez”, ou: “No princípio era o Verbo”), agora o homem se vê investido do <i>poder da palavra</i> , que engendrará a Nova Ordem.
A criança é vista como um “adulto em miniatura”, cujo período de imaturidade (infância) deve ser encurtado o mais possível pela ação de uma educação rigorosa e inibidora da espontaneidade e da livre individualidade de seu ser. Para essa criança foi escrita a “literatura exemplar” medíocre e autoritária, que (ao lado dos contos de fadas e contos maravilhosos) proliferou no Romantismo (século XIX) e estigmatizou a Literatura Infantil como “gênero menor”.	A criança é vista como um <i>ser em formação</i> , cujo potencial deve desenvolver-se em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar a maior plenitude em sua realização. Para essa criança, vem sendo criado o novo universo da Literatura Infantil, cujo marco histórico é Monteiro Lobato (anos 1920-1930) e cujo ponto mais alto (até este limiar do terceiro milênio) está na Literatura Infantil/objeto novo, engendrada a partir do <i>boom</i> dos anos 1970-1980.

Fonte: Elaborado a partir de Coelho (2000).

Coelho (2000) destaca que, nos paradigmas tradicionais, a sociedade é representada em torno de hierarquias rígidas e verdades absolutas, enquanto nos paradigmas emergentes as representações questionam essas certezas, promovendo uma visão mais flexível e pluralista da vida. Nos paradigmas tradicionais, observa-se uma estrutura hierárquica e autoritária, baseada no individualismo, na obediência cega ao poder e na imposição de verdades absolutas. Essas estruturas sustentavam-se por valores fixos e inquestionáveis, como a ideia de um narrador onisciente e uma moral rígida, ancorada em preceitos religiosos ou sociais. Esses elementos refletem a sociedade tradicional (cristã, liberal, capitalista), onde as diferenças entre classes, raças, e gêneros eram marcadas por uma lógica de exclusão e poder absoluto, criando sistemas sociais e culturais com pouca abertura para questionamentos ou mudanças.

Nos paradigmas emergentes, surge uma nova consciência que se aproxima do conceito de carnavalização ao romper com essas certezas absolutas. A linguagem literária, que antes era mimética e reproduzia a realidade, agora questiona o próprio real, tornando-se uma ferramenta de descoberta e criação. Esse movimento subverte os antigos cânones, oferecendo espaço para a diversidade de vozes e para o experimentalismo. A autoridade e o dogmatismo dão lugar à relatividade e à abertura ao diálogo. A sociedade, que antes seguia hierarquias rígidas, agora vive um processo de desagregação dessas estruturas, permitindo a coexistência de múltiplas verdades e visões de mundo.

Na prática da carnavalização, essa ruptura se manifesta através da paródia, da sátira e da mistura entre o elevado e o baixo. Em *Shrek*, por exemplo, a inversão de valores nos contos de fadas tradicionais questiona o individualismo heroico e a estrutura hierárquica de poder, ao mesmo tempo que valoriza a coletividade e a responsabilidade mútua. A carnavalização desafia as fronteiras da moral tradicional, desestruturando a visão maniqueísta do bem e do mal, e permitindo que os personagens se movam entre diferentes posições axiológicas e éticas, sem a rigidez imposta pelas narrativas convencionais.

Assim, ao refletir sobre os paradigmas emergentes e tradicionais no contexto da carnavalização, podemos perceber que esse processo literário e cultural coloca em xeque as normas rígidas do passado, abrindo espaço para a relativização das hierarquias e a reinvenção das relações sociais e culturais. É por meio do riso, do grotesco e da subversão de expectativas que a carnavalização expõe as contradições e limitações dos paradigmas tradicionais, promovendo uma visão de mundo mais plural, crítica e democrática.

3 METODOLOGIA

Nossa pesquisa se situa nas Ciências Humanas, no campo da linguística aplicada. Segundo Amorim (2002), a visão bakhtiniana defende que o objeto de pesquisa e o sujeito estão relacionados. O objeto específico das Ciências Humanas é o discurso ou, num sentido mais amplo, a matéria significativa. O objeto é um sujeito produtor de discurso, e é com seu discurso que lida o pesquisador. Acompanhando a abordagem de Bakhtin, destacam-se a complexidade das interações humanas e a riqueza das formas de expressão que os seres humanos utilizam para se comunicar e dar sentido ao mundo. Sendo assim, Amorim (2002, p. 10) afirma:

No que concerne às Ciências Humanas, a questão da voz do objeto é decisiva. Segundo Bakhtin, é o objeto que distingue essas ciências das outras (ditas naturais e matemáticas). Não é porém o homem seu objeto específico, uma vez que este pode ser estudado pela Biologia, pela Etologia etc. O objeto específico das Ciências Humanas é o discurso ou, num sentido mais amplo, a matéria significativa. O objeto é um sujeito produtor de discurso e é com seu discurso que lida o pesquisador. Discurso sobre discursos, as Ciências Humanas têm portanto essa especificidade de ter um objeto não apenas falado, como em todas as outras disciplinas, mas também um objeto falante.

Nesse contexto, o estudo de caso é uma escolha acertada para pesquisas nas Ciências Humanas, pois permite uma investigação profunda e detalhada de um caso específico, que será a análise da produção de discursos. Em nosso caso, realizaremos a aplicação de uma proposta de leitura para observar procedimentos de análise axiológica e ideológica em obras artístico-literárias, observando as contribuições dos estudos bakhtinianos. Isso se alinha com a ideia de considerar o objeto de estudo e o sujeito produtor de discurso, o que requer uma análise minuciosa para compreender plenamente os discursos em contextos culturais, históricos e ideológicos.

Para Yin (2001), um estudo de caso é uma abordagem de pesquisa qualitativa que se concentra na investigação profunda e detalhada de um caso específico, que pode ser uma pessoa, um grupo, uma organização, um evento ou um fenômeno, entre outros. O objetivo principal de um estudo de caso é compreender integralmente o caso em questão, explorando todas as suas complexidades e particularidades. Nesta pesquisa, o estudo de caso desempenha um papel fundamental para compreender os processos envolvidos na leitura com ressignificação valorada, tomando como foco a observação dos princípios da

carnavalização presentes na paródia e na sátira menipeia, que ajudam no processo de compreensão ativa para o entendimento do humor.

O estudo de caso permitirá uma análise detalhada e profunda do objeto de pesquisa, que, neste caso, é a interpretação crítica e a apreciação estética de *Shrek*. Isso é fundamental porque a compreensão da influência da ressignificação valorada e da sátira menipeia requer uma exploração minuciosa das complexidades da narrativa. O estudo de caso permite a contextualização da obra de arte dentro de um ambiente específico, no caso, uma sala de aula do 9º ano. Isso é importante para compreender como a experiência de leitura é influenciada pela mediação docente e pela interação entre texto e leitor.

Em nosso estudo de caso, responderemos perguntas sobre “como” e “por que” algo acontece no nível da criação estética e apresentaremos a compreensão dos alunos sobre esse tema. Neste estudo, estamos interessados em como a leitura com ressignificação valorada afeta a compreensão crítica dos alunos e como isso acontece a partir da hipótese de que categorias da sátira menipeia e da paródia ajudam o professor a explorar o texto de maneira mais indagativa, exigindo dos alunos uma compreensão ativa.

Dado que *Shrek* é uma narrativa contemporânea que dialoga com valores tradicionais dos contos de fadas, o estudo de caso é uma abordagem adequada para explorar como essa obra se relaciona com os valores atuais da sociedade. Os estudos de caso permitem que o professor-pesquisador se concentre em contextos específicos que estão vinculados aos estudos linguísticos e literários. Tal estudo nos permitirá uma investigação aprofundada e detalhada da influência da ressignificação valorada com exploração da mediação da paródia e da sátira menipeia na compreensão crítica e na apreciação estética de *Shrek* em um contexto educacional contemporâneo. Isso contribuirá para o avanço do conhecimento sobre estratégias de leitura crítica e estética em relação a obras literárias modernas que desafiam as convenções tradicionais.

No contexto do nosso estudo de caso sobre *Shrek* (o livro e o filme), o objetivo geral é realizar uma análise ético-estética-discursiva como indicação para o trabalho de leitura com ressignificação valorada em sala de aula, tomando como base os princípios da teoria da carnavalização de Bakhtin. Essa perspectiva influencia a interpretação crítica e a apreciação estética dos alunos em relação a essa narrativa contemporânea em contraste com os valores tradicionais dos contos de fadas.

Para atingir esse objetivo geral, estabelecemos objetivos específicos, incluindo investigar como as narrativas em livro e na versão cinematográfica de *Shrek* fazem uso da paródia e da sátira menipeia para criticar questões sociais, estéticas e filosóficas

abordadas nas versões lidas; explorar estratégias de leitura de ressignificação valorada, com foco nos elementos da carnavalização realizada por meio da paródia e das 14 particularidades da sátira menipeia; e avaliar a experiência de leitura com ressignificação valorada, tomando como base a percepção de paródia e sátira menipeia no desenvolvimento da criticidade e do senso estético dos leitores/espectadores em uma classe do 9º ano.

Nesse contexto, nosso estudo investiga como a leitura com ressignificação valorada, ancorada nos princípios da teoria da carnavalização de Bakhtin, influencia a compreensão crítica e a apreciação estética dos alunos ao analisar a narrativa de *Shrek* e sua relação com os valores dos contos de fadas tradicionais.

Sobre a coleta de dados e sua análise, exploramos a imersão nas duas representações da história de *Shrek* – o livro original e a adaptação cinematográfica –, em que os participantes, sob a mediação didática do professor nas aulas de leitura, exploram as diversas camadas de significação e representação. Essa etapa é fundamental para que os estudantes possam não apenas identificar os elementos estilísticos e narrativos utilizados, mas também entender os posicionamentos dos agentes de linguagem a partir das escolhas ético-estilístico-discursivas expressas nos atos e nos enunciados que compõem as relações dialógicas.

A fim de observar a compreensão responsiva, exploramos a recriação de conto de fadas; com isso, os alunos criaram narrativas, parodiando os contos tradicionais. Essa etapa permitiu que eles explorassem os elementos da paródia, da sátira, do grotesco e do sublime, de forma crítica e reflexiva. Nesse processo criativo, os estudantes não só demonstraram sua compreensão das fontes originais, como também transformaram a história de maneira responsiva, refletindo suas próprias perspectivas e seus entendimentos.

Analizamos o processo de ressignificação valorada como aspecto central nesta abordagem teórico-metodológica, visto que os alunos reinterpretaram e adaptaram as histórias em perspectiva ético-discursiva, questionando e reavaliando os valores nos contos. Dessa forma, analisamos os posicionamentos axiológicos nas atividades de reflexão e autoavaliação das atividades feitas pelos alunos.

Ao revisar suas próprias criações, os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre o seu próprio processo de criação estética. Esse registro é de suma importância, pois não só valida o processo criativo dos estudantes, mas também evidencia o

desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas, fundamentais para uma compreensão profunda e responsiva da literatura trabalhada em sala de aula.

As atividades do caderno foram aplicadas durante as aulas de português e redação na referida turma. Os alunos receberam as atividades xerocadas, também receberam uma cópia do livro *Shrek 1* impresso para lerem em sala de aula. As aulas foram gravadas. Os alunos respondiam as atividades em sala de aula. As respostas dos alunos foram transcritas.

3.1 Análise de dados da carnavalização na obra *Shrek*

Ao longo de *Shrek*, há uma constante alusão crítica aos filmes da Walt Disney, particularmente às suas adaptações dos contos de fadas clássicos. A cena inicial do filme já sinaliza essa abordagem paródica ao utilizar a clássica imagem de um livro de capa dura que remete diretamente ao estilo das introduções dos filmes da Disney. No entanto, o tom de solenidade e magia esperado é rapidamente subvertido, quando *Shrek*, de forma irreverente, interrompe a narrativa com uma risada cínica e o som de uma descarga, rompendo completamente com a expectativa de um conto de fadas tradicional.

Essa paródia funciona como um “canto paralelo”, imitando os elementos conhecidos dos contos de fadas, mas ao mesmo tempo zombando das suas fórmulas previsíveis e romantizadas. O filme utiliza essa desconstrução para criticar a visão idealizada e muitas vezes superficial das histórias de princesas promovidas pela Disney. Ao fazer isso, *Shrek* desafia a imagem de perfeição, propondo um universo em que as imperfeições e o grotesco ocupam o lugar central da narrativa, desconstruindo o mito do “herói perfeito” e do “amor verdadeiro”.

Figura 4: Livro dos filmes: Shrek e Branca de Neve



Fontes: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLUhJuZII-m5DFPhf3WS6tvWSPTOCZCoLs;>
[https://www.youtube.com/watch?v=bwSVcv6b1uA&t=6s.](https://www.youtube.com/watch?v=bwSVcv6b1uA&t=6s)

A narrativa *Shrek* utiliza a voz em off de Shrek para narrar a história da Bela Adormecida, acompanhada da imagem do livro sendo folheado e lido, cena parecida com o que acontece no início do conto Branca de Neve.

Quadro 5: Shrek narra a história de uma princesa aprisionada por um dragão

Shrek (voz off, acompanhada de ilustrações do livro de contos de fadas da Bela Adormecida): Era uma vez uma linda princesa. Mas havia um terrível feitiço sobre ela, que só poderia ser quebrado pelo primeiro beijo de amor. Ela foi trancada em um castelo, guardada por um terrível dragão que cuspia fogo. Muitos cavaleiros corajosos tentaram libertar ela dessa horrível prisão, mas ninguém conseguiu. Ela esperou sob a guarda do dragão, no quarto mais alto, da torre mais alta por seu verdadeiro amor e pelo beijo dele. (Riso)... como se isso fosse acontecer... que monte de (barulho da descarga do vaso sanitário).

Essa cena estabelece a perspectiva de Shrek como um personagem que não só não se identifica com os contos de fadas, mas os critica e zomba deles. Na narração em off de *Shrek*, há uma imitação dos elementos estruturais dos contos de fadas, especificamente de *A Bela Adormecida*: a princesa presa em uma torre, o dragão guardião, o feitiço que só pode ser quebrado pelo “primeiro beijo de amor verdadeiro”. Esses elementos são típicos de histórias que seguem o modelo da jornada do herói e o resgate da donzela em perigo. No entanto, o processo parodístico aqui não se limita a uma simples inversão ou ridicularização do conteúdo; ele revela uma crítica ao próprio ato de narrar histórias de forma previsível e moralizante. Essa visão apreciativa, ou melhor, depreciativa, é um elemento-chave do filme, pois impulsiona a narrativa e o humor ao longo da história.

Shrek é apresentado como um personagem que está cansado das convenções e das idealizações dos contos de fadas e representa uma visão mais realista e cética do mundo. O filme comenta, no interior do gênero, de forma autorreferencial, a artificialidade dessas construções narrativas, criticando as histórias de amor romântico e heroísmo que moldam o imaginário coletivo, principalmente as adaptações da Disney, em que são tratadas como ilusões simplistas e previsíveis.

Nessa mesma cena, o grotesco ocorre com a aparição de Shrek, que se mostra como um ogro verde lendo um livro de contos de fadas. Esse ogro é o príncipe que salvará e casará com a princesa. No entanto, o personagem ri e zomba da história do livro, quando sai do banheiro e rasga uma folha do livro fazendo de papel higiênico. Sobre a cena do banheiro, no filme *Shrek 1*, Souza (2013, p. 101) relata:

De repente, ouvimos um ruído, o da descarga do vaso sanitário. Concluímos, então, que a página do livro rasgada foi utilizada como papel higiênico. Este incidente surpreende o espectador por uma quebra de expectativa. Essa nota de humor, que interrompe o ritmo sério da contação da história por um elemento externo, circunstancial, remete o espectador a uma ação bem familiar: o da leitura de banheiro, que não está prevista no horizonte de expectativa do gênero conto de fadas. Esse fato já insere o espectador no processo discursivo de desvio da seriedade, que o filme *Shrek* irá desenvolver ao longo da narrativa. Constitui-se aqui o primeiro gesto carnavalizante da narrativa fílmica.

Figura 5: Shrek saindo do banheiro



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cR0rw3oV7lQ&list=PLVpkRH8pEby2MbJxWSAxxkMWQugT86ohiN>.

Esse choque entre o idealizado e o corpóreo grotesco subverte as expectativas do espectador. O grotesco é intensificado visualmente na sequência que segue a introdução: Shrek realiza atividades que estão longe da imagem refinada e estética dos heróis tradicionais – ele toma banho de lama, escova os dentes com gosma de insetos e exhibe hábitos pouco higiênicos. Essa representação é o oposto da imagem idealizada de beleza e perfeição que filmes como *A Bela Adormecida* ou *Branca de Neve* promovem. Além disso, o protagonista faz uso de vocabulário de baixo calão, ou seja, palavras e expressões vulgares ou grosseiras, o que contribui para o humor e o tom irreverente da história. Por exemplo, na cena em que Shrek lê o livro de contos de fadas, ele menciona: “como se isso fosse acontecer... que monte de...”, e então ouvimos o barulho da descarga de um vaso sanitário. Embora ele não use palavras explicitamente vulgares, na referência ao ato de usar o banheiro, é claramente subentendida a expressão “merda”.

Após a cena do pântano onde está Shrek, vemos a cidade e a compra dos personagens dos contos de fadas como mercadoria, apresentando uma sátira sobre as histórias enlatadas. Essa cena apresenta a caça aos personagens dos contos de fadas pelos coletores do Lorde Farquaad em uma representação metanarrativa que satiriza e subverte as convenções dos contos de fadas tradicionais. A cena funciona como uma espécie de “desconstrução” das histórias clássicas, expondo os aspectos muitas vezes cruéis e desumanos das narrativas tradicionais. Os coletores de personagens de contos de fadas tratam os personagens como mercadorias de pouco valor.

Quadro 6: Os personagens dos contos de fadas estão sendo presos

Ouve-se um soldado falando:

Soldado: Muito bem, está cheio, podem levar!

Aparece um carroção de madeira, com grades e com alguns personagens dos contos de fadas dentro, presos. Eles são levados. Em seguida aparece uma fileira de anões, acorrentados. Os anões estão cantando.

Sete Anões: Ih, oh, ai, ih! Prisioneiros anões aqui!!

Na cena também aparece uma mesa, com um soldado sentado em frente atendendo e fazendo perguntas aos prisioneiros. Tem outro carroção onde estão colocando um cavalo. Aparece uma bruxa vestida de preto, chapéu preto e um outro soldado em pé quebra a vassoura dela.

Soldado: Me dá isso aqui! Seus dias de voo acabaram!

A bruxa está com os pulsos amarrados. Nisto, o soldado sentado fala para um homem que está perto dele.

Soldado: Vinte moedas de prata pela bruxa. Próximo!

Homem que vendeu a bruxa: Míseras 20 moedas!

Na fila outro homem puxa pela mão um homenzinho magro com chapéu vermelho.

Soldado: Míseras 20 moedas!

O próximo da fila é um senhor de idade (Gepeto) com Pinóquio no colo e, atrás deles, o próximo é um burro com uma corda em volta da boca e puxado por uma mulher. O burro observa os soldados empurrando os anões e a bruxa para dentro de um carroção.

Soldado: Fiquem quietos!

Depois aparecem dois ursos adultos dentro de uma gaiola grande e um ursinho pequeno chorando dentro de uma gaiola menor e fala chorando.

Ursinho: A cela é tão pequena!

O Burro observa tudo com medo e fala para a mulher que segura a corda em seu pescoço.

Burro: Por favor, não me entregue! Não vou mais ser teimoso! Eu posso mudar, vai, me dá uma chance.

Mulher: Cala a boca! – e ameçaça dar um tapa nele.

Soldado grita: Próximo! O que tem aí?

Gepeto: Este boneco de madeira!

Pinóquio: Eu não sou um boneco de madeira, eu sou de verdade! – O nariz dele cresce. O soldado acompanha com os olhos o crescimento do nariz do boneco.

Soldado: Cinco xelins pelo boneco de madeira possuído. Pode levar!

Pinóquio: Pai, por favor, não me deixe! – O pai não liga e sai contando as moedas.

A caça aos personagens dos contos de fadas em *Shrek* é uma crítica astuta e subversiva ao mundo dos contos de fadas tradicionais, em particular à marca Disney, que muitas vezes é associada à idealização dessas histórias.

Nessa cena os personagens de contos de fadas são tratados como mercadorias a serem compradas e vendidas. Isso coloca em evidência a comercialização das histórias clássicas, sugerindo que os contos de fadas se tornaram produtos a serem explorados comercialmente. A representação dos personagens dos contos de fadas como prisioneiros, acorrentados e sendo leiloados como mercadorias, subverte totalmente a imagem romântica e idealizada que muitos têm desses personagens.

Essa cena, de caráter metanarrativo, satiriza a maneira como as histórias de contos de fadas são empacotadas, comercializadas e consumidas, questionando-se a autenticidade e os valores por trás delas. É uma crítica inteligente ao que pode ser considerado uma exploração excessiva e superficial do mundo dos contos de fadas,

especialmente por empresas como a Disney, que muitas vezes são acusadas de transformar essas histórias em produtos de consumo.

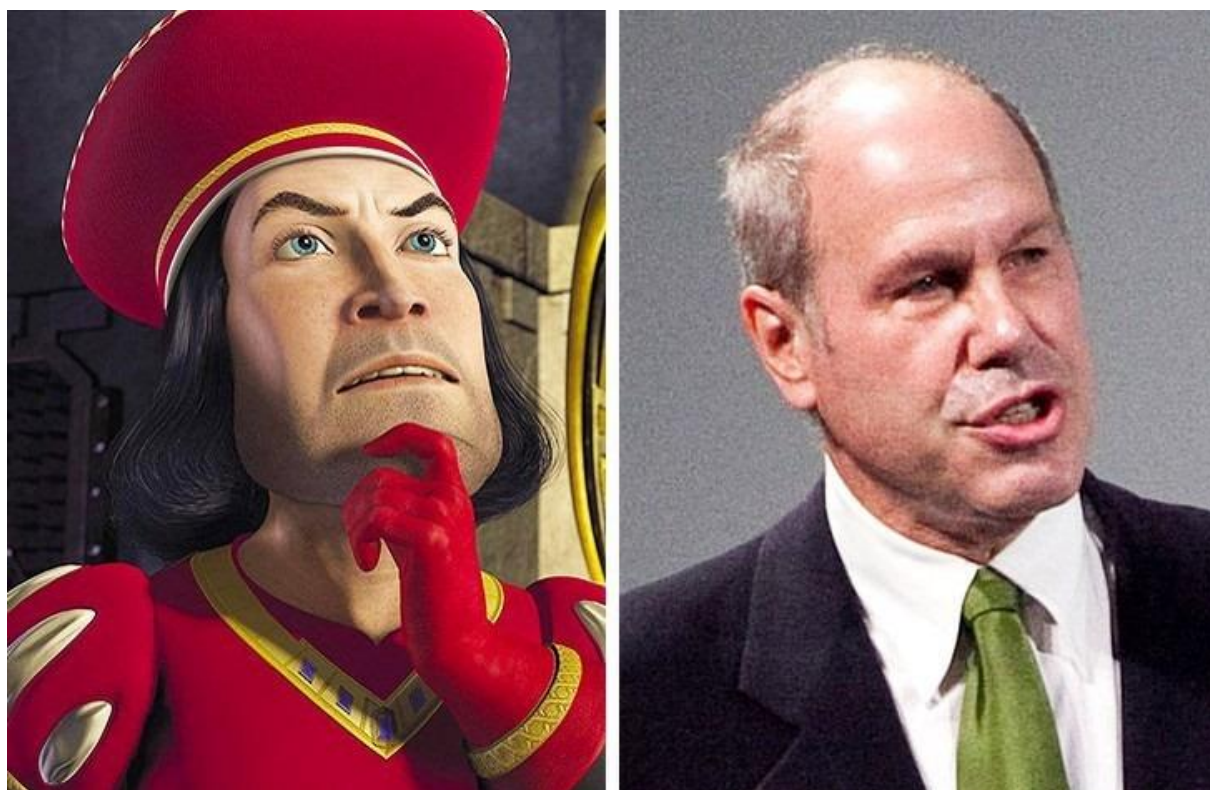
A sátira de *Shrek* atinge um nível ainda mais profundo ao zombar diretamente de um dos personagens mais icônicos dos contos de fadas, Pinóquio. Quando Gepeto o apresenta como um “boneco de madeira”, Pinóquio imediatamente nega sua condição, afirmando que é “de verdade”. Essa contradição entre sua forma física e sua natureza “real” é uma referência à história original de Pinóquio, na qual seu nariz cresce sempre que ele mente. No entanto, o soldado, de forma cínica, oferece cinco xelins pelo “boneco de madeira possuído”.

A ironia aqui é dupla. Primeiramente, a ideia de que Pinóquio é vendido como um “boneco possuído”, algo indesejável ou até mesmo amedrontador. A cena apresenta Gepeto, pai de Pinóquio, como vendedor de sua própria criação por míseras moedas entregue à miséria produzida pelo capitalismo, simbolicamente o artista vendendo a sua criação por qualquer preço para sobreviver.

É interessante observar que o filme não faz apenas referência aos personagens dos contos de fadas que se encontram no plano ficcional. Ele vai além, a todo instante, o filme dialoga com acontecimentos ligados à própria produção do gênero conto de fadas em suas versões em prosa e cinematográfica, bem como fatos da vida social contemporânea, em processo crítico de atualização e de renovação do gênero. Em vários momentos, o filme subverte as expectativas do público, atualizando e renovando o gênero ao confrontar os ideais consagrados pelos contos de fadas tradicionais. O humor e a paródia presentes em *Shrek* são, em grande parte, ferramentas para questionar não apenas o conteúdo das histórias, mas também a forma como elas são produzidas e disseminadas na cultura popular, especialmente através das adaptações da Disney.

Uma das críticas mais evidentes no filme é a sátira dirigida aos parques temáticos da Disney. A cidade de Duloc, governada por Lord Farquaad, é uma caricatura desses parques, com sua perfeição exagerada e controle rigoroso, refletindo a visão idealizada e excessivamente ordenada que a Disney projeta em suas produções. Essa representação irônica de Duloc revela uma crítica ao modelo de perfeição que a Disney tenta impor, sugerindo que esse tipo de idealização desumaniza e simplifica a realidade. O filme, ao fazer essa crítica, traz à tona uma reflexão sobre o impacto cultural desses padrões, que muitas vezes ditam o que é considerado belo, aceitável ou “perfeito” nos contos de fadas e na sociedade.

Figura 6: Lord Farquaad e chefe executivo da Walt Disney



Fontes: Lord Farquaad, https://dreamworks.fandom.com/wiki/Lord_Farquaad. Executivo da Disney: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Eisner.

Essa camada de crítica em *Shrek* envolve a figura de Lord Farquaad, que muitos especulam ser uma paródia de Michael Eisner, o então diretor artístico da Disney. A semelhança física e o comportamento autoritário de Farquaad são vistos como uma representação satírica de Eisner, especialmente no contexto de sua relação conflituosa com Jeffrey Katzenberg, cofundador da DreamWorks e ex-executivo da Disney.

Essa alusão se torna ainda mais interessante quando entendemos que Katzenberg teria usado o filme como uma forma de vingança pessoal contra Eisner, dando a *Shrek* um tom mais afiado em sua crítica à forma como a Disney opera. A presença de Farquaad no filme não só aponta para essa disputa interna, mas também reforça a mensagem de que o controle e a imposição de uma visão única podem ser limitadores tanto para a arte quanto para o público.

Além disso, a expulsão das criaturas mágicas de Duloc por Lord Farquaad é uma metáfora clara da maneira como a Disney, ao adaptar os contos de fadas, muitas vezes padroniza e simplifica suas histórias para se adequar a um público mais amplo e convencional. Farquaad, em seu desejo de criar uma cidade “perfeita”, elimina qualquer

elemento que considere imperfeito ou desajustado, assim como a Disney tende a higienizar e uniformizar as narrativas originais dos contos de fadas, apagando suas nuances e complexidades. Essa crítica em *Shrek* não se restringe apenas ao mundo da ficção, mas também sugere uma reflexão sobre como a cultura popular pode ser moldada e controlada por grandes corporações, que buscam atender a expectativas de perfeição e entretenimento sem deixar espaço para a diversidade ou a subversão.

No início do filme, o Lord Farquaad, governador de Duloc, ordena que todas as criaturas mágicas sejam capturadas e expulsas, pois ele deseja que sua cidade não apresente seres que considera imperfeitos ou indesejáveis. Para tanto, essas criaturas, como os Três Porquinhos, o Lobo Mau, Branca de Neve (dentro do caixão) e os Sete Anões, Pinóquio, O Flautista de Hamelin, Merlin, Fadas, Duendes, Bruxas e o Burro, acabam se refugiando no pântano onde mora Shrek, que se sente incomodado com a presença de tantos seres fantásticos. Os personagens dos contos de fadas dizem que não podem voltar para Duloc e o único jeito para resolver esse problema é Shrek conversar com o governante da cidade.

Neste momento, Lord Farquaad, com a sua vaidade, está preocupado em se tornar rei, mas para isso, segundo o espelho mágico, ele precisa se casar com uma princesa. Dentre as opções de princesas apresentadas pelo espelho, ele escolhe a princesa Fiona, que está aprisionada em uma torre guardada por um dragão. No entanto, ao invés de resgatá-la pessoalmente, Farquaad decide realizar um torneio para encontrar alguém que faça o resgate por ele. Quando Shrek e o Burro chegam a Duloc para exigir que as criaturas mágicas sejam removidas do pântano, Shrek acaba participando do torneio involuntariamente. Shrek derrota todos os cavaleiros e, como recompensa, faz um acordo com Farquaad, compromete-se resgatar a princesa Fiona, e em troca, Farquaad promete devolver o pântano ao ogro, livre das criaturas mágicas.

Figura 7: Chegada ao castelo onde está aprisionada a princesa Fiona



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cROrw3oV7lQ&list=PLVpkRH8pEby2MbJxWSAxxkMWQugT86ohiN&index=1>.

A figura do dragão em *Shrek* é outra instância de subversão das expectativas tradicionais de contos de fadas e fornece um exemplo interessante de como o filme brinca com clichês. Nos contos clássicos, o dragão é frequentemente retratado como o vilão – uma besta feroz que guarda a princesa e que deve ser morta pelo herói. Em *Shrek*, essa noção é virada de cabeça para baixo. Primeiramente, o dragão não é apenas uma fera feroz; ela é uma fêmea e, como descobrimos mais tarde no filme, tem seus próprios sentimentos e desejos.

O filme desafia o estereótipo de que monstros ou criaturas gigantes, como dragões, são inerentemente maus ou cruéis. Ao dar ao dragão uma personalidade e emoções, o conto parodiado *Shrek*, humaniza um personagem que é frequentemente despersonalizado em outros contos. Além disso, em vez de Shrek lutar e matar o dragão, ele opta por enganá-la e, eventualmente, faz amizade com ela. A relação que se desenvolve entre o dragão e o Burro é uma reviravolta cômica e inesperada. Ao retratar o dragão como uma criatura complexa e multifacetada, o filme satiriza a ideia simplista do bem contra o mal presente em muitos contos de fadas tradicionais.

Figura 8: Cena do filme *Shrek*, quando o Burro encontra o dragão (paródia de Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau, Cupido)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cROrw3oV7lQ&list=PLVpkRH8pEby2MbJxWSAxkMWQugT86ohiN&index=1>.

Quadro 7: Encontro do Burro com o dragão

A cena é dentro do castelo do dragão, quando o Burro está tentando fugir do dragão e não consegue porque ele quebra a passagem com a cauda. O Burro fica preso em um pequeno espaço alto e está com medo do dragão, que parece querer atacá-lo.

Burro: Não!! Que dentes enormes você tem!

O dragão rosna.

Burro: Brancos e brilhantes. Deve ouvir sempre isso de sua comida. Deve fazer clareamento porque tem um sorriso ofuscante.

O dragão começa a rosnar delicadamente.

Burro: Senti um frescor de hortelã? Sabe o que mais? Sabe o que mais? Você é um dragão, moça!

O dragão rosna macio e confirma com um movimento.

Burro: Quero dizer, claro que é um dragão-mulher porque está exalando uma beleza feminina. O que foi? Entrou algo no seu olho?

O dragão assopra um coração rosa que circula o Burro, ele então chuta com uma pata o coração.

Burro: Uou! Adoraria ficar, mas sou asmático e não vai rolar, não vai dar certo se continuar cuspidando anéis de fumaça.

Vemos que a presença do dragão é usada para questionar e ridicularizar a noção tradicional de bravura. Os outros cavaleiros, que seguiram o protocolo tradicional de enfrentar o dragão, encontraram destinos infelizes. Em contraste, *Shrek*, ao abordar a situação de uma maneira não convencional e mais pragmática, é bem-sucedido. Isso

sugere que a verdadeira coragem não se encontra em ações ajudadas por fadas, mas em pensar em soluções únicas para problemas vividos.

Em *Shrek*, a cena em que o ogro resgata a princesa Fiona da torre é uma paródia das tradicionais histórias de contos de fadas. Em vez do esperado momento romântico e grandioso, temos *Shrek* abordando o resgate de uma maneira completamente diferente. Fiona espera o padrão dos contos de fadas, preparando-se para um “beijo mágico”, mas fica desorientada quando as coisas não acontecem como nos contos de fadas tradicionais. Essa subversão das expectativas é um comentário humorístico sobre os clichês das histórias de amor.

Figura 9: Cena do filme *Shrek* quando encontra a princesa Fiona (paródia d’A Bela Adormecida)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cROrw3oV7lQ&list=PLVpkRH8pEby2MbJxWSAxxkMWQugT86ohiN&index=1>.

Quadro 8: Shrek encontra Fiona pela primeira vez

Após segurar a cauda do dragão, na intenção de ajudar o Burro a não ser atacado, *Shrek* acaba sendo lançado para cima até o alto da torre e do quarto em que a princesa se encontra, *Shrek* cai no chão do quarto. A princesa ouve o barulho, vê o cavaleiro ali –*Shrek* continua com o elmo na cabeça – e acha que é o salvador que irá lhe dar o primeiro beijo e a livrará da maldição. *Shrek* não conhece a maldição. A princesa fica se arrumando para receber o primeiro beijo, pega buquê, arruma os cabelos, arruma o vestido, finge que está dormindo e ao perceber a aproximação do cavaleiro, faz biquinho para receber o beijo. *Shrek* se aproxima da cama, fica bem próximo da princesa e a sacode para que acorde.

Shrek: Acorde!

Princesa Fiona: O quê?

Shrek: Você é a princesa Fiona?

Princesa Fiona: Sou! Esperando um corajoso cavaleiro me salvar.

Shrek: Lindo! Vamos nessa!

Princesa Fiona: Mas espere, senhor cavaleiro! É o nosso primeiro encontro. Não deveria ser um momento maravilhoso e romântico?

Shrek: Desculpe, moça. Não há tempo.

Shrek puxa Fiona pelo braço e a retira da cama. Ela reclama.

Princesa Fiona: O que está fazendo? Deveria me levar por aquela janela, e subiríamos no seu valente cavalo!

Shrek: Teve muito tempo para planejar tudo isso.

Princesa Fiona: Uhum!

Shrek derruba a porta e sai correndo, puxando a princesa pela mão.

Princesa Fiona: Temos que saborear este momento. Recite um poema épico para mim. Uma balada? Um soneto?

E os dois continuam correndo, *Shrek* segurando na mão direita uma tocha e na esquerda a mão da princesa. Detalhe: ele ainda continua com o elmo na cabeça. A princesa ainda não viu o rosto dele.

Princesa Fiona: Um versinho? Qualquer coisa?

Shrek: Acho que não.

Eles param de correr.

Princesa Fiona: Posso ao menos saber o nome do meu campeão?

Shrek: Ahh! *Shrek*.

Princesa Fiona: Sir *Shrek*, rogo-lhe que aceite isto como prova de minha gratidão.

Entrega um lencinho a *Shrek*.

Shrek: Obrigado.

Enxuga a testa suada e suja com o lencinho e entrega à princesa. Ela pega e olha com nojo.

Nisto, ouvem o rugido do dragão.

Princesa Fiona: Você não matou o dragão?

Shrek: Está na minha lista de afazeres. Vamos.

Pega pela mão da princesa e voltam a correr.

Princesa Fiona: Não está certo. Deveria avançar, espada em punho, com sua bandeira tremulando. Os outros cavaleiros fizeram assim.

Continuam a correr, e *Shrek* vê cavaleiros mortos no chão.

Shrek: Sim, antes de pegarem fogo.

Princesa Fiona: Essa não é a questão.

A princesa continua correndo e contestando. Eles param e soltam as mãos. Neste momento da cena aparece um livro na parede com a receita de como cozinhar soldados.

Princesa Fiona: Aonde está indo? A saída é por ali!

Shrek: Tenho que livrar a minha pele.

Princesa Fiona: Que tipo de cavaleiro você é?

Shrek: Um tipo único.

O diálogo entre Shrek e Fiona durante a fuga subverte os enunciados de uma cena de salvação de uma princesa. A pergunta de Fiona, “Que tipo de cavaleiro você é?”, e a resposta de Shrek, “Um tipo único”, são formulações humorísticas que satirizam os estereótipos tradicionais de heroísmo. A mensagem subjacente é clara: ser um “herói” não significa seguir um script predefinido, mas sim agir de maneira autêntica, independentemente das expectativas da sociedade.

Essa cena de *Shrek* que satiriza o tradicional resgate da princesa é repleta de implicações contemporâneas, principalmente em um mundo que está constantemente revendo e questionando suas próprias narrativas culturais. Vivemos em uma época em que as normas e expectativas tradicionais estão sendo desafiadas em quase todos os aspectos da sociedade, seja na política, nos relacionamentos, na identidade de gênero ou nas representações da mídia. A era contemporânea é marcada por uma crescente rejeição aos clichês e à aceitação cega de normas culturalmente impostas. A princesa Fiona, com suas noções preconcebidas sobre como um resgate “deveria” ocorrer, pode ser vista como uma representação daqueles que ainda se apegam a ideias representadas nos contos de fadas. Em contrapartida, Shrek representa uma rejeição desses padrões, preferindo ter uma atitude pragmática diante do perigo. Além disso, existe uma crítica ao “heroísmo cego”, pois o herói precisa agir com inteligência.

Em tempos de redes sociais e cultura do espetáculo, muitas vezes as ações são realizadas mais pela aparência do que pela substância. Os cavaleiros que “pegaram fogo” podem ser vistos como aqueles que buscavam o reconhecimento e a adulação sem considerar as consequências ou a substância de suas ações. Shrek, ao contrário, age de forma autêntica, mesmo que isso signifique contrariar expectativas.

Por último, essa cena também ressoa com o movimento contemporâneo em direção a uma maior igualdade de gênero. A expectativa de que um “cavaleiro” deve salvar a “dama em apuros” é uma noção que tem sido amplamente desafiada e rejeitada em representações modernas. Ao satirizar essa ideia, *Shrek* se alinha a uma tendência atual que busca representar personagens femininas de maneira mais autônoma e poderosa,

quebrando os estereótipos tradicionais. Ao todo, essa cena não é apenas uma sátira cômica, mas também uma reflexão profunda sobre as mudanças culturais em andamento na sociedade contemporânea.

Analisando a cena do resgate de Fiona em *Shrek* sob a perspectiva da carnavalização, o príncipe não é bonito e valente e não enfrenta os perigos com graça e destemor. Shrek é um ogro que rompe com as expectativas físicas esperadas de um príncipe de conto de fadas tradicional, não possuindo o comportamento cavalheiresco idealizado. Ao invés de beijar a princesa adormecida, ele a sacode, subvertendo a tradição. Em vez de um momento tenso e dramático de resgate, a cena é tratada com humor. A tentativa de Fiona de simular o cenário perfeito de um conto de fadas é completamente desfeita pela abordagem direta e não romântica de Shrek. Essa inversão e o choque de expectativas criam um riso, uma característica central da carnavalização.

O dragão, tradicionalmente um antagonista a ser derrotado, torna-se um aliado e até mesmo um interesse amoroso para o Burro. Isso subverte a hierarquia típica de herói versus monstro. Ao invés de apresentar os personagens “desajustados” (como o ogro, o burro falante e o dragão feminino) como vilões ou figuras de escárnio, eles são celebrados e se tornam os verdadeiros protagonistas da história. Em suma, a cena do resgate em *Shrek* é um exemplo claro de carnavalização em ação. Ela desafia, inverte e ridiculariza as normas e convenções dos contos de fadas tradicionais, permitindo que a audiência veja a narrativa sob uma luz completamente nova e refrescante. Através dessa subversão, o filme também comenta temas mais profundos, como a natureza do amor verdadeiro, a autoaceitação e a rejeição de normas sociais rígidas.

Depois de salvar Fiona, no retorno para a cidade, desenvolvem um vínculo, revelando segredos sobre suas verdadeiras identidades. Com isso, o amor verdadeiro e a aceitação de quem eles realmente são se tornam temas centrais à medida que a história se desenrola, todavia a princesa, devido a pequenos desentendimentos com Shrek, resolve se casar com o lorde para quebrar o feitiço de ter duas formas físicas: durante o dia princesa bela e, à noite, forma de ogro. A cena do casamento é um momento de decisão, em que Shrek interrompe a cerimônia para fazer uma declaração de amor, revelando um momento sublime do filme.

Quadro 9: Shrek entra na igreja

Shrek entra na igreja na hora que a princesa Fiona e o Lorde Farquaad vão se beijar.

Shrek: Eu me oponho!

Princesa Fiona: *Shrek?*

Lorde Farquaad: O que ele quer agora?

Shrek: Oi, pessoal, estão se divertindo? Adoro DuLoc, é muito limpa.

Princesa Fiona: Por que você está aqui?

Lorde Farquaad: Já é grosseiro ficar vivo quando ninguém o quer, mas vir ao casamento sem ser convidado é...

Shrek: Fiona, preciso falar com você.

Princesa Fiona: Quer conversar agora? Bem, é tarde demais para isso.

Shrek a puxa com força pelo braço.

Shrek: Você não pode se casar com ele!

Princesa Fiona: Por que não?

Shrek: Ele só está casando com você para poder ser rei.

Lorde Farquaad: Ultrajante! Não lhe dê ouvidos.

Shrek: Não é o seu verdadeiro amor.

Princesa Fiona: O que sabe sobre isso?

Shrek: Eu...

Lorde Farquaad: Isso é muito interessante.

Ri.

Lorde Farquaad: O ogro se apaixonou pela princesa! Minha nossa!

Faz sinal para o rapaz que segura cartazes. Ele pega o cartaz que pede risadas. O público começa a rir.

Lorde Farquaad: Um ogro e uma princesa.

Lorde Farquaad ri, e a plateia ri junto.

Princesa Fiona: *Shrek*, isso é verdade?

Lorde Farquaad: Quem se importa? Isso é ridículo!

E se dirige à princesa, pega na mão dela.

Lorde Farquaad: Meu amor, dê-me um beijo para sermos felizes para sempre!

A princesa olha para fora e vê o sol indo embora.

Princesa Fiona: À noite, de um jeito, de dia, de outro...

Se afasta e diz a *Shrek*.

Princesa Fiona: Quis mostrar isto para você antes.

Fica perto da janela, e a magia acontece, vira ogro. A plateia dentro da igreja se admira. Uma mulher na plateia desmaia.

Shrek: Isso explica muita coisa.

Lorde Farquaad demonstra nojo.

Lorde Farquaad: É nojento! Guardas! Tirem isso da minha frente! Agora, peguem-nos! Peguem os dois.

Os guardas agarram *Shrek* e a princesa.

Lorde Farquaad: Toda essa feitiçaria não altera nada! O casamento se realizou, e isso me torna rei! Estão vendo?

Coloca a coroa na cabeça.

Os guardas continuam atacando *Shrek* e a princesa Fiona.

Lorde Farquaad: Fera insolente! Vai se arrepender do dia em que me conheceu! Verei você sendo esquartejado. Vai implorar para ser morto!

Princesa Fiona: Não!

Lorde Farquaad: E quanto a você, minha esposa...

Pega uma faca e coloca perto do pescoço da princesa.

Shrek: Fiona!

Lorde Farquaad: Ficarà trancada o resto de seus dias. Eu sou o rei!

Shrek assovia.

Lorde Farquaad: Terei ordem! Terei perfeição! Terei...

O dragão quebra o vidro da igreja, entra e come o rei.

Burro: Não se mexam! Tenho um dragão e não tenho medo de usá-lo! Sou um burro descontrolado!

O dragão arrotta e cospe fora a coroa do rei.

Burro: Casamentos de celebridades não duram mesmo, não é?

A plateia aplaude.

A cena do casamento da Princesa Fiona com Lorde Farquaad, em *Shrek*, é um momento crucial na narrativa, cheio de elementos que subvertem as convenções dos contos de fadas tradicionais. Vamos analisar os principais aspectos dessa cena:

Interrupção de Shrek: Shrek entra na igreja no momento em que Fiona e Farquaad estão prestes a se beijar, interrompendo a cerimônia. Isso quebra a expectativa de um final de conto de fadas tradicional, em que a princesa se casa com o príncipe encantado.

A revelação: Shrek revela que Farquaad só está se casando com Fiona para se tornar rei, destacando a falta de verdadeiro amor na relação. Isso questiona a ideia de casamento por conveniência, comum em muitos contos de fadas.

A transformação de Fiona: Fiona finalmente revela seu segredo a Shrek, mostrando que ela se transforma em ogro à noite. Essa reviravolta acrescenta

complexidade ao personagem da princesa e desafia as expectativas sobre a aparência das princesas.

O humor e o ridículo: a reação de Farquaad à revelação é cômica, e ele tenta usar a situação em seu próprio benefício. A plateia dentro da igreja ri (a mando do Lorde), o que ressalta a natureza absurda da situação. Essa cena usa o humor para criticar os valores tradicionais dos contos de fadas.

A intervenção do dragão: o dragão, que anteriormente era apresentado como uma ameaça, entra na igreja e come Farquaad. Isso subverte ainda mais as expectativas, transformando um antagonista potencial em um aliado improvável.

A liberdade de Fiona: com a morte de Farquaad, Fiona fica livre e não mais obrigada a se casar com ele. Ela ganha sua independência e autonomia, o que é um contraste notável com muitas princesas dos contos de fadas tradicionais.

O comentário sutil: a cena também expressa sutilmente a superficialidade da fama e do casamento de celebridades, quando o Burro faz uma observação irônica sobre a duração dessas uniões.

No geral, essa cena é um exemplo perfeito de como *Shrek* usa a paródia e a sátira para subverter as normas dos contos de fadas, enquanto também oferece uma mensagem sobre amor verdadeiro e aceitação. Ela desafia as expectativas do público e adiciona camadas de complexidade aos personagens e à história, tornando-a uma das cenas mais memoráveis e divertidas do filme.

Podemos identificar traços do sublime na transformação de Fiona em ogro e na revelação de sua verdadeira identidade. Quando Fiona se transforma em ogro sob a luz do entardecer, há uma qualidade grandiosa e inspiradora nessa cena. O momento em que a luz do sol incide sobre ela e ela revela sua forma de ogro é acompanhado por uma música dramática e bela. Isso cria uma sensação de admiração e reverência, que são características do sublime. A transformação de Fiona não é apenas física, mas também simbólica, representando a aceitação de sua verdadeira identidade.

Além disso, a mistura de elementos nessa cena contribui para a construção da narrativa e para a celebração do humano. A presença do burro, do dragão e de outros personagens peculiares na igreja cria um senso de diversidade e inclusão. O fato de Fiona ser aceita por Shrek mesmo após sua transformação em ogro enfatiza a importância da aceitação do outro independentemente de sua aparência.

A cena também destaca o poder da ação coletiva e da solidariedade, já que o dragão intervém para ajudar Shrek e Fiona. Essa mistura de elementos, combinada com

a reviravolta na narrativa, reforça a ideia de que a verdadeira beleza está no interior e que o amor genuíno transcende as aparências.

3.1.1 Análise das interações nas aulas de compreensão sociocognitiva e axiológica

Nesta seção, apresentamos a análise das interações que ocorreram durante as aulas de compreensão sociocognitiva e axiológica em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa, de caráter qualitativo e base interpretativa, investigou como o processo de mediação didática, centrado na leitura dialógica com ressignificação valorada, promoveu a produção de sentido entre os alunos. O estudo examinou de que maneira as narrativas, tanto em prosa quanto cinematográficas, do filme *Shrek* estabeleceram um diálogo crítico com os contos de fadas tradicionais, em suas versões escritas e adaptadas pelo Walt Disney. Demonstramos de que forma a mediação da leitura dialógica valorada explora o confronto de discursos e enunciados que promovem o conflito e a disputa de sentido entre as vozes, bem como os recursos estilísticos e discursivos que cada voz utiliza para retomar os discursos dos outros. Por meio desse processo, acreditamos ser possível observar como se chega à compreensão da paródia e da carnavalização que guiam a interpretação.

Por meio dessas interações, observamos como os alunos negociaram significados, interpretaram as relações entre as diversas vozes e desenvolveram uma compreensão mais crítica e ampliada das narrativas, levando à ressignificação valorada dos textos. Esse processo foi registrado de várias maneiras, incluindo a gravação de vídeos das atividades orais, que capturaram as discussões em tempo real, assim como o recolhimento de registros dos exercícios realizados individualmente, nos quais os estudantes colaboraram ativamente na construção de suas interpretações. Esses registros foram posteriormente compartilhados em rodas de leitura, onde as reflexões individuais e coletivas foram debatidas e aprofundadas, possibilitando um maior engajamento entre os alunos. Observamos que os pais autorizaram esses alunos a participar da pesquisa. Os nomes dos participantes da pesquisa foram trocados por letras, mantendo a individualidade, usando o abecedário, a fim de preservar a identidade nas descrições das interações em sala de aula.

Além das atividades em grupo, a produção de textos escritos foi outro importante instrumento de análise. Nesses textos, os alunos expressaram seus posicionamentos axiológicos diante do que haviam lido e discutido em aula, revelando não apenas sua

compreensão sobre as narrativas, mas também suas reflexões críticas sobre as questões éticas, estéticas e culturais levantadas pelos textos e filmes. Essas produções textuais, somadas aos debates orais e aos registros colaborativos, ofereceram uma rica base para entender como os alunos ressignificaram os discursos, confrontando as vozes presentes nos contos de fadas tradicionais e nas suas adaptações cinematográficas, em especial a paródia oferecida por *Shrek*.

A oficina de leitura, proposta como parte central da pesquisa, foi planejada para proporcionar aos alunos uma experiência de análise crítica e reflexiva das narrativas de *Shrek*, tanto na versão literária quanto cinematográfica, em diálogo com os contos de fadas tradicionais. Com a orientação da professora-pesquisadora, os alunos participaram ativamente de atividades que promoveram a ressignificação valorada dos textos, explorando temas como a paródia, a carnavalização, e a desconstrução de normas sociais e culturais presentes nos contos clássicos.

Inicialmente, anunciamos que trabalharíamos com uma obra bastante conhecida chamada *Shrek 1* (o primeiro filme), junto à versão em livro escrita por William Steig. Explicamos que essa obra não apenas fazia parte do repertório cultural deles, mas também estabelecia um diálogo crítico e bem-humorado com os contos de fadas tradicionais, os quais eles certamente conheciam de outras mídias, especialmente das adaptações cinematográficas da Walt Disney. Nesse momento, aproveitamos para perguntar aos alunos se eles conheciam contos de fadas e qual era sua opinião sobre essas histórias. A maioria respondeu afirmativamente, demonstrando familiaridade com essas narrativas que fazem parte de seu universo cultural desde a infância.

Em seguida, aprofundamos a discussão, perguntando especificamente sobre *A Bela Adormecida*, tanto na sua versão em prosa quanto na versão cinematográfica da Disney. Queríamos entender o quanto os alunos sabiam sobre essas versões e quais percepções tinham sobre as diferenças entre elas. A resposta foi positiva, indicando que a versão da Disney era mais amplamente conhecida, mas poucos haviam lido ou se lembravam da versão literária original. Esse foi um momento-chave para introduzir a compreensão de relações dialógicas, destacando como *Shrek* faz uma paródia dessas histórias que muitos conhecem apenas de forma superficial.

Essa introdução à discussão permitiu que os alunos percebessem que o estudo de *Shrek* não se limitaria à diversão, mas sim à análise da linguagem e dos valores presentes nas narrativas. Falamos que seriam observados alguns procedimentos estéticos que acompanhariam nossas análises, de acordo com Carvalho (2024):

Quadro 10: Conceitos de carnavalização, paródia, sátira, grotesco e sublime

Carnavalização: é um procedimento artístico-literário que se refere à inversão de normas sociais e à quebra das convenções de uma cultura oficial vinculados a estilo de vida e de pensamento, estilo de linguagem e gêneros discursivos. Ela é frequentemente usada para fazer crítica por meio do humor, subverter valores e questionar as ideias preestabelecidas por um segmento social ou indivíduo.

Paródia: é uma forma de imitação de outra obra, gênero ou estilo literário de maneira humorística ou irônica. Ela usa elementos reconhecíveis do texto fonte, como personagens ou situações, transformando de maneira exagerada ou distorcida para criar um efeito cômico ou satírico. É uma forma de crítica social e cultural por meio do humor. A paródia cria uma nova forma de ver o mundo ao distorcer e exagerar os elementos da vida comum, não apenas para ridicularizá-los, como também para renová-los e dar-lhes um novo sentido.

Sátira: é uma forma literária que utiliza humor, ironia, sarcasmo ou zombaria para criticar ou ridicularizar vícios, defeitos, comportamentos ou instituições humanas. Ela tem o propósito de provocar uma reflexão crítica na audiência, muitas vezes expondo hipocrisias e absurdos da sociedade de maneira engraçada e incisiva.

Grotesco: é um estilo literário que representa algo de maneira distorcida, estranha ou exagerada. Pode envolver elementos chocantes, repulsivos ou bizarros que desafiam a noção tradicional de beleza e normalidade. É frequentemente usado para criar um impacto emocional, provocar reações fortes e explorar o lado mais sombrio e absurdo da experiência humana, ou mesmo provocar o riso.

Sublime: é um conceito literário que descreve uma qualidade grandiosa, majestosa e inspiradora em uma obra de arte ou na natureza. É frequentemente associado a sentimentos de admiração, reverência e beleza transcendental. O sublime pode ser usado para evocar uma sensação de elevação espiritual e contemplação profunda em uma narrativa ou descrição.

Foi explicado aos alunos, inicialmente, que a carnavalização é um processo de estilização da literatura que rompe com convenções e temas vistos sob um ângulo diferente de um texto fonte que inspira a versão parodiada. Diferente do carnaval, uma festa popular que rompe com as convenções das relações hierárquicas e de poder na vida social, a paródia rompe com convenções estilísticas e discursivas no plano de uma construção artística. Tanto no carnaval quanto no processo de carnavalização literária, na

atividade de leitura com ressignificação valorada observa-se a produção de imagens grotescas e sublimes, o choque de oposição de visões de mundo, a exploração do fantástico, o exagero, a sátira social e o processo parodístico. No plano artístico-literário, a paródia pode acontecer na música, no teatro, no conto, em propagandas e outros gêneros. No caso da nossa oficina de leitura, observaríamos como *Shrek* faz paródia e carnavaaliza os contos de fadas tradicionais na versão em prosa e cinematográfica. Pedimos que os alunos observassem os valores entre as narrativas parodiadas e a inversão de ordens de acordo com a cultura oficial e as convenções do gênero tradicional conto de fadas.

O uso do termo “carnavalização” gerou uma reação curiosa por parte dos alunos no início da oficina. Eles acreditaram que a proposta da oficina estava relacionada ao carnaval como festa popular e pensaram que iriam se fantasiar e “brincar de carnaval”. Durante as primeiras explicações, os alunos chegaram a perguntar: “A gente vai brincar de carnaval?”, mostrando a confusão inicial em relação ao conceito de carnavalização aplicado na análise literária.

Esse momento foi relevante para a mediação didática, pois permitiu uma introdução mais clara das categorias de análise da carnavalização, diferenciando-a do carnaval enquanto evento festivo. Explicamos que, no contexto da oficina, a carnavalização se referia ao processo de estilização do texto artístico-literário, em que se rompe com convenções estéticas e discursivas, criando uma nova perspectiva crítica das narrativas com as quais o texto dialoga. Embora o termo evoque a subversão e a inversão de valores, típico também do carnaval popular, sua aplicação literária se dá na construção estilística, por meio da paródia, da sátira, da ironia, do grotesco e do sublime, que ajudam a analisar discursivamente a produção do humor e a sua compreensão crítica.

A partir desse ponto, ficou claro que a obra, tanto em sua versão literária quanto cinematográfica, estabelecia um diálogo entre diferentes vozes, sejam dos autores, dos narradores, dos personagens ou das vozes sociais que emergem das narrativas, bem como as interpretações dos leitores. O foco, então, passou a ser a maneira como essas vozes interagem, disputam e se complementam, promovendo uma discussão rica sobre posicionamentos axiológicos e éticos. Pedimos que os alunos observassem como os autores do livro e da versão cinematográfica organizaram suas histórias e os efeitos que elas causavam.

Durante a oficina, os alunos foram levados a explorar as intenções subjacentes dessas vozes, observando como autores, narradores e personagens constroem visões de

mundo distintas e, muitas vezes, em conflito. A partir disso, a oficina foi se configurando como um espaço de reflexão crítica, em que os alunos poderiam ressignificar as narrativas, comparando-as com as versões originais e identificando as inversões de ordem e subversões estilísticas.

No decorrer das aulas, os alunos realizaram uma leitura com compreensão ativa, discutindo como *Shrek* desconstruía os estereótipos de beleza e perfeição ao mesmo tempo em que promovia uma crítica social e moral. Eles analisaram como o filme fazia uso da paródia e da ironia para questionar padrões estabelecidos nos contos de fadas, principalmente os valores propagados pelas adaptações da Disney. A leitura dialógica com ressignificação valorada, então, incentivou os alunos a perceberem como a narrativa artística e literária não apenas diverte, mas também questiona e transforma as representações sociais e culturais.

3.1.2 Análise do livro na sala de aula

Durante a aula de leitura do livro *Shrek*, de William Steig, os alunos foram gradualmente descobrindo os recursos estilísticos presentes na narrativa. Eles perceberam que a obra utilizava a paródia em relação aos contos de fadas tradicionais, especialmente ao inverter completamente as expectativas de heroísmo e beleza. Ao analisarem a descrição de Shrek, os alunos notaram que o protagonista era descrito como “muito mais feio” que seus próprios pais, e que essa deformidade física, em vez de ser um defeito, era celebrada. O exagero nas descrições, como quando Shrek “soltava gases horríveis” e “as flores murchavam” à sua passagem, foi identificado pelos alunos como uma estratégia de hipérbole e humor grotesco, desafiando os padrões tradicionais de beleza e heroísmo.

Ao avançarem na leitura, os alunos observaram que a paródia não se limitava às descrições físicas de Shrek, mas também se estendia ao estilo narrativo. Quando Shrek encontrou a bruxa e o cavaleiro, os alunos perceberam que essas figuras, típicas dos contos de fadas, tinham comportamentos e falas que subvertiam suas funções tradicionais. Eles notaram, por exemplo, que a previsão da bruxa sobre o futuro de Shrek era grotesca e nada heroica, sugerindo que ele se casaria com uma princesa “mais feia que ele”. Na cena final, onde Shrek e a princesa trocavam insultos carinhosos, os alunos reconheceram a inversão dos diálogos românticos tradicionais, observando que as características grotescas dos dois eram elogiadas em vez de ocultadas, o que ressaltava o caráter paródico

e irônico da narrativa. Apresentamos, a seguir, duas perguntas que o professor fez e os alunos responderam de forma bastante interessante:

Quadro 11: Questão sobre expectativas tradicionais de beleza e respostas dos alunos

Questão 2: O que o texto sugere sobre as expectativas tradicionais de beleza e aparência física dos contos de fadas? Como Shrek e a princesa desafiam essas expectativas?

Respostas destacadas:

(Aluna A): “Nos contos de fadas tradicionais, as pessoas esperam que os personagens sejam bonitos e perfeitos. *Shrek* e a princesa quebram essas expectativas sendo feiosos e temidos só pela aparência horrorosa”.

(ALUNA B): “Em contos de fadas tradicionais os príncipes e princesas são descritos como belos, em *Shrek* eles desafiam isso, são feios e até um pouco malvados”.

(ALUNA C): “O texto sugere que os contos de fadas tradicionais promovem expectativas de beleza e aparência física idealizadas. *Shrek* e a princesa desafiam essas expectativas ao apresentarem personagens que não se encaixam nos padrões tradicionais de beleza, mostrando que a verdadeira beleza está além da aparência externa”.

Questão 3: Por que Shrek e a princesa decidem se casar mesmo depois de trocarem insultos e até mesmo se agredirem fisicamente? O que essa escolha revela sobre o amor e a aceitação mútua?

Respostas destacadas:

(ALUNA A): “Para *Shrek* e a princesa, os ‘insultos’ são palavras carinhosas, pois reconhecem que são diferentes dos padrões normais de beleza e encontram na aceitação mútua a verdadeira sintonia e compatibilidade”.

(ALUNA B): “O que é visto como insultos na cena são um tipo de linguagem de afeto pra eles, indicando que eles aceitam a aparência um do outro”.

(ALUNA C): “Revela que o amor verdadeiro e a aceitação mútua vão além das aparências e das diferenças. Eles reconhecem que podem ser imperfeitos, mas ainda assim escolhem amar um ao outro, eles se valorizam e se completam”.

(ALUNA D): “A escolha de *Shrek* e a princesa de se casarem apesar dos insultos e da agressão física revela que o amor verdadeiro e a aceitação mútua vão além das aparências e diferenças. Eles reconhecem que ninguém é perfeito e estão dispostos a superar os obstáculos para ficarem juntos”.

Em todas as respostas, os alunos reconhecem que a interação entre Shrek e Fiona na Sala dos Espelhos não segue os padrões românticos tradicionais dos contos de fadas. Ao contrário, os personagens se aproximam através de uma linguagem própria de “elogios” que, à primeira vista, podem parecer insultos. Isso revela que a relação deles é construída na aceitação mútua de suas imperfeições, o que subverte as convenções de beleza e amor, típicas dos contos de fadas clássicos. Essa inversão de valores destaca o caráter único de seu relacionamento e desafia as expectativas sociais e culturais sobre o que significa estar apaixonado. As respostas dos alunos, embora apresentem diferentes pontos de vista, convergem para a ideia de que o livro *Shrek* oferece uma crítica aos padrões rígidos e idealizados dos contos de fadas. O que há de comum entre todas as respostas é o reconhecimento de subversão dos padrões tradicionais dos contos de fadas, especialmente no que diz respeito à ideia de “felizes para sempre”. Os alunos percebem que, ao contrário das histórias convencionais, em que os personagens perfeitos e belos alcançam a felicidade depois de enfrentar alguns obstáculos, *Shrek* propõe uma nova visão, em que a felicidade é construída a partir da aceitação das imperfeições e da autenticidade diante dos fatos da vida. A compreensão de perfeição e eternidade é reavaliada por todos, com os alunos ressaltando que os personagens de *Shrek* nunca vão viver em um mundo sem conflitos.

Quadro 12: Questão de interpretação sobre final feliz nos contos

Questão 4: O trecho menciona que Shrek e a princesa “viveram horríveis para sempre, apavorando todos os que tinham o azar de encontrá-los”. O que você acha que isso diz sobre a ideia de um “final feliz”? Como essa frase contrasta com os finais felizes típicos dos contos de fadas?

(ALUNA A): Essa frase irônica sugere que o conceito de “final feliz” pode ser quebrado, mostrando que a felicidade do casal não segue as expectativas comuns dos contos de fadas e pode surpreender as pessoas.

(ALUNA E): Pois eles gostaram um do outro, um amor à primeira vista, mas eles são ogros, são iguais, não vão mudar depois do casamento, e devem brigar e se xingar muito por isso viverão felizes para sempre.

(ALUNO A): Que eles não eram perfeitos, mas fizeram sua vida ser.

(ALUNA C): Essa frase sugere que a ideia de um “final feliz” pode ser subvertida, mostrando que nem sempre significa uma vida perfeita e sem problemas. Contrasta com os finais felizes típicos dos contos de fadas, onde tudo é perfeito, ao destacar que a verdadeira felicidade pode envolver desafios e imperfeições, mas ainda assim é possível encontrar alegria e amor verdadeiro.

A aula de leitura mediada pela professora, a compreensão do enunciado “viveram horríveis para sempre, apavorando todos os que tinham o azar de encontrá-los”, suscitou reflexões críticas e criativas nos alunos, mostrando como eles se posicionaram diante da subversão do conceito de “final feliz”. A mediação da professora, ao fazer perguntas como a da Questão 4, permitiu que os alunos explorassem a ironia presente no enunciado e questionassem a expectativa de finais perfeitos, típicos dos contos de fadas tradicionais.

A resposta da **Aluna A** indicou que ela reconheceu a ironia no enunciado e percebeu que o conceito de “final feliz” podia ser desafiado, sugerindo que a felicidade de Shrek e Fiona não seguia o padrão idealizado dos contos de fadas. A **Aluna E** trouxe um ponto interessante ao destacar que, mesmo sendo ogros e brigando, Shrek e Fiona encontraram um amor genuíno, apesar de suas imperfeições, o que rompe com a ideia de um amor idealizado e perfeito. O **Aluno A** reforçou essa ideia, sublinhando que, embora eles não fossem perfeitos, foram capazes de construir uma vida feliz juntos. A **Aluna C** destacou que a frase subverte o final feliz idealizado, mostrando que a verdadeira felicidade pode incluir desafios e imperfeições, o que contrasta com os contos de fadas tradicionais, onde tudo acaba de maneira idealizada.

Ao refletirem sobre o uso do grotesco-sublime, os alunos se deram conta de que Steig combinava elementos feios e deformados com situações que normalmente seriam consideradas sublimes. Eles discutiram a capacidade de Shrek de “cuspir fogo” e assustar dragões, observando como isso misturava o grotesco com o poderoso, rompendo com os padrões estéticos e morais tradicionais de beleza e virtude. Quando analisaram o sonho de Shrek, em que ele imaginava ser abraçado e beijado por crianças em um campo florido, os alunos perceberam que essa cena sublime se transformava em um pesadelo para o

personagem, destacando o contraste entre o sublime tradicional e o grotesco na perspectiva de *Shrek*.

Por fim, os alunos começaram a identificar as vozes individualizadas dos personagens. Eles perceberam que a fala da bruxa era grotesca e sarcástica, enquanto o cavaleiro falava em versos exageradamente heroicos, que acabavam sendo ridicularizados. A fala de Shrek, marcada por um tom rude e direto, foi entendida pelos alunos como uma expressão de desprezo pelas convenções sociais e pela autoridade. Através da análise dessas vozes, os alunos reconheceram que Steig estava utilizando a estilização das falas para criar um efeito cômico e subverter as expectativas morais dos contos de fadas tradicionais. Eles também notaram que o acento apreciativo negativo de Shrek, em sua visão do mundo e das normas sociais, desafiava a relação entre estética e moralidade.

À medida que os alunos exploravam o aspecto ético da obra, eles começaram a questionar os padrões morais tradicionais que associavam aparência física à moralidade. Eles discutiram como o grotesco de Shrek não implicava falhas morais, mas sim autenticidade e força. Ao analisarem o relacionamento entre Shrek e a princesa, os alunos entenderam que a feiura deles não era um defeito, mas uma característica que os aproximava e reforçava a ideia de que a verdadeira moralidade residia na aceitação de si mesmo. O casamento entre os dois, descrito como “horrível” e “assustador” para os outros, foi interpretado pelos alunos como uma rejeição das expectativas sociais de perfeição, substituídas por uma ética de aceitação e respeito às diferenças.

Os alunos foram descobrindo que o autor de *Shrek* utilizava paródia, grotesco e estilização de vozes para criticar as convenções éticas e estéticas dos contos de fadas tradicionais. Ao longo das discussões, eles entenderam que o humor e a inversão dos valores tradicionais criavam uma narrativa que enaltecia a autenticidade e subvertia os padrões normativos do gênero conto de fadas tradicional. Os alunos perceberam que os valores éticos na obra não estavam vinculados à beleza física, mas à aceitação da diferença, o que proporcionou uma reflexão crítica sobre a relação entre ética e estética nos contos de fadas.

3.1.3 Comparação entre as versões de *Shrek* (livro e filme) e sua relação com contos de fadas tradicionais

Durante as aulas de leitura e análise das duas versões de *Shrek* – o livro de William Steig e o filme – os alunos discutiram as semelhanças e diferenças entre as narrativas e refletiram sobre como ambas subvertiam as convenções dos contos de fadas tradicionais, como *A Bela Adormecida*, particularmente na versão popularizada pelos filmes da Walt Disney. Logo no início das discussões, os alunos identificaram que tanto o livro quanto o filme, utilizavam a paródia como ferramenta principal para subverter as expectativas típicas dos contos de fadas. Ao contrário das histórias tradicionais, em que a beleza física está diretamente ligada à bondade e ao heroísmo, Shrek é apresentado como um ogro grotesco e feio, mas que, no entanto, acaba sendo o herói. Os alunos perceberam que essa subversão ocorria em ambas as versões, tanto no livro quanto no filme. Porém, no filme, essa desconstrução visual dos padrões de beleza era muito mais impactante devido à animação, enquanto no livro, Steig utilizava descrições exageradas e humorísticas para alcançar o mesmo efeito.

Quando compararam *Shrek* ao conto de fadas *A Bela Adormecida*, especialmente na versão da Disney, os alunos observaram como as duas narrativas seguiam estruturas opostas. Em *A Bela Adormecida*, ocorria a valorização da beleza e da pureza, e seu destino é controlado pela maldição de uma bruxa e pela promessa de ser resgatada por um príncipe encantado. No entanto, em *Shrek*, esse ideal de perfeição é completamente rejeitado. No filme, Fiona, que deveria seguir o modelo de uma princesa perfeita, é na verdade uma ogra à noite, o que reflete a ideia de que a beleza física não determina o valor ou o destino de uma pessoa. Os alunos discutiram que essa inversão de papéis mostrava uma crítica à estrutura fixa de heróis e vilões baseados apenas na aparência, algo muito presente nas histórias da Disney.

Além disso, os alunos destacaram que o filme *Shrek* também fazia referência direta à estrutura narrativa de *A Bela Adormecida* no início, quando Shrek lê em voz alta um conto de fadas, que segue o mesmo padrão das histórias da Disney – uma princesa trancada em uma torre, à espera de ser resgatada por um príncipe. No entanto, essa cena é imediatamente interrompida por Shrek, que a ridiculariza, representando assim o rompimento com essas convenções narrativas e o início de uma nova forma de contar histórias. Os alunos acharam interessante como essa quebra da narrativa tradicional

funcionava como uma paródia dos contos de fadas clássicos, trazendo o humor e a irreverência que caracterizam tanto o filme quanto o livro.

Os alunos também discutiram a diferença de abordagem entre o livro e o filme no que diz respeito ao desenvolvimento dos personagens. Enquanto no livro de Steig a princesa é apresentada apenas como alguém “mais feia que *Shrek*”, sem grande profundidade em sua caracterização, o filme oferece um desenvolvimento maior, mostrando o conflito interno de Fiona em relação à sua aparência e sua transformação em ogra à noite. Os alunos destacaram que o filme explorava questões mais complexas sobre identidade e autoaceitação, algo ausente no livro, mas que acrescentava uma dimensão ética importante à narrativa. No filme, Fiona não apenas aceita sua condição de ogra, mas também se liberta das expectativas sociais, o que os alunos identificaram como uma crítica aos padrões de beleza e às ideias de perfeição, especialmente presentes nos contos da Disney.

Outra diferença observada foi o uso do humor e da sátira. No livro, Steig usa o humor principalmente através da linguagem e das interações de Shrek com os outros personagens, enquanto o filme expande essa sátira por meio de elementos visuais e diálogos rápidos, que os alunos notaram serem mais acessíveis ao público jovem. Eles apontaram, por exemplo, que o filme fazia referência aos parques temáticos da Disney ao apresentar a cidade de Duloc, controlada por Lord Farquaad, que os alunos interpretaram como uma crítica ao controle rígido e à idealização presente na marca Disney. Além disso, os alunos observaram que o vilão Lord Farquaad poderia ser visto como uma representação do perfeccionismo e da superficialidade.

Durante a comparação com *A Bela Adormecida*, os alunos discutiram como a narrativa tradicional da Disney reforçava a ideia de que o príncipe é o herói que salva a princesa através do “primeiro beijo de amor”, uma fórmula que é repetida em muitos contos de fadas. Em *Shrek*, essa fórmula é subvertida. O “final feliz” não depende de um beijo que restaura a beleza, mas sim de uma aceitação mútua entre Shrek e Fiona, duas figuras grotescas que encontram felicidade ao se libertarem das expectativas sociais. Os alunos destacaram que isso refletia uma mudança importante na maneira como os contos de fadas eram interpretados, com Shrek oferecendo uma alternativa mais inclusiva e menos dependente de estereótipos tradicionais.

A dimensão ideológica nos enunciados também foi um ponto de destaque em nossas discussões. Tanto o livro quanto o filme manifestam tensões discursivas ao apresentarem personagens que são marginalizados por não se adequarem aos padrões

estabelecidos. No filme, por exemplo, Shrek e Fiona, como ogros, representam aqueles que são excluídos da sociedade por não cumprirem os critérios de beleza e comportamento estabelecidos pelas normas culturais dominantes. Essas tensões são acentuadas nas interações entre os personagens, especialmente nos diálogos de Shrek com figuras autoritárias como Lord Farquaad, que simbolizam o poder e o controle social sobre o que é considerado aceitável ou não. Identificamos que essas representações discursivas dialogam com questões contemporâneas sobre exclusão social, preconceito e a pressão por conformidade.

No livro, observamos como Steig utilizou a narrativa de forma mais direta para questionar as normas de beleza e moralidade. Embora não tenha o alcance visual e intertextual do filme, o livro também engaja e refuta discursos antigos dos contos de fadas, oferecendo uma nova perspectiva sobre o que é heroico ou digno de valorização. A crítica discursiva presente no livro de Steig, assim como no filme, foi compreendida por nós como uma forma de transgredir os discursos de autoridade e questionar os signos ideológicos que vinculam o belo ao virtuoso, o herói ao nobre e o feio ao vilão.

Em termos de horizonte interpretativo, tanto o livro quanto o filme enriqueceram nossa compreensão dos contos de fadas, desafiando-nos a considerar diferentes perspectivas culturais e sociais. O filme, com seu uso de múltiplos gêneros discursivos, como o humor contemporâneo e as referências culturais pop, trouxe uma camada adicional de complexidade, permitindo que a crítica ao sistema de valores tradicionais se ampliasse para além do mundo fictício e alcançasse questões reais sobre autoaceitação, diversidade e igualdade. O livro, por outro lado, explorou de maneira mais concentrada a subversão dos estereótipos dos contos de fadas, utilizando a linguagem para questionar esses valores em uma narrativa mais concisa.

Concluimos que, ao discutirem as semelhanças e diferenças entre o livro e o filme *Shrek*, os alunos perceberam como ambas as versões criticavam e subvertiam as convenções dos contos de fadas tradicionais, especialmente aqueles consagrados pela Disney, como *A Bela Adormecida*. Através da paródia, do humor e da inversão de expectativas, tanto o livro quanto o filme, ofereceram uma nova forma de pensar os contos de fadas, questionando a relação entre aparência e moralidade, além de promover a aceitação das diferenças. O filme, entretanto, aprofundou essas questões com mais complexidade, especialmente no desenvolvimento dos personagens e nas mensagens éticas sobre identidade e autoaceitação, enquanto o livro de Steig se manteve mais focado na paródia e no humor grotesco.

3.1.4 A compreensão responsiva e a produção artístico-literária dos alunos

A compreensão ativa, segundo Volochinov (2017), vai além de simplesmente absorver o conteúdo de um enunciado; ela envolve um posicionamento crítico do leitor ou ouvinte em relação ao texto, fundamentado em sua própria visão de mundo, valores e experiências pessoais. Nesse processo, o leitor não é passivo, mas sim um participante ativo na construção de sentido. Ele julga o enunciado, considerando-o justo ou injusto, bom ou ruim, e reage de acordo com suas próprias crenças. A compreensão ativa, portanto, é carregada de um valor agregado que o indivíduo traz para o ato de interpretação.

Quando o leitor se depara com elementos de ironia, escárnio ou crítica no texto, como aqueles que rebaixam outra voz em uma relação dialógica, ele deve não apenas identificar esses recursos estilísticos, como também se posicionar em relação a eles. Esse posicionamento depende de sua capacidade de interpretar essas nuances a partir de seu próprio repertório ético e cultural. Por exemplo, achar algo engraçado ou ofensivo envolve uma compreensão ativa das relações entre as vozes presentes no texto, especialmente quando uma voz tenta inferiorizar ou ridicularizar outra.

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando- a etc. Todo monumento é uma parte real e indissolúvel ou da ciência ou da literatura ou da vida política (Volochinov, 2017, p. 184).

No processo de compreensão responsiva, o leitor não só interage e passa a atuar como coautor de uma nova produção de sentido. Aqui, ele compreende o que o autor do texto fonte quis expressar e utiliza o texto como ponto de partida para criar algo novo. Esse é o estágio em que o aluno, por exemplo, passa a produzir novas ideias, enunciados ou até textos literários a partir do que foi lido, contribui ativamente para o processo artístico-literário. A compreensão responsiva, então, transforma o leitor em um agente criativo, capaz de responder ao autor e ao texto com sua própria visão, ampliando e renovando o significado da obra original.

Na oficina de leitura de *Shrek*, a compreensão responsiva se configurou como uma atividade de criação estética, proporcionando aos alunos a oportunidade de ir além da interpretação dos enunciados do texto ou do filme. Durante as atividades, eles não apenas compreenderam as mensagens da obra, mas também passaram a criar novas produções

artísticas a partir dessas interpretações. Com base na ideia de que todo enunciado responde a algo e se orienta para uma resposta, conforme discutido por Volochinov, os alunos perceberam que o texto de *Shrek* fazia parte de um diálogo contínuo com os contos de fadas clássicos, como *A Bela Adormecida*. Assim, eles próprios se viram como parte dessa cadeia discursiva, criando respostas e releituras dentro desse processo.

Ao longo da oficina, a leitura dialógica com ressignificação valorada impulsionou os alunos, que foram incentivados a produzir suas próprias versões parodiadas ou críticas dos contos de fadas, dialogando diretamente com as inversões e subversões que encontraram em *Shrek*. Isso ocorreu, por exemplo, quando os alunos reescreveram cenas, criaram novos personagens e propuseram diferentes finais para as histórias, refletindo sobre os valores e estruturas dos contos de fadas tradicionais, ao mesmo tempo em que exploravam suas próprias experiências e visões de mundo.

Ao longo desse processo, ficou claro que as atividades que exploravam a compreensão responsiva permitiram que os alunos interagissem criticamente com o texto, fazendo uso dos recursos estilísticos e discursivos das obras lidas. Eles desenvolveram novas histórias que, assim como *Shrek*, subvertiam valores tradicionais e exploravam temas éticos e estéticos. Dessa forma, a oficina promoveu uma compreensão das obras e transformou os alunos em coautores, permitindo-lhes participar ativamente da renovação dos discursos e dos significados. Apresentamos aqui algumas produções que demonstram a compreensão responsiva em forma de paródia durante o processo das aulas de leitura dialógica com ressignificação valorada. O primeiro texto diz respeito à leitura do livro *Shrek* em que os alunos criaram poemas carnavalizados.

Quadro 13: Poema carnavalizado da Aluna E**POEMA DA ALUNA E****RISOTO DE PIOLHO**

Cozinhando meus piolhos

No grande risoto

Tem larvas de mosquito

E capas de cabrito

Refogo minhocas

com cobras venenosas

Que ficam bem gostosas

Minha receita saborosa

E cheirosa

Tem ervas venenosas

Que são muito gostosas

Tem folhas de rosas

Para ficar bem oleosa

Minha receita

É a mais lodosa

E a mais deliciosa

Minha receita sebosa

Todos querem experimentar

Tem um sabor delicioso

Meu risoto de piolhos

Além de piolhos
Vai também parasitas em ovos
Os piolhos são bem grandes
E crocantes
E brilhantes
Na receita também vai
Grilos pequenos e saltitantes
Depois de tudo adicionar
Ao fogo vou levar
E deixo cozinhar

E como gosto de inventar
E de incrementar
Vou finalizar
Com sebo, lesma e capim
Não posso esquecer
Das caspas de ogro
Pra assim finalizar
A receita especial
Que vai arrasar.

O poema “Risoto de Piolho”, da **Aluna E**, evidencia uma apropriação criativa dos elementos grotescos, que dialogam diretamente com as ideias de carnavalização discutidas em sala de aula. No poema, a aluna usa recursos estilísticos como a rima, a repetição e o exagero para criar uma atmosfera humorística e repulsiva, que desafia a ideia tradicional de beleza e refinamento culinário, tornando-se uma espécie de paródia das receitas convencionais. Esse uso do grotesco e do sublime de maneira irônica reflete a capacidade da aluna de manipular as convenções da linguagem poética para fins cômicos e subversivos.

O poema é estruturado em estrofes curtas, com versos que seguem um esquema de rimas simples e regulares, o que contribui para o tom lúdico e cômico do texto. A aluna faz uso repetido de assonância e aliteração, como em “piolhos”, “brilhantes”, “saltitantes” e “lodosa”, “deliciosa”, que reforçam o caráter exagerado da receita. A escolha de palavras – muitas delas ligadas ao repulsivo, como “piolhos”, “minhocas”, “sebo”, “lesma” – evoca sensações de asco e repulsa, elementos centrais ao grotesco, mas que são tratados com um tom leve e divertido.

A **Aluna E** também utiliza o exagero como recurso estilístico, apresentando ingredientes absurdos como “caspas de ogro”, “grilos pequenos e saltitantes”, e “parasitas em ovos”, o que cria uma atmosfera de paródia. Ao distorcer e exagerar os elementos comuns de uma receita, ela transforma o familiar em algo absurdo, subvertendo as expectativas do leitor. Além disso, a repetição de adjetivos como “gostasas”, “deliciosa” e “sebosa”, reforça o tom cômico, tornando a leitura uma experiência simultaneamente desconcertante e divertida.

Discursivamente, o poema pode ser entendido como uma paródia grotesca de uma receita culinária, dialogando com os conceitos de carnavalização, onde o grotesco e o sublime se misturam para criar uma inversão de valores. A aluna se apropria do formato tradicional de uma receita, mas transforma seu conteúdo em algo nojento e cômico, rompendo com as convenções normativas de higiene e refinamento associadas à culinária. A inclusão de elementos grotescos e impensáveis em uma refeição convencional – como “piolhos”, “parasitas” e “sebo” – demonstra como a **Aluna E** brinca com a noção de gosto e aversão, provocando uma reação paradoxal no leitor, que desperta ao mesmo tempo repulsa e humor.

Além disso, o poema estabelece um diálogo com os textos trabalhados na oficina, especialmente as obras de caráter grotesco e carnavalizado, como *Shrek*. Ao incluir referências a “caspas de ogro”, a aluna incorpora elementos da obra de *Shrek*, demonstrando sua capacidade de ressignificar os conteúdos discutidos em sala de aula. A figura do ogro, normalmente vista como grotesca, é aqui utilizada para reforçar a sensação de repulsa, mas de uma maneira que é claramente humorística e irônica.

Ao produzir essa paródia, a **Aluna E** também responde a uma tradição literária mais ampla que inclui a sátira e a carnavalização, utilizando a linguagem para desafiar o senso comum e rebaixar aquilo que seria normalmente elevado (como o requinte culinário) a um nível grotesco. O uso do grotesco e da sátira como procedimento estilístico possibilitou o diálogo com outros gêneros discursivos, sobretudo as receitas

culinárias. A aluna demonstrou uma compreensão responsiva, com a capacidade de interagir com as convenções discursivas e criar algo novo a partir delas. Em suma, o poema “Risoto de Piolho”, da **Aluna E**, revela sua habilidade de brincar com as convenções, utilizando o grotesco, a paródia e o humor para criar uma obra que é ao mesmo tempo crítica e lúdica. Sua produção reflete a interação com os textos discutidos na oficina de leitura, evidenciando uma compreensão ativa e responsiva partir das leituras realizadas.

Quadro 14: Conto produzido pela Aluna C em formato de cordel

CONTO DA ALUNA C

A história da Cinderela em cordel

Sente aqui e se aconchegue
para ouvir esta história que é muito legal.

A história da Cinderela em cordel

Com certeza vocês vão amar
Tem muita coisa boa e também cruel.

Ali no reino encantado vivia uma bruxa
Cheia de encanto e solidão
Sonhava em se casar com um príncipe
E ter filhos de montão.

Um dia apareceu
Um homem rico e trazendo uma filha
Que se chamava Cinderela
Que era feia e muito má.
Ele pensou em se casar
A bruxa queria um lar
E assim se uniram para o amor celebrar
Mas o marido da bruxa madrasta ficou doente e morreu
Trazendo-lhe tristeza pelo que aconteceu.

Cinderela é tão malvada não tem amor no coração
Maltrata a sua madrasta sem dó e sem compaixão.

Certo dia foi anunciado
que no reino haveria uma festa
Todos sabiam que o jovem príncipe
iria escolher uma jovem pra casar.

Foi aquele alvoroço das moças pra ficarem belas
Foram todas se enfeitar.
Mas Cinderela com inveja da beleza da madrasta
Não a deixou ir ao baile do castelo
Dizendo: você não tem roupas nem tão pouco chinelo.

A madrasta passou a chorar
Mas apareceu seu padrinho que lhe disse:
Não chores mais porque eu estou aqui.
Com a minha varinha mágica você vai poder ir.
Transformou um carrinho luxuoso numa abóbora
Puxado por quatro burros feios e pretos
E deste pano farei um vestido lindo e perfeito.

Chegando ao baile todos ficaram admirados
Com essa mulher
O príncipe quis logo saber quem é.
A madrasta com medo saiu correndo.
No meio da multidão
Deixando seu chinelo
e com o outro na mão
Escapou na escuridão.

O príncipe todo encantado pela bruxa
Tratou de descobrir onde ela morava
sabendo o que sucedeu
que Cinderela era má
foi logo buscar a madrasta
Com seu cavalo preto
ele levou a bruxa para o castelo
Apresentou ao rei e a rainha

Dias depois eles foram se casar
Assim diz esta história que posso comprovar.

A atividade de compreensão responsiva da **Aluna C**, ao recontar a história de Cinderela em forma de cordel, demonstrou claramente como ela assimilou os princípios da leitura dialógica com ressignificação valorada, resultando em uma recriação criativa e reflexiva do conto clássico. Durante o processo, a aluna mostrou ter compreendido não apenas a trama original, mas também as possibilidades de reinterpretá-la, gerando um novo texto que dialogava criticamente com os valores e estereótipos presentes na narrativa tradicional.

Ao transformar a história em um cordel, usando suas convenções estilísticas e rítmicas desse gênero, a aluna/autora indicou uma ressignificação cultural, já que ela reconstruiu o conto europeu em um formato mais próximo de sua realidade. O cordel, com sua linguagem simples e narrativa ágil, serviu como um espaço ideal para que a aluna pudesse mesclar humor e crítica de maneira acessível e dinâmica.

A inversão de papéis foi um dos elementos centrais de sua criação. Nessa versão, a madrasta, tradicionalmente vista como vilã, foi retratada como uma figura que sofria com a maldade de Cinderela, subvertendo completamente a narrativa clássica. A **Aluna C** utilizou o procedimento estilístico da paródia para questionar os papéis fixos de vilania e bondade, propondo uma nova perspectiva sobre as relações de poder e justiça no texto. A Cinderela, aqui, tornou-se uma figura cruel e invejosa, mostrando que a aluna, através da compreensão responsiva, posicionou-se criticamente em relação ao enredo original.

Além disso, a **Aluna C** introduziu elementos mágicos semelhantes aos do conto original, como o padrinho mágico que ajudava a madrasta a ir ao baile. As transformações (como a abóbora puxada por burros) adicionaram um tom de humor e paródia à história, deslocando o glamour da narrativa original para um cenário mais rústico e cotidiano, típico do cordel. Ao fazer isso, a **Aluna C** refletiu criticamente sobre os valores de beleza e status presentes na versão tradicional de Cinderela.

Veremos, no texto a seguir, que o **Aluno B** utiliza a estrutura básica do conto, mas a transforma ao inserir novos elementos de crítica social e ambiental. Enquanto o conto original Chapeuzinho Vermelho tem como foco a moralidade simples (o perigo de confiar em estranhos), a versão parodiada expande esse enfoque para incluir questões mais complexas como o desmatamento e as consequências das decisões capitalistas. Isso

mostra como o **Aluno B** ressignificou a história, agregando novos sentidos e estabelecendo um diálogo entre o conto original e as questões contemporâneas.

Quadro 15: Conto produzido pelo Aluno B

Uma jovem de capuz vermelho e com uma cestinha de doces feitos à mão estava caminhando pela floresta para entregar docinhos. A garota, conhecida como Chapeuzinho Vermelho, pensa: – Tantas árvores para nada, há árvores por todo canto! Seria melhor se tivesse algo mais útil, um lugar só para doces.

Então Chapeuzinho Vermelho teve na ideia de criar um lugar para que tenha mais doces, ela acha que apenas esses feitos à mão na cesta não são suficientes. A caminho da casa da vovó, um lobo aparece. Ele diz:

– Ei, Chapeuzinho. O que há dentro dessa cesta?

Chapeuzinho responde: – Doces, muitos doces.

O Lobo diz: – E para quem são?

– São para minha vovó, minha mãe pediu para que eu mandasse para ela.

– O que você acha então de eu levar os doces até ela? Pouparia seu tempo para fazer mais doces.

O Lobo estava com a boca salivando, ele estava pensando em alguma coisa. Comer os doces talvez?

– Você por acaso está querendo comer os doces da vovó?

– Não, não, não é isso, eu só quero te ajudar!

– Sua cara diz o contrário, você está tramando algo!

O Lobo logo tenta pegar a cesta, mas a Chapeuzinho consegue desviar, o lobo tenta de novo e é atacado na cabeça com um pedaço de galho.

– Você não vai pegar esses doces, Lobo Mau!

– Por favor, deixe-me ir, eu estou apenas com fome!

– Procure comida em outro lugar, caso não queira morrer aqui.

O Lobo então sai dali e se esconde. A Chapeuzinho deixa cair a cesta e metade dos doces caem junto. Ela segue o caminho para entregar o resto dos doces à vovó e pensa de novo numa forma de criar mais doces em menos tempo, assim não precisará fazer tudo de novo quando perdê-los.

Ao longo do caminho, ela encontra um lenhador, ele estava descansando sentado em um tronco de árvore cortada. A Chapeuzinho lembra da ideia de um lugar útil para fazer doces, e conversa com o lenhador:

– Senhor Lenhador, como vai? – disse a Chapeuzinho forçando intimidade.

- Vou bem, minha jovem. E a senhorita? – carismático, o Lenhador responde.
- Vou ótima! Eu vou ser mais direta, gostaria de te fazer uma proposta.
- Que tipo de proposta? – perguntou o Lenhador, desconfiado.
- Percebe que há muitas árvores por aqui? Pois então, eu gostaria de que o senhor me ajudasse a tirar elas, pretendo criar uma fábrica de doces para ajudar a fazer os doces para minha vovozinha, e quando o trabalho estiver feito, darei 50% de todo o lucro pelo trabalho. O que acha?
- Mas minha jovem, sozinho eu não consigo fazer tudo isso! – disse o Lenhador um pouco decepcionado.
- Mas você é um lenhador, deve conhecer outros lenhadores, correto? – disse, em tom malicioso. – Peça ajuda a eles, todos eles, assim o serviço poderá ser feito mais rapidamente. O Lenhador, desconfiado, aceita a proposta e logo vai chamar seus amigos e explica toda a situação.

Vinte amigos do Lenhador vieram e aceitaram ajudar com tudo, desde que tivessem uma parcela de lucro no trabalho também. A Chapeuzinho concordou e logo mandou eles irem ao trabalho enquanto ela ia em busca da vovó.

Chegando à casa da vovó, a Chapeuzinho está animada para anunciar a novidade:

- Vovó, eu tive uma ideia incrível!! O que você acha de eu criar uma fábrica de doces? Assim você nunca perderá seus docinhos e sempre terá mais e mais!

A vovó logo se anima e fala:

- Chapeuzinho, você é genial! É óbvio que eu aprovo, minha netinha, isso seria perfeito para nós duas. Mas acredito que o único problema seria a aprovação da sua mãe, não?
- Verdade, ainda tem isso, mas ainda assim acho que consigo a aprovação dela, eu já contratei alguns lenhadores para derrubar a floresta, em pouquíssimo tempo eles derrubarão muitas árvores, eles são os melhores da região.
- Pode ser, mas ainda assim é preciso da aprovação da sua mãe para conseguir essa fábrica com sucesso, então adiante logo e vá falar com ela!

A vovó estava tão animada que esqueceu até mesmo dos doces que a própria Chapeuzinho trouxe. Então a Chapeuzinho rapidamente corre até a sua casa. No meio do caminho ela observa e o trabalho dos lenhadores já está quase completo, eles realmente são profissionais da região. Chegando a casa, ela pergunta a sua mãe se tem a aprovação para fazer uma fábrica, a mãe recusa rapidamente e explica que é uma péssima ideia, iria dizimar grande parte da floresta e isso causaria enormes problemas para todos, inclusive os animais. A Chapeuzinho não gosta nada da resposta da mãe, e diz que, se ela não é sua aliada, é inimiga. Chapeuzinho então sai furiosa de casa em busca de contratar mais trabalhadores para construir a fábrica. Ela consegue mais de cinquenta trabalhadores que, ajudando os lenhadores, conseguem fazer a fábrica em

pouquíssimas horas. Mas, como consequência de tudo isso, a floresta foi desmatada, destruída, queimada, e isso também atrapalhou os animais que nela habitavam, em especial um deles: o Lobo.

O Lobo vê todo seu habitat sendo destruído, e algo sendo construído no lugar, algo que não é seu lar. Ele busca saber o que está acontecendo e encontra o Lenhador, e logo pergunta:

– O que está havendo?? Por que a floresta está sendo destruída? – estava tremendo de desespero.

O Lenhador disse: –A Chapeuzinho pediu para fazermos uma fábrica, vamos ajudá-la e ela vai pagar 50% do lucro que receber para nós.

– Mas esse dinheiro compensa toda a destruição? – o Lobo questiona.

– Acho que você tem razão, não vale a pena, tudo está sendo destruído, isso causou problemas para você também. Perdoe-me, Lobo.

O Lenhador se ajoelha, implora por perdão ao Lobo; o Lobo o perdoa.

O Lobo convence o Lenhador a sair dali. O Lenhador e o Lobo fogem e eles planejam como impedir a Chapeuzinho de tudo isso.

O Lenhador dá a ideia de se encontrarem com a mãe da Chapeuzinho para falarem com ela sobre essas atitudes egoístas e gananciosas dela.

Chegando à casa da Chapeuzinho Vermelho, o Lenhador conversa com a mulher:

– Senhora, perdoe-me a intrusão, mas sua família está causando um desastre com essa fábrica!

– A minha floresta está sendo queimada, vários animais morreram, isso está destruindo tudo, não vai impedir sua filha? – diz o Lobo, desesperado.

A mãe da Chapeuzinho, com lágrimas nos olhos, diz:

– Não há nada que possa ser feito, eu já conversei com a Chapeuzinho, mas ela não me escuta mais, ficou cega pelo dinheiro e pelos doces, até mesmo a avó dela aprova a ideia. Infelizmente só nos resta aceitar.

O Lobo então pergunta:

– Então, ficarei sem minha casa? Morrerei por conta dessa destruição?

– Há uma floresta densa onde ninguém pisa, fica ao Oeste daqui, a dois dias de caminhada, sigam para lá e ninguém irá incomodar vocês. – A mãe da Chapeuzinho fala com tristeza em sua voz.

O Lobo e o Lenhador então decidem ir para essa floresta. Ao longo do caminho, eles observam o desastre causado pela ganância da Chapeuzinho, vendo todas as árvores sendo destruídas e queimadas, isso ainda causará grandes problemas no futuro por conta da fumaça...

A fábrica de doces deu certo, para a Chapeuzinho Vermelho, é claro. Vendeu muitos doces e os trabalhadores tiveram que dividir 0,5% de todo o lucro que a Chapeuzinho obteve, ela havia mentido sobre dar 50% do lucro. Toda a floresta foi destruída e a ganância da Chapeuzinho

trouxe muitos problemas locais por fazer uma grande fábrica que causou tanto prejuízo ambiental. O Lobo e o Lenhador foram morar na floresta indicada pela mãe da Chapeuzinho, lá eles permaneceram, infelizes por não terem conseguido fazer nada, mas pelo menos estavam seguros. A mãe da Chapeuzinho havia recebido aquela floresta como herança, doou ao Lenhador, que rapidamente a transformou em uma reserva ambiental. Assim, ali pelo menos a Chapeuzinho não poderia destruir aquele lugar com a ganância dela.

A paródia do **Aluno B**, à luz da experiência da leitura dialógica, evidencia como o aluno conseguiu reestruturar a história de *Chapeuzinho Vermelho* ao inserir elementos contemporâneos, como a ganância, o desmatamento e a exploração de recursos naturais, ao mesmo tempo em que manteve a essência dos personagens originais. Ele trabalhou com a ideia de uma protagonista que, em vez de ser ingênua e cuidadosa, é gananciosa e manipuladora, contrastando radicalmente com a representação tradicional de Chapeuzinho Vermelho. Essa releitura espelha o processo de carnavalização discutido durante a oficina, em que valores e papéis são invertidos, e a crítica social se manifesta por meio da ironia e do grotesco.

Além disso, o **Aluno B** incorporou uma crítica ambiental clara em sua paródia, subvertendo o conto original para refletir questões contemporâneas. A construção de uma fábrica de doces às custas da destruição da floresta é uma metáfora poderosa para a exploração predatória dos recursos naturais, e a história do **Aluno B** permite ao leitor fazer uma leitura crítica dessa prática. A paródia, portanto, não é apenas uma recriação cômica, mas também um comentário social sobre os impactos da ganância e da busca desenfreada por lucro.

A compreensão responsiva do **Aluno B** vai além da simples repetição de estruturas conhecidas. Ele criou um texto que dialoga tanto com o conto original, quanto com as reflexões desenvolvidas na oficina. Ao fazer isso, mostrou como a narrativa clássica pode ser ressignificada a partir de sua própria visão de mundo, valores e experiência de leitura crítica. A ressignificação valorada permitiu que o **Aluno B** assumisse uma postura ativa diante do texto, tornando-se ele mesmo um criador de novos sentidos e utilizando a paródia como uma ferramenta para provocar reflexões éticas sobre o impacto da ação humana no meio ambiente e nas relações sociais.

Depois da atividade proposta de criação estética, a professora pediu que os alunos refletissem e comentassem sobre suas próprias produções, foi uma prática pedagógica

alinhada à ideia de *compreensão responsiva* descrita por Volochinov e Bakhtin. Ao pedir que os alunos analisassem criticamente suas criações, tivemos a oportunidade de observar como os estudantes se engajaram como autores conscientes de seus textos, capazes de refletir sobre as escolhas estilísticas e discursivas que fizeram.

Quadro 16: Reflexão do **Aluno B** sobre o conto que produziu (transcrição)

Primeiramente, para início do meu conto, escolhi o conto da Chapeuzinho Vermelho justamente por causa dos temas que eu queria pouco abordar, como, por exemplo, certos problemas sociais, mas não só sociais, mas também econômicos, como o problema do capitalismo em si, causando consequências na mata em geral, nas árvores da floresta. O que eu fiz para satirizar o conto foi usar Chapeuzinho como uma capitalista maluca, ela quer construir uma fábrica de doces, querendo mais e mais dinheiro. Depois tem a questão do Lobo, ele não gosta dessa situação e vai tirar satisfação com a Chapeuzinho, só que a Chapeuzinho ameaça ele, coisas assim, e o Lobo busca ajuda junto com o Lenhador, justamente para poder impedir essa tirania da Chapeuzinho. O verdadeiro grotesco está na forma como a Chapeuzinho trata a floresta e os animais que nela vivem, ela é completamente maluca e egoísta e está querendo capitalizar tudo de toda forma. Eu tentei subverter a forma, o universo todo de Chapeuzinho, não é mais só uma história de a Chapeuzinho foi entregar doces pra vovó, Chapeuzinho fez uma fábrica de doces para a vovó, que também estava acompanhando ela nisto, mas a mãe da Chapeuzinho não gostou disso e, junto do Lenhador, tentou impedir isso, não foi possível; já subverte isso aí. Essa ideia de final feliz, não foi um final tão feliz porque não deu certo e o Lenhador teve que ir para uma reserva florestal, que pertencia à mãe da Chapeuzinho. O sublime da história já é algo meio interpretativo, creio eu, pois está mais na beleza do local destruído, que se tornou algo estranho e completamente não natural. A beleza está numa fábrica gigantesca, é algo belo e ao mesmo tempo é ruim, uma sensação, uma beleza ruim.

O **Aluno B** reconhece o uso do grotesco como um elemento central em sua paródia, observando que o verdadeiro grotesco em sua narrativa está no comportamento de Chapeuzinho, que destrói a floresta e maltrata os animais em nome do lucro. Ele descreve como a personagem subverte a imagem original de uma jovem ingênua, tornando-a “capitalista maluca” e egoísta, o que inverte o papel da Chapeuzinho original e cria uma crítica social embutida. Esse uso do grotesco é eficaz ao contrastar com o cenário natural da floresta, criando uma tensão entre o que é belo e o que é repulsivo.

O **Aluno B** também menciona como trabalhou a sátira ao transformar a trama tradicional em uma narrativa em que Chapeuzinho não apenas entrega doces à vovó, mas

cria uma fábrica para a produção em massa de doces. A sátira surge no exagero da figura de Chapeuzinho como capitalista, abordando de forma irônica temas como exploração e destruição ambiental, enquanto o Lobo e o Lenhador tentam frustrar os planos da protagonista, subvertendo ainda mais a narrativa original. Essa construção estilística revela uma boa compreensão do uso do humor e da ironia para criticar questões sociais.

Ao falar da subversão do final feliz, o **Aluno B** também mostra um entendimento da estrutura narrativa tradicional dos contos de fadas, que geralmente culminam em uma resolução positiva. Ele subverte essa expectativa ao criar um desfecho em que, apesar dos esforços do Lobo e do Lenhador, a destruição já está consumada, e eles se retiram para uma reserva de floresta. Esse final aberto reforça a crítica às práticas exploratórias e sugere que, ao contrário dos finais felizes convencionais, nem sempre há reparação para os danos causados pelo capitalismo desenfreado. O momento de produção de criação estética, como evidenciado pelos três alunos, é uma mostra significativa dos resultados obtidos a partir de um processo de leitura focado na carnavalização, na paródia e no grotesco como recursos expressivos. A produção de texto responsivo nesse contexto foi um reflexo do desenvolvimento de capacidades de linguagem, promovendo uma aprendizagem dialógica entre textos e discursos. A paródia, presente nas suas produções, serviu como um veículo para a crítica social e cultural, permitindo que os alunos reinterpretassem narrativas clássicas de forma criativa, demonstrando compreensão do conteúdo literário e sua função crítica.

Assim, o momento de criação estética desses três alunos, mesmo sendo uma pequena amostra, evidencia a riqueza do trabalho realizado em sala de aula. O uso de recursos expressivos como carnavalização, paródia e grotesco não apenas expandiu as possibilidades criativas dos alunos, mas também os colocou em contato direto com formas mais complexas de compreensão e produção discursiva, algo que pode fortalecer suas capacidades de linguagem e criatividade em situações futuras.

O trabalho de leitura dialógica com ressignificação valorada, como abordado em todas as interações, revelou-se uma prática fundamental para promover a compreensão crítica, ética e estética nos alunos. Por meio da compreensão do processo da carnavalização, da paródia e do grotesco, os alunos foram desafiados a confrontar e questionar as normas e convenções que regem a sociedade e as narrativas tradicionais. Esse confronto, ao mesmo tempo crítico e criativo, proporcionou a eles a oportunidade de se apropriar de novas formas de expressão e de interagir com os textos de maneira responsiva. As discussões e reflexões promovidas pela professora sobre suas próprias

produções estéticas mostraram que a linguagem, longe de ser neutra, é um espaço de disputa e ressignificação constante.

A leitura dialógica permitiu que os alunos não só reconhecessem as múltiplas vozes presentes em um texto, como também compreendessem como essas vozes dialogam entre si, criando um espaço de interação entre o autor, os personagens, as vozes sociais e o leitor. Ao assumir um papel responsivo, os alunos internalizaram que todo enunciado é parte de um diálogo mais amplo e que a produção de texto é uma forma de intervenção crítica no mundo. Esse trabalho também fomentou a compreensão estética, mostrando que os textos artísticos refletem e refratam a realidade de forma criativa e transformadora.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE PESQUISA

Apresentamos, nesta pesquisa, a proposta de uma leitura dialógica com ressignificação valorada da versão em livro e cinematográfica de *Shrek* 1. Buscamos a compreensão e apreciação da literatura contemporânea, especialmente quando se trata de obras que incorporam elementos como a carnavalização, a paródia, o grotesco e a sátira. Nesse contexto, a ressignificação valorada envolve a capacidade do leitor de reinterpretar e dar valor a aspectos da narrativa que desafiam as convenções tradicionais.

Ao ler uma história que utiliza a carnavalização, convidamos o leitor a questionar as representações estéticas e éticas estabelecidas nas relações éticas, as normas sociais e os valores culturais representados na narrativa. Essa atividade propõe o desenvolvimento da leitura com ressignificação valorada, o que permite ao leitor reconhecer que a literatura não precisa aderir a estereótipos ou se conformar às expectativas convencionais; ao contrário, pode desafiar e subverter essas normas em nome da expressão artística e da crítica social.

A proposta de avaliar a leitura por meio de atividades que envolvem a observação das respostas dadas a exercícios de compreensão e a produção de paródias de contos de fadas utilizando procedimentos da carnavalização assumiram uma abordagem pedagógica valiosa para desenvolver a capacidade crítica e interpretativa dos alunos. Essa abordagem combinou a avaliação da compreensão textual com a perspectiva de análise da teoria da carnavalização, permitindo que os alunos não apenas apreciassem o universo das histórias, como também as reinterpretassem de maneira crítica. Os resultados esperados dessa abordagem incluíram um aprimoramento na compreensão ativa de forma valorada e a análise de textos literários e o desenvolvimento de capacidades de linguagem para a compreensão e a produção de textos artístico-literários.

O planejamento do itinerário das aulas de leitura dialógica com ressignificação valorada de *Shrek* com os alunos do 9º ano seguiu uma estrutura que evocou o processo de carnavalização, categoria bakhtiniana fundamental para compreender a estilização presente na obra. Desde o início, os alunos foram apresentados à ideia de paródia, sátira e grotesco como estratégias centrais que *Shrek* utiliza para subverter os contos de fadas tradicionais. Ao explorar como o filme distorce e brinca com as narrativas convencionais, os alunos perceberam que o processo de carnavalização propõe a desconstrução das hierarquias e normas sociais, abrindo espaço para um questionamento crítico dos valores impostos pelas versões clássicas dessas histórias.

No decorrer das atividades, a construção estética do grotesco-sublime foi outro foco importante de análise. Os alunos discutiram como *Shrek* combina elementos grotescos e sublimes, especialmente ao tratar personagens como Shrek e Fiona, cujas aparências não correspondem aos padrões de beleza tradicional, mas que, por meio de suas ações, subvertem as expectativas morais e éticas dos contos de fadas. Essa mistura entre o grotesco e o sublime, característica da carnavalização, foi observada como um recurso que provoca a reflexão dos alunos sobre a verdadeira natureza da moralidade e da felicidade, além de desafiar as ideias de perfeição que dominam essas narrativas.

Ao longo do processo, os alunos foram levados a um posicionamento responsivo, no qual se envolveram ativamente com os enunciados da obra por meio de uma leitura dialógica. A sátira presente no filme, combinada com a ironia e a paródia, configurou relações dialógicas que incentivaram os alunos a confrontar e a questionar os discursos apresentados. Por meio de debates e produções escritas, os alunos expressaram suas interpretações e refletiram sobre como a carnavalização em *Shrek* não apenas desconstrói as histórias tradicionais, mas também os convida a ressignificar seus próprios entendimentos sobre ética, estética e as relações sociais que permeiam as narrativas trabalhadas na sala de aula.

A questão ética e a valoração entraram na leitura dialógica de forma central, pois a abordagem proposta por Bakhtin e aprofundada na prática da leitura com ressignificação valorada envolvia a compreensão de que todo enunciado carregava valores e posicionamentos resultantes da interação entre diferentes consciências. No contexto da leitura de *Shrek* com os alunos, essas dimensões foram mobilizadas através da análise das vozes que compunham o texto e dos dilemas éticos que elas expressavam. Os alunos exploraram não apenas o que era dito, mas também *como* e *por que* era dito, investigando os valores implícitos nesses discursos.

A questão ética surgiu quando os alunos se depararam com os dilemas e escolhas morais dos personagens, como as atitudes de Lord Farquaad em expulsar as criaturas mágicas de Duloc ou o preconceito contra a aparência de Shrek e Fiona. Essas situações de conflito moral, ao serem discutidas em sala de aula, permitiram que os alunos refletissem sobre as implicações das decisões e comportamentos dos personagens, estabelecendo paralelos com as realidades éticas de suas próprias vidas. A mediação da professora-pesquisadora ajudou a guiar essa reflexão, incentivando os alunos a adotar uma postura crítica e responsiva diante das situações, considerando as consequências de suas próprias ações nas interações com os outros.

A questão da valoração entrou no processo dialógico à medida que os alunos reconheceram os valores expressos ou subvertidos na narrativa. Na leitura de *Shrek*, por exemplo, a inversão dos padrões tradicionais de beleza e moralidade desafiou os alunos a questionar quais valores estavam sendo promovidos ou criticados pela obra. A paródia e a carnavalização presentes no texto reconfiguraram o que era considerado ideal ou correto, abrindo espaço para que os alunos reavaliassem suas próprias concepções de perfeição, bondade e justiça. Dessa forma, a valoração foi algo constantemente dialogado, em que os alunos confrontaram seus próprios valores com os dos personagens e das vozes sociais representadas.

Embora a pesquisa tenha trazido resultados significativos ao aplicar a leitura dialógica com ressignificação valorada, alguns limites podem ser observados. Um dos desafios está relacionado ao tempo necessário para que os alunos desenvolvam plenamente a habilidade de compreender as múltiplas vozes e valores presentes em textos complexos, como *Shrek*, por exemplo. A leitura dialógica demanda um envolvimento mais profundo, o que pode requerer mais tempo e dedicação em comparação com métodos tradicionais. Além disso, nem todos os alunos alcançam o mesmo nível de compreensão crítica ao longo do processo, especialmente aqueles com pouca familiaridade com o gênero literário ou com apropriação dos procedimentos da paródia e carnavalização, o que pode limitar o trabalho de leitura com ressignificação valorada no processo de produção de sentidos aos textos.

Outro aspecto muito importante está no próprio papel da mediação pedagógica. O resultado positivo do processo depende muito da capacidade do professor de guiar as discussões e incentivar a reflexão crítica, o que demanda formação contínua e uma familiaridade com os textos trabalhados na sala de aula e apropriação teórica dos conceitos bakhtinianos. Além disso, o professor precisa desenvolver habilidades para criar um ambiente de sala de aula propício ao diálogo, onde os alunos se sintam encorajados a expressar suas opiniões e a explorar diferentes interpretações. Isso requer não apenas uma boa didática, mas também a capacidade de gerir as dinâmicas de grupo e lidar com as diversas formas de interpretação que surgem no processo. Nesse sentido, a formação pedagógica precisa incluir estratégias que capacitem o professor a mediar discussões produtivas, conduzindo os alunos a pensar criticamente e a se posicionar responsivamente diante dos textos e das questões que eles levantam.

Por esse caminho, esta pesquisa destaca a relevância de uma abordagem que não se limita à compreensão literal do texto, evidenciando nas práticas de ensino de leitura o

diálogo entre diferentes vozes, a fim de desenvolver capacidades interpretativas, reflexivas e valorativas. Além disso, evidenciamos como a literatura pode ser uma ferramenta para explorar questões morais e sociais, promovendo a formação de sujeitos responsivos. Assim, acreditamos que esta pesquisa pode contribuir com o campo da leitura literária e a formação humana de forma integral.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 116, p. 7-19, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200001>.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagens, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÏNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3-192.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CARVALHO, José Ricardo. A compreensão da paródia e da sátira em esquetes do Porta dos Fundos a partir do tema descobrimento do Brasil. In: CARVALHO, José Ricardo; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (org.). **Leitura, alfabetização e práticas de ensino-aprendizagem**. 2023. [No prelo]

CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo *et al.* **Agir de linguagem na escola e na universidade** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021. p. 78-104.

CARVALHO, José Ricardo. A leitura e o domínio da capacidade de ressignificação valorativa do texto literário em abordagem bakhtiniana. In: CARVALHO, José Ricardo *et al.* **Agir de linguagem na escola e na universidade**. São Luís: EDUFMA, 2023. [No prelo]

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

DREAM Works, Wiki Fandom. **Lord Farquaad**. [Foto]. Disponível em: https://dreamworks.fandom.com/wiki/Lord_Farquaad. Acesso em: 22 set. 2024.

EISNER, Michael. **Executivo da Disney**. [Foto]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Eisner. Acesso em: 22 set. 2024

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

MELO, A. K. da S.; BOSI, M. L. M. Prefácio. In: MELO, A. K. da S.; BOSI, M. L. M. **Fenomenologia (s) e saúde coletiva**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. p. 7.

NASCIMENTO, Meidimere Coutinho da Silva. **A leitura crítica dos esquetes do Porta dos Fundos sob o olhar da carnavalização**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Universidade Federal de Sergipe – Itabaiana, 2023.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2004.

SANTOS, Fabiano Rodrigo da Silva. Grotesco: um monstro de muitas faces. In: SANTOS, Fabiano Rodrigo da Silva. **Lira dissonante: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa** [on-line]. São Paulo: Editora Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 584 p. ISBN 978-85-7983-026-6.

SHREK (**Shrek**). Diretor: Andrew Adamson e Vicky Jenson. Produção: Jeffrey Katzenberg, Aron W. Warner, J. H. Williams. Los Angeles: PDI / Dream Works, 2001, DVD (90 min), a partir do livro de William Steig.

SILVA, Francineide Martins. **Literatura infantil e cinema: múltiplos olhares ao conto de fadas Shrek**. 2014. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

SOUZA, Denise Loreto de. **Shrek: do conto aos filmes, em uma sucessão de paródias**. São José do Rio Preto, 2013. 230 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/3fce2325-c315-42e3-b238-482c9b2fec8a>. Acesso em: 15 out. 2024.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

STEIG, William. **Shrek!** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAVARES, Paula Francinetti de Araújo; CARVALHO, José Ricardo. **Práticas linguageiras no contexto de formação e ensino**. São Luís: Editora IFMA, 2022.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001.

Vídeos consultados

GD, Canal. **A HISTÓRIA NÃO CONTADA DE SHREK**. [Vídeo]. YouTube, 8 meses atrás. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JDThS2ImoMc>. Acesso em: 16 out. 2023.

IMAGINAGO. **O MAIOR MISTÉRIO DE SHREK! - Teoria**. [Vídeo]. YouTube, 10 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uoHIjDP_ukU. Acesso em: 16 out. 2023.

IMAGINAGO. **Shrek: O QUE ACONTECEU COM OS OGROS?** [Vídeo]. YouTube, 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7-nbGtyHNq>. Acesso em: 16 out. 2023.

IMAGINAGO. **A ORIGEM DO LORDE FARQUAAD (de Shrek) - VILÕES #16**. [Vídeo]. YouTube, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QhnEd4jkiNY>. Acesso em: 16 out. 2023.

SHREK, 1 **Filme Completo Dublado Brasil**. Cena 1. [Vídeo]. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cROrw3oV7lQ&list=PL-LILxs5RoEtDo--Dsde5_aWrHe8YM9ym. Acesso em: 22 set. 2024.

TV NOSTÁLGICA. **BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES 1937 COMPLETO DUBLADO 1080p HD | PT-BR**. [Vídeo]. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bwSVcv6b1uA&t=6s>. Acesso em: 22 set. 2024.

ANEXO A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPECAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



Programa de Pós-Graduação em Letras
Profissional em RedeUnidade Itabaiana

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do Projeto: A Leitura Dialógica com Ressignificação Valorada do Livro e do Filme *Shrek* na Sala de Aula

Pesquisador responsável: Mari Geralda D'Avila Cardoso

Orientador: José Ricardo Carvalho da Silva

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/Unidade Itabaiana

A pesquisadora do projeto Mari Geralda D'Avila Cardoso se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, utilizando gravações e filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o termo de compromisso de coleta mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade do professor José Ricardo Carvalho da Silva. Após este período os dados serão destruídos.

Itabaina. _____ de _____ de ____.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Mari Geralda D'Avila Cardoso	
José Ricardo Carvalho da Silva	

ANEXO B



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



Programa de Pós-Graduação em Letras
Profissional em Rede Unidade Itabaiana

TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

Título do Projeto: A Leitura Dialógica com Ressignificação Valorada do Livro e do Filme *Shrek* na Sala de Aula

Pesquisador responsável: Mari Geralda D'Ávila Cardoso

Orientador: José Ricardo Carvalho da Silva

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/Unidade Itabaiana

Telefones para contato: (79) 99904-3519

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, _____ de _____ de _____.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Mari Geralda D'Ávila Cardoso	
José Ricardo Carvalho da Silva	

ANEXO C

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPECAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



Programa de Pós-Graduação em Letras
Profissional em RedeUnidade Itabaiana

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Eu, _____, aluno (a) do 9º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual _____, localizado no município de Aracaju/Se, autorizo a professora MARI GERALDA D'AVILA CARDOSO a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “A leitura dialógica com ressignificação valorada do livro e do filme *Shrek* na sala de aula”, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Aracaju – SE, _____ de _____ de _____.

Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

ANEXO D

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPECAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



Programa de Pós-Graduação em Letras

Profissional em RedeUnidade Itabaiana

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Eu, _____, residente na cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Aracaju – SE, _____ de _____ de _____.

Assinatura por extenso

ANEXO E POEMAS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

POEMA ALUNA A

Vão cozinhar uma paixão
 Que vai dar de comarção.
 Um pouco de açafrão
 E um pouco de alho
 Que tenham padrinho

Colhi os ingredientes no fãtano
 Com muita devoção
 E agora irei prepará-los
 Com muita orinação

Junte tudo em meu caldeirão.
 Transforme tudo em um majestoso pirão
 E sirva tudo com arroz e feijão

POEMA ALUNA B

Delícias Estranhas!

Num velho caldeirão, um tanto tranverso,
 Borbulha uma porção com aspecto doceiro.
 Insetos saltitantes, fervendo ligeiros,
 Num líquido estranho, o apetite do feitiço.

Aranhas dançantes, lanches apetitosos,
 Biscotas e moídas, momentos salerosos.
 Perninhas crocantes, petiscos esperados,
 Em molho picante, um prazer inesperado.

Arroz de moripon, defumadas e douradas,
 Um sabor desafiante, rissos em gorgalhadas.
 De nemeno doce, em creme brilhante
 Se esconde uma unha do pé do passageiro.

Delícias inventadas, banquete sem igual,
 O majestoso risando poesia, um encanto sensorial.
 Com penas de baratas, o repasto está finalizado.
 Um gosto diferente, que mostra seu futuro rapidamente.

POEMA ALUNO B

Sem nada para fazer, vou criar uma poção
 Uma poção de amor, uma poção pra coração
 Então colocando os ingredientes, consigo fazer de montão

O primeiro passo que vou fazer é um círculo de transfiguração
 Coloca oito de porco, sangue de coelho e pena de pavão
 Se alinhar com tudo, dá pra fazer ainda melhor
 Pegarei o estômago de boi para não dar nó

Com a ciência da alquimia, eu faço a tarefa equivalente
 Uma poção com gosto padre, sabor de cereos de outono
 Essa está bem deliciosa, agora meus corações não serão abotados

POEMA ALUNO C

"É assim que eu faço meu almooço
 Pego dois dentes bem gostosos
 E tempero bem apimentado
 Depois venho fritá-los
 Até parecer enxada
 Depois dos dentes faço meu feijão
 A água do feijão pego de um lago bem mofado
 Após pegar a água do feijão
 Venho temperá-lo
 Pego dois elos e duas patas de dengão
 E ainda luto um pouco de laranja de melão
 E é assim que eu tempero meu feijão
 Após isso cozinho até ficar bem mofado."

POEMA ALUNO D

Deliciosa barrar

Na meia do mata escura havia
 uma lousa cozinhando alhos de
 aranha e casca de tartaruga
 dizia enquanto fazia:
 gosto dos alhos, têm malinças
 e a casca tem crocante gosto
 de temperar o arroz com
 plantas mortas cuspi de lousa
 galhos de irritar, tem também
 gosto de sapas por eles um
 gosto melhor enquanto isso
 os alhos e a casca cozinham
 depois é só misturar e
 servir uma gema muito
 deliciosa.

POEMA ALUNA E

Risoto de pialha

Cozinhando meus pialhos
 No grande risoto
 Com latices de morango
 E caspa de cabrito
 Refogo minhocas raras
 Com calças venenosas
 Que ficam bem gostosa
 Minha receita saborosa
 É gostosa

Com ervas venenosas
 Que são muito gostosa
 Com folhas de rosas
 Para ficar bem olhada
 Minha receita
 É a mais lodosa
 É a mais deliciosa
 É bem rebarba

POEMA ALUNA F

É assim que preparo minha deliciosa sopa
 Primeiro eu coloco a batata do castelo no fogo.
 E depois laranja e limão.
 E as maravilhosas batatas.
 Também coloco o óleo de sardinha
 E língua de lagartixa.
 De tempero eu coloco
 Copim e pele de cobra.
 Assim que a batata começa a borbulhar,
 Coloco todos ingredientes e começo a mexer.
 Quando o cheiro maravilhoso
 Começa a se espalhar pela casa
 Pego os meus pratos grandes e fundo
 Já estou sentindo água na boca.
 Pronto a servir a mesa
 Para as convidadas que estão prontas a chegar.
 Minha maravilhosa sopa está pronta.
 Vou me deliciar.

POEMA ALUNA G

O poema do delicioso horror
 Eu pego umas batatas
 E tempero de bratizinho
 Refogo em fogo alto
 Até virar uma gorminha
 Com o meu tempero delicioso
 Sirvo nos pratos dos meus inimiguinhos
 Para amanhã dar dor de barriga
 E eles se berrarem todinhos
 O meu tempero é tão bom
 Que o meu vizinho não se pertis
 E é claro que eu sei
 Que eu quero que ele se berre também

POEMA ALUNA H

"O perfume de deliciosas heras"

Não digo não
nem não, nem dorraão
apenas uma conção
pode até desafinar
du, oi, um, fio, Sol, Su, do
É uma drala de dragão
fio de cabelo
Mexe até ficar
uma goema, como cabelo
em fiquis sem dentes e fiquis
faz também desconfiar.

Assim que fage
Minha sacate deliciosa
Uma pitada de sacate de comido
Por isso são mais deliciosa e fagedo fage.

POEMA ALUNA I

A grande receita de mingau

Inquieto e caldeirão está me fogue
 eu viou Bartolomeu a língua de lica
 e preparando as barras
 também colocou um pedaço de unha de cachorro
 forma de corral.
 Fogue de largar a
 Fogue de calar a venenosa
 moria e uma pessoa misteriosa
 colocou tudo no caldeirão e começou a mexer
 ouviam quebriote e cheiro se espalhando por toda floresta
 eu deliqui o fogo e espere esfriar
 viou me ormaro da minha Peziza
 e pegou o meu prato enorme
 e colocou quatro loncha de mingau
 Hum! Chega da água na lica
 a minha maravilha sopa está pronta
 eu viou me lambeu

ANEXO F CONTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

CONTO ALUNA A

O Feio Cidormecido

O rei e a rainha tiveram uma linda filha, mas se transformaram em pais extremamente protetores do bebê que se chamava Aurora, por isso, quando ela nasceu, ordenaram que três fadas do reino cuidassem dela até completar seus 16 anos. Tinham medo que alguém trouxesse sua doce menina. Então as fadas erigiram Aurora em uma cabana escondida no meio do floresta onde ninguém a iria encontrar até seus 16 anos completar.

Os anos passaram. Aurora já tinha crescido e com quase 16 anos de idade, estava louca para sair pelo mundo que lhe proibiram. Enquanto isso, perto dali, no castelo do príncipe Phillip, as coisas estavam diferentes. A rainha mãe estava nem um pouco contente. O rei adoeceu e logo iria deixar essa vida, mas esse não era o motivo da tristeza. A razão era que seu filho já tinha idade assumir o trono, se a velha bratar-se ao trono, ela não seria mais rainha e isso deixou-o triste.

- Não posso hereditar! Meu marido vai morrer e meu filho assumir. E o que irá restar para mim? - disse a rainha preocupada com sua parte do trono. Então a rainha teve uma ideia. - Esperem e verão. Governarei esse reino, meu filho não será o herdeiro - disse a rainha o caminho do floresta, onde pretendia encontrar a fada que poderia ajudá-la.

Chegou à floresta e depois de muito caminhar, encontrou a fada. Lá estava Malévola, descansando em cima da árvore.

A rainha gritou:

- Com licença, poderia descer aqui, por favor?

- Quem é você? - perguntou Malévola.

- Como não me conhece? Sou eu, a rainha, né? Governo as terras ao lado das suas - disse a rainha.

Malévola fingia saber quem ela era. Malévola desceu, com um livro em mãos, a rainha curiosa perguntou:

- O que é isso em suas mãos?

Antes de Malévola responder, a rainha já tinha conseguido ler. Era um livro de feitiços, o que ela estava precisando, "seria possível tamanha sorte?" - pensou a rainha.

A rainha tratou de logo pedir o livro educadamente, mas Malévola se recusou, falou que não podia emprestar, pois não podia cair em mãos erradas. A rainha não gostou daquilo e fingiu entender, conversaram muito para disfarçar a falsidade. Malévola nem imaginava como é a rainha de verdade.

A rainha foi embora, despediu-se e saiu fora, mas quando a noite caiu, fingiu, saiu escondida e disfarçada. Quando chegou perto do lugar de descanso da Malévola, com cuidado chegou perto dela, enquanto ela dormia, e tirou o livro de suas mãos e o substituiu por uma

pedra que sehou no chão. Então, correu direto para o castelo, com o livro de feitiços. Foi para a porta do castelo, rapidamente começou a procurar, um feitiço que fosse lhe ajudar. Achou um de controle mental, poderia usar em Malévola para ela levar a culpa e a rainha se safar. Agora iremos começar. Passou a noite estudando o feitiço para na hora não errar.

O sol surgiu então era a hora de agir. De manhã cedo saiu antes de seu filho acordar e todo o seu plano per arrumado. Correu rapidamente para a floresta em busca de Malévola. De longe avistou, Malévola já tinha acordado e seu livro não tinha sehado, procurando o livro em toda a escta. A rainha não esperou, já chegou em Malévola e falou:

- Está procurando isso? - disse a rainha com o livro na mão.

Malévola não gostou nem um pouco, iria atacar, mas a rainha foi mais rápida, olhando nos olhos do fada, começou a cantar.

- Sob o sol brilhante do dia
a rainha tece seu feitiço com maestria,
palavras secretas ditas em tons suaves,
controlando sua mente, como ondas nos mares.

Tu és presa de prisioneiro,
nas mãos habilidosas da rainha.
Enquanto o mundo segue seu rumo,
tu estás preso, sem poder algum.

Malícia já se encontrava sem seus próprios comandos.

- Agora sou eu que mando! - disse a rainha.

Enquanto a rainha apressava, Aurora estava cansada.

- Eu já estou farta! - disse Aurora para as três fadas.

Aurora não aguentava mais ficar naquela casa, sem poder fazer nada, queria sair pelo mundo.

- Deixe de drama, menina! Quem está farta sou eu de você! - disse a fada azul. Que não aguentava mais ouvir Aurora reclamar a mesma coisa por tantos anos. As fadas não eram muito bonzinhas, e nem um pouco bonitas, pareciam mrigas enormes e asas pequeninas, mas não faziam ideia da feiura que tinham, achavam-se tão bonitas, tinham grande auto-estima.

Aurora saiu para o quarto, cansada dessas discussões. Mas decidiu fugir dali. Planejava fugir a noite quando as fadas pegassem no sono. Aguardou acordada até anoitecer. Depois de tanto tempo esperando, a noite apareceu. Aurora começou a ouvir passos, abriu um pouco a porta e viu as fadas indo para seus quartos dormir. Quando fecharam a porta, Aurora já se preparou, um punhado de cabelo cortou, deixou bem curto, como de um menino, para que de

longe não fosse reconhecida. E assim ela pulou a janela e começou sua caminhada pela mata.

Depois de algum tempo caminhando, ouviu vozes, parecia que alguém estava cantando mas muito longe dali. Ela não conseguiu resistir. Foi se aproximando do local de dentro, olhando de longe, viu duas mulheres. Uma possuía asas negras e chifres, a outra estava cantando, usava um vestido chique, mais perto, quando se aproximou mais um pouco, viu que ela usava uma coroa. Aurora chegou mais perto para ouvir o que estavam falando.

- Agora faz o que mando! - ordenou a rainha.

- Sim, vossa alteza - respondeu Malévola já enfeitada.

A rainha continuou a falar:

- Encontre o príncipe e jogue nele o feitiço do sono eterno. Vamos ver agora quem é mais esperto!

- Como desejar - disse Malévola.

Aurora não podia acreditar no que acabou de ouvir e agir. "Seria possível uma rainha o mal cometer?" - pensou Aurora. Saiu correndo do lugar desesperada, mas esbarrou em algo ou alguém, mas quem?

Abriu os olhos e era uma pessoa, um

homem na verdade. Não era muito bonito, cabelos bagunçados e dentes amarelados, mas usava uma coroa. "Será o príncipe que falava a mulher com a coroa na cabeça?" - pensou Aurora.

O príncipe nem entender, só ajudou ela a levantar e perguntava o que uma mulher tão bonita fazia nesse lugar. Ela não explicou muito, só disse que estava passeando e que se chamava Aurora.

- Muito prazer, sou o príncipe Phillip! - disse o rapaz dando um sorriso amarelo. Aurora ia contar o que viu, mas avistou as três mulheres vindo na direção deles. Logo viu que era as fadas que cuidavam dela e saiu correndo sem explicar. - Ei, o que aconteceu? - disse o príncipe. Mas Aurora já tinha sumido de vista. As fadas se aproximaram dele e perguntaram:

- Com licença, desprovida de beleza, por acaso viu uma adolescente de cabelos longos e longos por aqui? - perguntou a fada verde.

- Não vi ninguém assim, apenas uma mulher muito bonita que estava comigo aqui, mas ela possui cabelos curtos como de um homem - disse o príncipe.

As fadas acreditaram não ver a Aurora. E foram embora.

O príncipe então saíu novamente na floresta, pelo menos era o que ele pensava,

até começar a surgir as seguintes palavras:

- Sonho profundo, fúteis encantados,
No leito materno, mergulhados no torpor.
Olhos pesados, o sono o envolver,
Nenhum despertar, apenas dormir e sonhar.

O larço ruído embala o sono,
Trazendo sonhos doces como abandonos.
Nos asas da fantasia, flutua-se sereno,
Sem despertar, mergulhados no terreno.

O príncipe caiu no chão desacordado. Malévolo levou ele visando até a porta do castelo, só não sabia que Aurora estava escondida no sótão e viu tudo o que aconteceu. Aurora chegou perto depois que acordou, apanhou uma espada. Poderia ver do príncipe e caiu na desluzagem. "Dei razão-lo" - pensou Aurora, com espírito de coragem e valentia.

Enquanto isso a Rainha estava fazendo o cabelo do rei.

- Meu amor, ele já está horas fora. Ele não tem um pingo de responsabilidade para assumir o trono! - disse a rainha.

- Não fale assim, minha rainha! Não seja precipitado, nosso filho está vivo, não te preocupar. Guardas! Procurem o príncipe em todos os cantos! - ordenou o rei.

O tempo foi passando e nada do prin-

e ele aparecer, até um bravo cavaleiro chegar e lhe dizer:

- Meu rei, achamos o corpo dele na floresta, e nenhum sinal do seu herdeiro, suponho que fugiu ou morreu nesse tempo!

O rei chorou e caiu no chão tardando, pois ainda estava doente. A rainha fingiu lágrimas, uma falsa. Deitou o rei até o campo para descansar. Depois foi até a porta, onde seu filho dormia em um quarto protegido por espinhos.

- Todos, nunca te encontrarão! - disse a rainha com seu veneno na ponta da língua. - Maléolo, agora é com você, faça o herdeiro que o culpado é você! - falou a rainha.

E Maléolo foi iniciar o plano. O rainha foi até o quarto do rei, consolou o moribundo, até ouvirem gritos. Olharam pela janela.

- Todos! O príncipe está morto! Eu o matei, acho que não teremos um próximo rei, agora seu mundo destruirei. - gritava Maléolo. Depois sumiu em uma nuvem de fumaça.

O rei que estava doente, mas não estava dormindo, ouviu tudo e desmaiou. Gelado ficou, pois já não mais estava, a rainha agora era a dona do reino. Mas onde estava Auroro?

Aurora se encontrava no bosque da floresta tremandos com sua espada para o grande batalha. Até escutar um barulho nos arbores.

- Quem está aí? - perguntou Aurora com a espada preparada.

A criatura começou a se mexer mais, apareceu dois olhos.

- Saia agora! - falou Aurora com a espada na mão.

Saiu, um eselha. Era apenas um eselha inocente.

- Ah! Oi amiguinho, você me assustou! - falou o belo moço.

- Amiguinho, sério? - o eselha falou?

- Você fala?! - disse Aurora.

- Não imagino, você enlouqueceu, lógico que fala. Se você percebeu, isso é a floresta encantada. - falou o eselha.

Aurora perguntou se ele poderia ajudá-la a treinar. O eselha topou, não tinha nada para fazer mesmo. Anositeu e chegou a hora. Aurora caminhou junto com o eselha até o reino. Chegando lá estava tudo diferente. O reino perdeu o calor com o poder. Tinham guardas

por toda a parte. Aurora foi derragar e tentou passar por trás dos guardas, mas quando achou que ia conseguir entrar no castelo, esbarrou em uma armadura de enfeite. A armadura caiu no chão e fez o maior barulho. Os guardas olharam Aurora paralisado com os olhos arregalados.

- Aurora! Sai daí! - disse o coelho. Correram desesperados, entraram no primeiro porta que viraram. Conseguiram fazer os guardas os perderem de vista.

Notaram que estavam no quarto, havia fotos dela por toda parte. Começaram a ouvir passos, nem saber para onde correr, foram para debaixo do cama. A rainha entrou no quarto.

- Consegui o que eu quero, a rainha está na minha mão, e o príncipe continua adormecido no porão - falou a rainha dando um sorriso maléfico. Parou de rir e começou a cheirar o ar e olhar para todos os lados! - Sinto que alguém esteja aqui, posso sentir isso! - disse a rainha procurando pelo quarto se tinha alguém intruso. Quando ia olhar embaixo da cama, o guarda bate na porta e entra.

- Majestade, uma menina invadiu o castelo!
- disse o guarda.

- O quê?! Seus incompetentes. Não conseguem regular nem uma menininha! - disse a rainha. E saiu do quarto batendo a porta com fúria.

Assim que estavam vizinhos, Aurora e o coelho foram até a porta espiar se tinha alguém no corredor, juraram que a barra estava limpa e saíram para procurar o tal porco. Andaram um pouco e deram de cara com uma porta meio aberta com esboço descendo.

- Parece até que estavam a massa espera-
- disse o coelho.

Aparentemente. Não sabiam o que tinha lá, e não imaginaram que iriam encontrar ali um dragão. Com sua espada reluzente em mãos, a valente princesa mirou nos olhos do dragão que saltava fogo e rugia ferozmente. Em um movimento rápido e ágil, Aurora desviou das chamas do dragão, desferindo golpes precisos com sua espada. A cada balanço, a espada encontrava as escamas do dragão, enviando faíscas brilhantes pelo ar. Enquanto o dragão arremetia com fúria, a princesa saltava e esquivava habilmente, evitando suas garras afiadas. A batalha se intensificava, o dragão mostrava sua força poderosa, mas Aurora não desistia. Com sua determinação e agilidade, a princesa encontrou uma brecha nas defesas do dragão e acertou um golpe poderoso em seu ponto fraco. O dragão uivou de dor e enfraqueceu, desistindo da luta. Aurora havia vencido o desafio, mas por garantir o amor do dragão. O dragão estava

enfraquecido e então voltou para sua forma normal, era a Malísula que estava em mais um feitiço.

- Aurora, eu encontrei o príncipe! - disse o eselha.

Chegaram lá e estava o príncipe. Aurora rapidamente cortou os espinhos com sua espada e virou o príncipe dormindo em uma cama de pedra.

- E agora? O que eu faço? - disse Aurora.

- Você precisa beijá-lo! - falou Malísula, com as forças que lhe restavam.

- Ee! Vou beijar esse cara não. Esses dentes amarelados, cheios de espinhos, tá doído? - disse Aurora.

- Vai logo, mulher! Tome coragem! - falou o eselha.

- Tá bom! Tá bom! - falou Aurora. Então, fechou os olhos e o beijou e em seguida correu para a cama e adormeceu.

O príncipe tinha acordado, sem entender o que havia acontecido, Aurora contou tudo.

- A rainha te escolheu em um sono profundo! - falou Aurora. E concluiu: Percebeu que precisava correr e a rainha detém, mas virou Malísula.

no chão. Aurora se lembrou do que viu na floresta, a rainha tinha enfeitado ela. Arrestou o livro de feitiços e pediu ao coelho: - Breve que você ache o feitiço de reversão e liberte o alma dela sem discussões!

O coelho concordou e lá foi o Phillip e a Aurora atrás da rainha. O príncipe Phillip e o destemido príncese Aurora deram de cara com a rainha malvada, cujo livro de feitiços emana escuridão. O príncipe, desarmado, confiou na sua agilidade e expertise, esquivando-se dos feitiços com movimentos rápidos e nítidos, evitando ser atingido. Ao mesmo tempo, a princesa Aurora, empunhando habilmente sua espada radiante, arremessava com graça e destreza, golpeando contra os feitiços malignos com força e determinação. A luta era intensa, com relâmpagos mágicos iluminando o céu e explosões de energia ocorrendo ao redor. Com um giro ágil o príncipe desarmou a rainha, enquanto Aurora desferiu um poderoso golpe final que a fez cair derrotada. A rainha foi presa nas marmotas para sempre.

O povo ficou feliz com a notícia. Dias se passaram e Phillip já estava de volta ao Trono. Malvada depois de tudo que aconteceu, decidiu enterrar seu livro onde nunca iriam achar. E agora ela está de volta a floresta onde é seu lugar.

Aurora, está bem, decidiu viajar o mundo com seu amigo coelho, e os fados nunca a encontraram ou foram vistos.

monamente.

Se Aurora e Phillip ficaram juntos? Não,
e eles estão muito bem com isso, não é
porque alguém te salva que você precisa
se casar com ele e vice-versa. É final
feliz para todos, acho que só não para o
rainha.

CONTO ALUNA B

A brilha mal agradecida.

Era uma vez em um reino distante. Uma bela princesa chamada Aurara sofreu sua linhagem sapria com uma maldição lançada por uma feiticeira que guardava rançar da família real.

Assim que o portador completasse seu vigésimo primeiro aniversário, desenharia a mesmiceia como uma vara a menos que ganhasse um beijo de seu amor verdadeiro. Como símbolo a maldição acompanharia uma tatuagem de vara com espinhas no antebraço esquerdo do portador.

Após passar mais de 4 anos beijando rapazes aleatórios selecionados por sua mãe, Aurara já havia desistido do beijo de amor verdadeiro. Porém Aurara era ambiciosa demais para simplesmente aceitar sua morte quando sempre havia tido o que queria.

Então, determinada a encontrar uma cura por conta própria, Aurara montou em um cavalo de guerra e adentrou a floresta em busca de uma fada especialista em poções e curas chamada Malivela.

Ao encontrar uma cabana na parte mais escura da floresta Aurara deu três batidas na porta e a porta se abriu por uma mulher alta, com cabelos loiros e olhos azuis como água, surpreendendo Aurara por não ser feia como as ruínas dizem.

Aurara então se recompôs e disse: - Ajude-me a quebrar a minha maldição, e como recompensa.

lhe darei um lugar ao lado do meu trem. - Malévola considerando a boa oferta de Aurora prometeu que faria o que estivesse ao seu alcance para quebrar a maldição.

Antes de ir Aurora pediu para que lhe fizesse uma coisa que poderia servir como laxante, Malévola ficou em dúvida de como uma princesa a usaria mas a fez sem mais nem explicação.

No dia seguinte de volta ao castelo Aurora se preparava para receber mais visitas para beijá-la, mas antes de chegarem ela pegou o pequeno frasco com a poeira de Malévola e o despejou o conteúdo no chá que seria servido ao jantar.

E então pela tarde, início de uma sala de visitas cheia de homens, Aurora os avistava correndo em direção aos banheiros do castelo com as mãos atrás das calças. Percebendo que teria o resto da tarde livre, Aurora iria em direção a floresta para ajudar Malévola com a cura.

Malévola a recebeu com um sorriso e ao longo da tarde haviam conversado e tentado fazer de cura em Aurora com o fim de descobrir se algo funcionaria, mas não houve nada além de fracasso.

Com o intuito de aliviar a expressão de tristeza de Aurora, Malévola a mostrou várias coisas desde as joias cadeiras dançarem até que as pássaros ali perto sentassem como se fossem humanos.

Era a primeira vez que Aurora esquecia o modo de sentir seu tempo acabando quem-

do estava com Malévola, parecia que o tempo era apenas uma caixinha de surpresas com a feiticeira da fada.

Antes de voltar ao palácio Aurora pensou sobre a diversão e o tempo livre que ela teria ao ver a feição de Malévola e pediu dessa vez que fizesse uma que causasse perda de memória.

Pela manhã seguinte Aurora despejou as feições em uma massa de leite, na sala de visitas enquanto bebia seu chá ela se divertia enquanto via que os rapazes ali não lembravam nem seu próprio nome e iam embora.

As observar o quanto era divertido sabotar seus pretendentes ela havia decidido que pediria feição com diferente feitiço à fada.

Entre idas e voltas da floresta por três meses e nada além de fracasso, em uma tarde na cabana Aurora finalmente decidiu que morreria e começar a chorar em desespero. Em tentativa de consolar-la Malévola a abraçou em um abraço e beijou o topo de sua cabeça.

Logo depois Aurora sentiu uma forte sensação de queimação em seu antebraço e ao olhá-lo percebeu que a marca da maldição estava brilhando e lentamente desaparecendo, ainda perplexa Aurora se deu conta de que Malévola havia quebrado sua maldição.

Quando estava prestes a voltar ao castelo ela havia dito a Malévola que daria a seu pai e voltaria para buscá-la.

Ao voltar para o castelo e ir em direção ao seu quarto, Aurora havia dado de cara com sua

mãe que tinha um irmão as pequenas graças de
fação que ela havia escondido em seu quarto.

Naquele momento Aurora temer perder o senti-
tulo de realza ou pior e então alegou que Ma-
lincala a havia enfeitado para que conhe-
cesse os pretendentes e em breve a família real.

Com essa notícia a sua mãe ordenou que
seus soldados encontrassem a fada. E depois de
dois dias Aurora recebeu a notícia de que Malí-
ncala havia sido queimada viva por bruxaria
e conspiração contra a família real.

Enquanto Aurora tinha um longo reinado
pela frente, decidiu que se casaria com um
noivo escolhido por sua mãe e viria com
o peso de sua ganância ter sido o motivo da
morte de uma pessoa, da morte de seu amor ver-
dadeiro.

CONTO ALUNO B

1

Chapeuzinho e a Fábrica

Havia uma criança de capuz vermelho e com uma cestinha de doces feita à mão caminhando pela floresta para entregar doces. Caminhando pela floresta, a garota conhecida como Chapeuzinho Vermelho pensa: - Tanta árvore para nada, há árvores para todo conto... Seria melhor se tivesse algo mais útil, um lugar só para doces. Chapeuzinho Vermelho então pensa na ideia de criar um lugar para que tenha mais doces, ela acha que apenas os doces feitos à mão não são suficientes.

A caminho da casa da vovó, um lobo aparece. Ele diz:

- Ei, Chapeuzinho, O que há dentro desta cesta?

Chapeuzinho responde: - Doces, muitos doces.

O lobo diz:

- E para quem são?

- São para a minha vovó, minha mãe pediu para que eu mandasse para ela.

- O que você acha de eu levar os doces até ela? Pouparia seu tempo para fazer mais doces.

O lobo estava com a boca salivando, ele estava pensando em alguma coisa. Comer os doces talvez?

- Você por acaso está querendo comer os doces da vovó?

- Não não, não é isso, eu só quero te ajudar.

- Sua cara diz o contrário, você está tramando algo.

O lobo tenta pegar a cesta mas a Chapeuzinho consegue desviar, o lobo tenta de novo e é atacado com um galho pela cabeça.

- Você não vai pegar esses doces, lobo mau.

- Por favor, deixe-me ir, eu estou apenas com fome.

- Procure comida em outro lugar, caso não queira morrer aqui.

O lobo então sai do local e se esconde. A Chapeuzinho deixa cair a cesta e metade dos doces caem juntos, ela segue o caminho para entregar o resto dos doces à vovó, e ela pensa na ideia de como criar mais doces em menos tempo, assim evitando que tenha que fazer tudo de novo quando perder.

As longos do caminho, ela encontra o lenhador, ele estava descansando em um tronco de árvore cortado. A Chapeuzinha lembra da ideia de um lugar para fazer doces, e conversa com o lenhador.

- Senhor lenhador, como vai?

- Vou bem, minha jovem. E a senhorita? - carismática responde o lenhador.

- Vou ótima. Seria mais direta, gostaria de te dar uma proposta.

- Que tipo de proposta? - pergunta o lenhador desconfiado.

- Percebe que há muitos árvores por aqui? Pois então, eu gostaria de que o senhor me ajudasse a tirar elas, pretendo criar uma fábrica de doces para fazer mais doces para minha vovó, e quando o trabalho estiver feito, darei 50% de todo o lucro pelo trabalho. O que acha?

- Minha jovem, dizendo eu não consigo fazer tudo isso.

- Mas você é um lenhador, não conhece outros que possam ajudar? Assim será mais fácil e rápido.

O lenhador aceita a proposta, e logo chama amigos lenhadores para ajudar, e explica tudo. 20 amigos do lenhador aceitam ajudar em tudo, portanto que dividissem uma porção do lucro. A Chapeuzinha concorda, e logo manda eles ir em os trabalhos enquanto ela até a sua vovó.

Chegando na casa da vovó, a chapeuzinha chega animada para anunciar à vovó.

- Vovó, eu tive uma ideia incrível! O que você acha de eu criar uma fábrica de doces? Assim você nunca perderá seus docinhos e sempre terá mais e mais!

A vovó logo se anima e fala:

- Chapeuzinha! Você é genial! É óbvio que eu aprovo, minha netinha, isso seria perfeito para nós duas. Mas acredito que o único problema seria a aprovação da sua mãe, não?

- Verdade, ainda tem isso, mas ainda assim acho que consigo a aprovação dela para fazer, eu já encontrei alguns lenhadores

para destruir a floresta, em pouquíssimo tempo eles derrubaram muitos árvores, eles são os melhores da região.

- Pode ser, mas ainda assim é preciso da aprovação da sua mãe para conseguir essa fábrica com sucesso, então adiante logo e vá falar com ela!

A Vovó estava tão animada que esqueceu até mesmo dos doces. Então a Chapeuzinho rapidamente corre até sua casa. No caminho ela observa e o trabalho dos lenhadores está quase pronto.

Chegando na sua casa, ela pergunta a sua mãe sobre a aprovação para fazer uma fábrica, a mãe recusa rapidamente explicando porque isso seria uma má ideia, pois iria diminuir grande parte da floresta e isso causaria problemas para todos, inclusive os animais. A Chapeuzinho não gosta da resposta da mãe, e diz que se ela não é sua aliada, é sua inimiga. Furiosa então Chapeuzinho sai em busca de mais trabalhadores para construir a fábrica. Ela consegue mais 50 trabalhadores que junto dos lenhadores, terminam a fábrica em pouco.

Como consequência de toda a construção, a floresta foi destruída e atrapalhou a vida dos animais que nela moravam. O lobo vê toda sua lar ser destruída e algo sendo construído por cima, ele busca saber o que está acontecendo e pergunta os lenhadores quando o encontram?

- O que está acontecendo? Por que a floresta está sendo destruída? - pergunta o lobo, em desespero.

- A Chapeuzinho pediu para fazermos uma fábrica, ajudariam ela a fazer e ela pagaria 50% do lucro para nós.

- Mas esse dinheiro compensa a destruição? - questiona o lobo.

- Você tem razão, não vale a pena, tudo está sendo destruído, isso causou problemas para você também. Perdê-me, lobo.

O lenhador se apressa, implora por perdão ao lobo, o lobo o perdoa.

O lobo convence o lenhador de sair dali, o lenhador e o lobo fogem e eles planejam como impedir a Chapeuzinho de tudo isso. O lenha-

do da ideia de se encontrarem com a mãe da Chapeuzinha, para falar com ela sobre os atitudes egoístas e gananciosas, e eles vão até lá visitar a mãe da Chapeuzinha. Chegando na mãe da Chapeuzinha, o Lento conversou como a mulher.

- Senhora, perdoe-me a intuição, mas sua filha está causando uma catástrofe com essa fábrica?

- A minha floresta está sendo queimada, vários animais morreram, isso está destruindo tudo, não vai impedir sua filha? - Diz o lobo desesperado.

A mãe da Chapeuzinha com uma lágrima no seu rosto diz:

- Não há o que possa ser feito, já conversei com a Chapeuzinha, mas ela não me escuta mais, ficou cega pelo dinheiro e pelos doces. Até mesmo a vó dela aprova a ideia. Infelizmente nós nos temos que conformar.

O lobo então pergunta:

- Então, fiquei sem minha casa? Morerei por conta da destruição?

- Há uma floresta densa onde ninguém pisa, fica ao Oeste daqui a dois dias de caminhada, sigam para lá e ninguém incomodará vocês. - A mãe da Chapeuzinha fala com tristeza em sua voz.

O lobo e o lento então decidem ir para lá, ao longo do caminho eles observam o desastre causado pela ganância da Chapeuzinha, vendo todos os animais serem destruídos. A fábrica de doces deu certo, para Chapeuzinha, é claro. Vendeu muitos doces e os trabalhadores tiveram que dividir 0,5% de toda a lucra obtida, a Chapeuzinha havia mentido sobre dar 50%. Toda a floresta foi destruída pela ganância da Chapeuzinha, trazendo muitos problemas ambientais.

O lento e o lobo foram morar na floresta dita pela mãe da Chapeuzinha, infelizes por não terem feito nada, mas seguros.

A floresta era herança da mãe da Chapeuzinha, apresentada para o lento, que ele transformou em uma reserva ambiental.

Assim, ali pelo menos a Chapeuzinha não poderia destruir com a ganância dela.

CONTO ALUNA C

A madrasta em cordel

Sente aqui e se aconchegue
para ouvir esta história que é muito legal.
A história da Cinderela em cordel
Com certeza vocês vão amar
Tem muita coisa boa e também cruel.

Ali no reino encantado vivia uma bruxa
Cheia de encanto e solidão
Sonhava em se casar com um príncipe
E ter filhos de montão

Um dia apareceu
Um homem rico trazendo uma filha
Que se chamava Cinderela
Que era feia e muito má.
Ele pensou em se casar
A bruxa queria um lar
E assim se uniram para o amor eterno
Mas o marido da bruxa madrasta
Ficou doente e morreu
Trazendo-lhe tristeza pelo que aconteceu.

Cinderela é tão malvada não tem amor no coração
Maltrata a sua madrasta sem dó e sem compaixão.

Certo dia foi anunciado
que no reino haveria uma festa
Todos sabem que o jovem príncipe
iria escolher uma jovem para casar.

Foi aquele alvoroço das meças pra ficarem belas
Foram todos se afetar.
Mas Cinderela com inveja da beleza da madrasta

Não deixa ir ao baile do castelo
Dizendo você não tem roupas nem tão pouco dinheiro.

A madrasta passou a chorar
Mas apareceu seu padrinho que lhe disse
Não choras mais porque eu estou aqui.
Com a minha varinha mágica você vai poder ir
Transformar um coquinho luxuoso numa alôndra
Puxado por quatro luxos fios e metros
E deste pano farei um vestido lindo e perfeito.

Chegando ao baile todos ficaram admirados
Com essa mulher
O príncipe quis logo saber quem é.
A madrasta com medo saiu correndo.
No meio da multidão
Deixando seu dinheiro
e com o alôndra na mão
Escapou na escuridão.

O príncipe João encantado pela bruxa
Tentou descobrir onde ela morava
Sabendo o que sucedeu
que Cinderela era má
foi logo buscar a madrasta
com seu cavalo preto
ele levou a bruxa para o castelo
Apresentou para o rei e a rainha
Dias depois eles foram se casar
Assim diz esta história que posso compor.

CONTO ALUNA E

Kelly

Kelly vivia com sua mãe e seu pai, em uma casa luxuosa. Só que Kelly era muito mimada por sua mãe e seu pai principalmente por sua mãe, que sempre quis uma menina, e com Kelly sua filha única acabou que ela foi bem mimada.

Infelizmente quando Kelly tinha 16 anos sua mãe teve uma infecção, infelizmente não sobreviveu.

Um ano depois Kelly já tinha 17, quando seu pai resolveu casar novamente com uma viúva que tinha 2 filhas chamadas Emmy e Julie. Kelly não gostou da ideia de seu pai se casar novamente ainda mais com uma mulher que já tinha outras filhas, ela realmente não gostava de dividir nada principalmente a atenção de seu pai.

Um dia seu pai teve que viajar a negócios, só que um 4 horas depois tiveram a notícia de que o carro em que o pai de Kelly estava capotou, não houve sobreviventes, Kelly ficou muito abalada com a notícia, principalmente que seu pai era a última família que ela tinha. Então Kelly teve que morar com sua madrinha.

O ano passou rápido, já era final de ano e com ele o baile de formatura da escola Emmy, Julie e Kelly estavam muito ansiosas para o baile então foram

as compras, e Kelly comprou um vestido azul rodado com bridas.

O dia do baile finalmente chegou e Kelly estava linda, ela foi com suas irmãs em uma Ferrari vermelha. A festa estava muito legal até chegar a hora de ser escolhido o rei e a rainha do baile, Kelly foi eleita a rainha, mas para a surpresa de todos quando anunciou o rei era um nerd que não tinha nem um amigo, era baixo, feio, chato, gordo, mal educado, era cheio de espas e cravos sem falar que ele era inconveniente.

Na hora de dançar a valsa, tinha um pequeno problema Kelly não sabia dançar valsa.

- Ei - quite o nerd - meu pé.

- Desculpa - disse Kelly - eu não sei dança valsa.

- problema seu, você é bem mais burra do que eu pensava e ainda por cima é feia - resmungo o nerd - quem é que não sabe dança valsa.

- Em primeiro lugar que você pensa que é para me chamar de burra?

- Jack Vincent marchand.

- Quem?

- Eu.

- Você pergunta.

- Você.

- Não, perguntei quem você pensa que é para falar dessa forma comigo, não seu nome, seu sobrenome, tá vendo que quem é burra é você.

- Coitada.

Kelly fica bem brava, aquele menino era tão irritante, as horas foram e já era quase meia noite, quando Emily e Julie ficaram se despedir, pois já era hora para casa. Quando elas saíram o Jack tenta beijar a força Kelly, Kelly ficou assustada e se caçando com tanto pavor que disse que tinha coisa na escada e volta para pegar pois a ténis é cara, mas quando pega a ténis, Jack a alcança.

- Ei você

- O que você quer em?

- Porque fugiu, você não vai ficar comigo

- Mas claro, que eu não iria ficar com você.

- Não entendo, você já namora

- Não, eu não namora

- Então, você vai ficar sozinho?

- Como assim?

- Você tem que ficar com alguém

- Porra isso é a coisa mais idiota que já ouvi.

- Mas como você vai ser feliz sozinho?

- Para a sua informação eu não preciso de ninguém para ser feliz, e ainda digo mais para mim o que importa é o money e - respira fundo - Você perdeu?

- Foi mal

- Porra na puta, eu quero você bem longe

Kelly viaja para França e está fazendo Direito, ela vive uma vida luxuosa com sua herança, que seu pai deixou para ela e tem carro, um mansão só para

ela, mora em frente a Torre Eiffel, tem um iphone de ultima geração, ipad entre outras coisas.

- Ah que delícia - bebi um gole de vinho - que vista linda para Torre Eiffel, vou até tirar uma foto - tira uma foto - Vou mandar para Enmy e Julie.

E ela viveu feliz para sempre sozinha em sua mansão.

Fim

Morão: Não precisamos de ninguém para ser feliz, podemos muito bem viver felizes sem um parceiro(a), então não ache que para ter um final feliz na sua vida tem que ter alguém com você.

CONTO ALUNA J

A Branca de Nete que de Branca não tem nada
 ela é mesena com cabelos enrolados e preto, e nos
 Pontus e Brancos. Por isso o apelido dela é
 "Branca de Nete", ela pintou os pontus dos cabelos
 de Branco, ela nasceu no Rio de Janeiro, no cular
 Branca de Nete se transformou numa "Branca de
 Rock" e um ritual chocante em seg. de Fomeis ela
 também tem uma Branca chamada Rebeles, com seus
 Lombombinas, fustas dos texos (Musical que faz
 o flautista Branca de Nete não esquece
 Por um princípio encanteado. Por ela que dominou o palco
 e desceste, apareceu um princípio e ficou encanteado com
 seu estilo único. Por isso que ela se tornou o estrela
 que todas nós queríamos ser. A Branca de Nete
 passou por momentos muito difícil quando a mãe
 dela morreu e o pai dela passou de morte, ela ficou
 a ideia de adotar mulheres de cor e no lugar
 da mãe e usou os laços da mãe. E ela tem muito
 medo de medusa. Por que ela parecia uma Branca
 Mãe. A Branca Mãe que contemta a mãe e tenta
 mistar a Branca de Nete no conto original. e um dia
 a madrastra aparece lá no Castelo vestida com roupa
 de Branca com seu cabelo preto e sua Veanga no
 nariz, e ela levou tanta susto que acabou caindo
 da escada e ela caiu com uma axada de Branca e ela
 viu que não sobrevivia mais e o pai acabou assim
 também, só que eu não vou mencionar, graças. E
 a madrastra ajuda a Branca de Nete por que ela
 tem muitos leões Saffre Hall. É chora a madrastra
 ajuda e ela descobre que a madrastra não é vilã
 e só uma atriz meluca com ~~um~~ um aspecto de

Mas um pouco preguiçoso por isso nunca quis ter,
 preparar comida gostosa e sentar-se na mingau.
 Braca de noite estava animada por que era o mês
 do carnaval e ela queria ir ver os desfiles famosas
 do Rio de Janeiro mas a modesta preferiu e
 insistentemente entrou e o marido id participarem
 do carnaval travestido e sem tanto luxo ali mesmo
 dar suas conta do castelo. Os poucos meradores
 não precisam se mistar escondido ou gostando em
 roupas iguais às do desfile suas escolhas de Santa
 Paden pegou qualquer roupa, tentaram qualquer
 fantasia de cores simples e sem suas suas
 utimas para se divertir, brincar, cantar e rir.

CONTO ALUNO E

A CHAPELZINHO PRETO

A CHAPELZINHO PRETO ESTAVA LEVANDO
 COMIDA PARA A SUA VOVZINHA, PORÉM COM SEM
 CORDÃO APANHOU SEUS CHIELOS DE VENENO VINDO
 DA CESTA DA CHAPELZINHO, O LOBO VAI SE APROXIMANDO
 AVISAR A VOVZINHA, PORÉM A VOVZINHA ESTAVA
 COM MUITA fome, aí a VOVZINHA ESCURTAVA
 E FAZIA O LOBO, MAS ANTES DO LOBO MORRER, ELE
 FAZIA O MOTIVO DA CHAPELZINHO TER FEITO ISSO
 FOI POR CAUSA DA HERANÇA DA VOVZINHA,
 MAS A VOVZINHA NÃO ELUTOU E MURDERE ENVENENADA
 O CAÇADOR, VIO TUDO E ELE VAI ATRÁS DA CHAPELZINHO
 PRETO, CHEGANDO EM UMA LAVANDA MUITO ESCURA, ELE
 ENCONTRA A CHAPELZINHO PRETO ELA TENTOU SE
 EXPLICAR PORÉM O CAÇADOR CONTEVEU A ATITUDE NA
 FINAL O CAÇADOR FOI ENCORADO PORIS O QUE
 ELE AVIA CONTEVEU ERA ASSASSINATO, E O LOBO QUE
 TENTOU SALVAR A VOVZINHA ACABOU SE DANDO
 MAL E MORRER NO FINAL.